



Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Universidade de Lisboa  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território  
Faculdade de Letras  
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

**Intendente: Turismo, Consumo e Lazer num  
Território em Transformação**

**Ana Margarida Moura Magalhães**

Dissertação de Mestrado orientada  
pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Alves  
Mestrado em Turismo e Comunicação

2016



Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Universidade de Lisboa  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território  
Faculdade de Letras  
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

**Intendente: Turismo, Consumo e Lazer num  
Território em Transformação**

**Ana Margarida Moura Magalhães**

Dissertação de Mestrado em Turismo e Comunicação, sob a orientação da  
Professora Doutora Teresa Alves, para obtenção do grau de Mestre em  
Turismo e Comunicação

2016

## *Agradecimentos*

Agradeço à minha orientadora, Professora Teresa Alves, que desde o primeiro momento me acolheu e me motivou, de forma gentil mas com firmeza, sobretudo na altura em que este parecia um caminho quase impossível de trilhar.

Agradeço também ao Professor Carlos Ferreira, que na época inicial das grandes dúvidas teve a generosidade de me encaminhar para a orientadora certa.

Pelo contributo crucial e abnegado que deram na facilitação da recolha de informação e desenvolvimento do trabalho no terreno agradeço a Carina Rodrigues, Hugo Cardoso, Josiane Lima, Laurie Calvet, Luísa Martins, Marta Silva, Miguel Abreu, Miguel Fernandes, Nuno Vasco Franco, Susana Alves, Teresa Costa Reis e, muito especialmente, ao Augusto Fernandes.

Em termos pessoais, agradeço à Eva Maria Blum pela presença serena e confiante; à Ana Meneses, pela motivação e também pela ajuda com as imagens dos mapas; ao Carlos Ricardo e à Maria do Céu Ricardo, meus amigos de todas as horas.

Por fim, agradeço ao Daniel Lopes, pelo apoio firme, constante e incondicional.

## ***Resumo***

A presente dissertação traça um retrato etnográfico do processo de regeneração urbana da zona lisboeta do Intendente (2009-2016), apoiada num trabalho de campo de cerca de oito meses, tendo como enfoque principal os frequentadores e os diferentes usos dados a este território.

Em primeiro lugar, é indubitável que esta regeneração foi bem-sucedida, após muitas décadas de progressiva degradação e alguns impulsos de reconversão prévios que acabaram por não surtir grande efeito, e teve consequências visíveis ao nível da captação de novos públicos para fins de lazer e turismo. Mas esta captação – que mobilizou um conjunto específico de agentes, atividades, recursos e meios de comunicação – não ditou o desaparecimento absoluto do velho Intendente marginal e multiétnico. Daí, em segundo lugar, a ideia de um Intendente multiusos, decorrente da sobreposição de vários mundos sociais em torno do largo homónimo, a partir da qual questionamos a aplicação da ideia de gentrificação a esta zona (pelo menos na aceção clássica que implica a substituição de um grupo de moradores por outro dotado de mais possibilidades económicas) bem como o paradigma residencialista que tem marcado as etnografias de bairro. Em terceiro lugar, defendemos que o esforço regenerador procurou unificar os diferentes mundos do Intendente em torno de uma noção de bairro personificada num conjunto específico e facilmente identificável de frequentadores – conjunto esse que pode ser entendido como constituindo uma comunidade.

Embora o objeto que escolhemos se destaque sobretudo pelas suas valências em termos de consumo e lazer, não restam dúvidas de que as características *sui generis* do Intendente regenerado fazem com que o mesmo se assumia igualmente como um produto turístico. Para além duma considerável variedade de espaços comerciais, a zona dispõe efetivamente de recursos histórico-patrimoniais e de lazer que estimulam atividades de passeio (a pé ou de bicicleta), fotografia, gastronomia e diversão noturna perfeitamente integráveis em diversas modalidades de turismo. Neste âmbito, identificámos quatro tipos de frequentadores do Intendente: jovens estudantes Erasmus, de proveniência europeia; pessoas de diversas nacionalidades e que passam por Lisboa para visitar amigos ou familiares; viajantes em trabalho (nomeadamente conferencistas ou criadores envolvidos

em residências artísticas); e pessoas em férias, algumas das quais enquadráveis nos estereótipos do turismo de massas.

***Palavras-chave:*** Largo do Intendente (Lisboa), regeneração urbana, mundos sociais, etnografia, turismo.

## ***Abstract***

This dissertation presents an ethnographic portrait of the urban regeneration process taking place in the Lisbon area of Intendente (2009-2016), supported by eight months of fieldwork focused on the different visitors and users of this territory.

After decades of progressive degradation and some previous attempts to intervene in this territory that ultimately failed to produce any major effect, undoubtedly this was a successful regeneration, with visible consequences in terms of the captation of new publics for recreational purposes and tourism. But such a captation — which mobilized a specific set of agents, activities, resources and communication vehicles — did not dictate the absolute disappearance of the old marginal and multi-ethnic Intendente. Therefore, we present the idea of a multi-purpose Intendente, due to the overlapping of various social worlds around the homonymous square. This idea also forms the basis from which we question the use of the gentrification concept to categorize the changes occurring in this territory (at least in the classical sense, which entails the replacement of a group of residents by another one, endowed with higher economic capacity) and the residential paradigm that has marked urban ethnographies in recent decades. Thirdly, we argue that the regeneration effort sought to unify the different worlds of the Intendente around an ideal of neighbourhood embodied in a specific and easily identifiable set of regular users — who can be understood as constituting a community.

Although the object we have chosen stands out due to its valences in terms of consumption and leisure, there is no doubt that the *sui generis* features of the regenerated Intendente also make of it a touristic product. Apart from a considerable variety of shops, the area is endowed with historical and heritage resources and recently rehabilitated public spaces, which encourage different leisure activities, like walking or cycling, photographing, trying several types of gastronomy and enjoying the nightlife, all of which are perfectly integrable in several tourism modalities. In this context, we have identified four types of Intendente visitors: young Erasmus students, of European origin; people of different nationalities, passing through Lisbon to visit friends or family; business travellers (particularly lecturers or creators involved in residencies); and people on vacation, some of them encompassed in the mass tourism stereotypes.

**Keywords:** Largo do Intendente (Lisbon), urban regeneration, social worlds, ethnography, tourism.

## *Índice*

Agradecimentos .....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	VI
Índice .....	VIII
Índice de mapas e quadros .....	IX
1. Introdução .....	1
1.1 Coordenadas .....	2
1.2 Fazer turismo no Intendente .....	3
1.3 Métodos .....	5
1.4 O argumento .....	8
2. Entrecruzamentos teóricos .....	10
2.1 Quem está no bairro: as etnografias urbanas .....	10
2.2 Caminhos de gentrificação .....	13
2.3 A criação das cidades criativas .....	17
2.4 Informalidade e muita variedade: circuitos económicos e mercados .....	19
3. O Largo ao longo da história: bucolismo e bulício, seringas e espetáculos .....	23
4. Como chamar as pessoas .....	38
4.1 De uma tarde no largo.....	39
4.2 Lugares de transformação .....	41
4.3 Variedades e processos de captação .....	47
5. Um Intendente multiusos .....	61
5.1 Usos renovados .....	61
5.2 Usos sobrepostos .....	65
5.3 Interseções e fricções .....	72
6. Unindo os pontos .....	77
6.1 Ideias e ideais de comunidade .....	77
6.2 O almoço de toda a gente .....	79
6.3 Um certo sentido de comunidade .....	83
Considerações finais .....	91

Bibliografia .....	95
Discografia .....	102
Créditos das imagens .....	102
Créditos dos mapas .....	103

### *Índice de mapas e quadros*

Mapa 1: O Intendente na segunda metade do século XIX .....	25
Mapa 2: Área a norte do Intendente .....	26
Mapa 3: Regeneração do Intendente .....	46
Mapa 4: Percurso noturno .....	65
Mapa 5: Estabelecimentos do Intendente .....	68
Quadro 1: Sistema de captação de novos públicos .....	49



## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos cinco anos, a zona lisboeta do Intendente — nomeadamente o largo e as ruas adjacentes — conheceu uma transformação significativa. Se os seus edifícios se mantiveram os mesmos, a estirpe dos seus frequentadores parece ter sido substancialmente alargada. De tal modo que, após décadas vividas sob o signo da má-fama, em que o lugar se firmou como um sinónimo de prostituição, criminalidade, consumo de estupefacientes e outras práticas de *bas-fond*, o Intendente despertou como palco de lazer noturno e diurno associado a fenómenos de multiculturalidade e criatividade cultural. O espaço público do largo foi renovado e, de um momento para o outro, começaram a surgir por ali estudantes, criadores, turistas e famílias com as suas crianças, ao mesmo tempo que as prostitutas e os consumidores de droga se tornavam menos conspícuos, ainda que a sua presença continuasse a ser notada. Este trabalho propõe-se descrever e analisar esta transformação social e urbanística, por vezes apelidada de “gentrificação” ou, de forma um pouco mais neutra, “renovação” (ambos os termos nos parecem, no entanto, discutíveis, por razões que exporemos adiante). O nosso enfoque será maioritariamente etnográfico, prestando atenção a quem está no Intendente, seja de forma mais permanente ou simplesmente de passagem, e quais os usos que são dados a este espaço. Pareceu-nos que esta abordagem poderia ser a mais profícua na tentativa de captar, de um modo que se deseja tão revelador quanto possível, as diversas cambiantes de um contexto urbano híbrido e em contínua e forte transformação.

A introdução a este trabalho está dividida em três partes. Na próxima secção dedicaremos alguma atenção a termos e conceitos nucleares no âmbito da nossa pesquisa (desde logo, a definição da zona em estudo e a caracterização da transformação a que a mesma foi sujeita). Embora esta dissertação contenha um capítulo inteiramente dedicado ao enquadramento teórico, onde algumas das questões conceptuais aqui levantadas são aprofundadas, outros termos mais laterais, mas igualmente recorrentes (como, por exemplo, o de “turismo”) merecem ser introduzidos desde já. A secção seguinte descreve os principais métodos usados na recolha de informação. Por fim, e como não podia deixar de ser, a terceira secção oferece um resumo dos vários capítulos que compõem a dissertação, servindo para apresentar o argumento central aqui em causa.

## *1.1 Coordenadas*

Impõem-se, antes de mais, algumas considerações relativas à circunscrição do terreno em análise. Embora nos últimos anos se tenha começado a falar de um “Bairro Intendente”, esta designação não aponta para nenhuma realidade equiparável, por exemplo, às dos bairros de Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Madragoa ou Bica. Neste sentido, o que se propõe nesta dissertação não será exatamente uma etnografia de bairro. De resto, a delimitação de uma área de estudo não se revelou imediata, obrigando-nos a perceber, numa fase prospetiva da pesquisa, quais os locais mais significativos no que respeita às dinâmicas vividas atualmente no Intendente. Após algumas idas ao terreno, acabou por se tornar clara a existência de três eixos fundamentais, sendo o primeiro o Largo do Intendente Pina Manique, base primacial do processo de regeneração iniciado em 2011, epicentro espacial e social da zona, donde irradiam as outras duas artérias fundamentais a este trabalho: o troço da Rua dos Anjos antes da interseção com a Avenida Almirante Reis e a Rua do Benfornoso. Assim, ao longo das páginas que se seguem, a expressão “Intendente” será usada maioritariamente por referência a estes três eixos. Como todas as circunscrições, também esta se revela arbitrária e ligeiramente artificial, servindo essencialmente para delimitar o trabalho de investigação e permitir que este se torne exequível.

Quanto ao processo de transformação em curso na zona assim delimitada, designá-lo-emos preferencialmente através da expressão “regeneração”, tal como surge caracterizada por Mendes (2013). As alternativas mais óbvias — “renovação” ou “gentrificação” — parecem-nos discutíveis essencialmente porque apontam para um corte entre o presente e o passado, com contornos excessivamente urbanísticos no primeiro caso e classistas no terceiro. Como procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho, a transformação do Intendente é sobretudo um fenómeno social que não acarretou, até ao momento, um corte radical com o velho Intendente, de má-fama — o qual subsiste, pelo menos em parte. Poder-se-ia falar, eventualmente, de “reabilitação urbana”, na medida em que parte crucial das mudanças recentes ocorreram a partir de uma forte intervenção no espaço público e em alguns imóveis, sob a égide dos poderes públicos, nomeadamente a autarquia e a Junta de Freguesia de Arroios. Mas correríamos o risco, ao adotar tal expressão, de atribuímos a estes atores uma predominância talvez

excessiva, esquecendo outras dinâmicas ativas e com implicações na atual mudança de cenário (para uma crítica mais ampla do alcance das noções de “renovação”, “reabilitação” e outras hipóteses conceptuais, veja-se também AAVV, 2005: 17-25, para além de Mendes, 2012). Assim, o termo “regeneração” parece-nos, por ora, o que melhor traduz a génese da transformação em curso no Intendente — uma intervenção urbana estratégica e programada; assente num planeamento que, para além do edificado, contempla também a dimensão social do processo; denota uma orientação para o mercado e para o consumo; realiza uma abordagem sustentada em parcerias que visa a valorização de uma área urbana até aí em declínio e o melhoramento da qualidade de vida de quem dela usufrui (Mendes, 2013).

## ***1.2 Fazer turismo no Intendente***

As transformações em curso no Intendente têm implicações óbvias em termos de turismo e é sobre isso que nos propomos agora falar. De um modo geral, o bairro regenerado do Intendente pode ser visto como mais um atrativo da cidade de Lisboa, num período em que — por boas ou más razões — a capital se mostra particularmente favorável ao desenvolvimento da oferta turística. Sob este aspeto, o Intendente apresenta efetivamente recursos turísticos diversos: alguns edifícios de evidente valor patrimonial, agora revalorizados; restaurantes e bares; *hostels* que começam a surgir; pequenos monumentos, como a Taça-Bebedouro ou o Kit Garden, num espaço público requalificado. Mas de que falamos quando usamos a expressão “turismo”?

Aceitando como válida a ideia de que a experiência turística envolve uma viagem e uma estadia temporária num local diferente daquele onde se reside (cf. Smith, 1989), torna-se imprescindível acrescentar que o turismo está longe de constituir um fenómeno uniforme. Daí a tendência — que marcou o desenvolvimento da chamada antropologia do turismo — para se falar em variedades ou tipos de turismo (Chambers, 2010; Smith, 1989) ou ainda, numa perspetiva mais aplicada, em produtos turísticos. Na base do carácter multifacetado da noção de turismo estão certas transformações estruturantes ao nível da organização social e laboral no ocidente, como a diluição dos tempos de trabalho ou as alterações das condições sociais e económicas inerentes à atividade laboral. O forte impulso do turismo de massas após a II Guerra Mundial assentou largamente no

reconhecimento do direito a horários de trabalho definidos e razoáveis, bem como a férias remuneradas (Umbelino, 1999; Judt, 2007: 398). Ora, nessa altura, quando as fronteiras entre o tempo de trabalho e de descanso estavam menos esboroadas e as próprias práticas laborais se revelavam menos flexíveis e precárias, o tempo do turismo e os tipos de turismo praticado eram passíveis de ser mais nitidamente delineados.

Obviamente que a viagem turística nas férias de verão não desapareceu de todo e é bem sabido como o turismo de massas tem invadido Lisboa nos últimos anos. Mas a estas formas de viagem devem acrescentar-se outras modalidades que dão conta duma realidade mais rica e matizada. Na verdade, a experiência turística pode perfeitamente misturar-se com outras – como o trabalho temporário no estrangeiro, a terapia de doenças (como em Quintela, 2001) ou o voluntariado (Wearing, 2001). Tendo em atenção o cenário que estudámos — urbano, cosmopolita e com as marcas da globalização — parecem-nos particularmente pertinentes as propostas de John Urry relativas à mobilidade. Segundo Urry (2007: 4-6), desde finais do século XX que o número de pessoas em trânsito tem aumentado (um número sem precedentes em contexto de paz), sendo as distâncias percorridas também maiores, ao passo que o tempo usado para as percorrer diminui. As motivações para tão grande mobilidade são variadíssimas e o autor elenca de forma bastante perspicaz aquelas que considera serem as doze formas principais de viagem no mundo contemporâneo, e que têm como protagonistas desde homens de negócios, a refugiados, terroristas, ou pessoas em busca de cuidados específicos de saúde e bem-estar (Urry, 2007: 263-264).

Naturalmente, não é nossa intenção reportar-nos a um tão alargado universo quando nos referimos aos utilizadores e visitantes do Intendente regenerado que praticam uma determinada modalidade de turismo. Mas é possível distinguir pelo menos quatro tipos: jovens estudantes, maioritariamente europeus em regime Erasmus; pessoas cujo móbil crucial é o de visitar amigos ou familiares (correspondendo à categoria identificada pelo acrónimo *VFR / visiting friends and relatives*, abordado com maior pormenor em Larsen, Urry, Axhausen, 2007, e englobando várias nacionalidades não ocidentais); viajantes em trabalho (como é o caso dos conferencistas ou dos criadores envolvidos em residências artísticas); e pessoas em férias. Todos eles se constituem como potenciais praticantes de atividades mais comumente associadas ao turismo, como usufruir do património envolvente ou assistir e participar em eventos. O que fazem, aliás, na companhia de muitos lisboetas que também passaram a frequentar a zona para fins de lazer. A palavra ‘turismo’ aparecerá assim, ao longo do presente trabalho, para designar

certos tipos de aproximação e frequência do Intendente praticados por estas pessoas. Outros conceitos importantes, como os de “economia etno-cultural”, “*migrantscapes*”, “captação”, “mundos sociais”, “multiusos” ou “comunidade”, serão introduzidos ao longo do trabalho, na medida em que requerem uma contextualização teórica e empírica mais profunda e porque encontram o seu sentido mais claro na reflexão onde são referenciados.

### ***1.3 Métodos***

Como já referimos, este é um estudo de cariz etnográfico, ou seja, envolve uma estratégia de investigação assente no trabalho de terreno, desejavelmente prolongado e alicerçado em práticas metodológicas diversificadas, entre as quais se destaca a observação participante, sendo o registo das impressões recolhidas feito no diário de campo pelo próprio etnógrafo (Caria, 2005). Não é fácil determinar uma data precisa para o início, ou mesmo para o término, do trabalho de terreno que suporta parte crucial deste estudo. Fora do âmbito desta investigação, o contacto que tivemos com esta zona de Lisboa era regular mas bastante superficial. Desde 2005 que, por razões pessoais, passávamos com alguma assiduidade no troço da Avenida Almirante Reis paralela ao Intendente. Essa curta parte do percurso surgia marcadamente diferente do resto do caminho. Tendo como pano de fundo um ou outro polícia junto ao antigo cinema Lys (no início da descida da Rua dos Anjos), era óbvia a presença de toxicodependentes, pequenos traficantes, prostitutas esperando ou sendo abordadas por potenciais clientes, e era bastante vulgar testemunharmos desentendimentos e zaragatas sonoras com protagonistas cujo aspeto denunciava uma certa decadência e fragilidade física. A determinada altura essa paisagem humana alterou-se. Primeiro a zona ficou um pouco deserta, depois voltaram os frequentadores de antes, mas em menor número, como que numa versão menos pesada e cada vez mais misturados com outros frequentadores, dentre os quais sobressaíam jovens de aspeto cosmopolita e estrangeiros em passo de passeio e máquina fotográfica em punho.

Surgida a oportunidade desta pesquisa, decorreram em novembro e dezembro de 2014 as primeiras entrevistas, de carácter bastante prospetivo, procurando ainda uma ponta da meada. A elas se seguiram alguns meses de presença intermitente no Intendente e, de

maio a novembro de 2015, um trabalho de campo mais constante, durante o qual as idas ao terreno se tornaram quotidianas. Por fim, entre dezembro de 2015 e abril de 2016, fizeram-se as derradeiras incursões com vista à clarificação de um ou outro ponto que nos parecesse ainda dúbio. Assim, os dados empíricos originais que sustentam este estudo reportam essencialmente ao período que vai de novembro de 2014 a abril de 2016 e o retrato feito dá a imagem do Intendente — quem o faz e como é feito — nesta fase específica da sua história.

No âmbito desta investigação foram realizadas dez entrevistas formais, com gravação dos depoimentos. Entre os entrevistados contam-se três técnicos de instituições locais (um deles entrevistado duas vezes), quatro comerciantes e dinamizadores associativos da zona, um agente cultural e uma investigadora. A maioria destas entrevistas foram importantes sobretudo para uma orientação inicial, tendo a restante recolha de campo sido inteiramente apoiada em interações informais, por isso a sua transcrição não consta deste trabalho. Para além disso, julgamos que a literalidade inerente às entrevistas gravadas tende a condicionar consideravelmente o discurso dos interlocutores e fornece-nos um tipo de informação que, não sendo desprovida de interesse, não é aquela que se nos afigura como mais reveladora da realidade em estudo. Como referimos, no decurso do trabalho de campo tivemos oportunidade de conversar informalmente com diversos frequentadores e trabalhadores no Intendente, alguns dos quais se tornaram mesmo interlocutores privilegiados. Muitas destas conversas assumiram o tom de entrevista, numa postura ativa da nossa parte no sentido de procurar informação e esclarecer dúvidas. Toda esta informação foi posteriormente anotada em diário de campo.

Para além das dinâmicas do quotidiano, a observação de terreno contemplou ainda eventos organizados e devidamente agendados, os quais foram seguidos tanto a partir do espaço público como de alguns estabelecimentos comerciais que tiveram para nós o papel de “plataformas espaciais que funcionam como bases de sustentação diária” (nas palavras de Chaves, 2001: 189), providenciando a dose necessária de abrigo mas também de exposição para fazer observação e, quando tal se proporcionava, a alargar os nossos contactos no terreno. Este tipo de observação, dita não-participante, foi mais comum nas primeiras fases do trabalho de terreno, onde o que está acessível ao etnógrafo é o que é acessível a qualquer outra pessoa. O acesso a outras dimensões do terreno, ou a uma visão “por dentro”, desbloqueou-se a partir da interação com alguns trabalhadores e frequentadores do Intendente que acabaram por se tornar interlocutores privilegiados,

pela possibilidade que representaram de alargar os contactos, pelo grau de envolvimento no terreno e, enfim, pelo seu próprio gosto e disponibilidade.

Quanto à utilização ou não de pseudónimos, optámos por uma solução mista. Em alguns casos, as pessoas aqui mencionadas sê-lo-ão sem recurso a qualquer nome, ou então pelo uso de um pseudónimo, no sentido de proteger a sua identidade ou porque a sua identificação real não é relevante em termos do trabalho. Existem no entanto quatro casos em que se afigurou como mais coerente a utilização dos nomes reais — sempre com a permissão dos visados —, visto que se tratam de pessoas com uma relativa exposição pública local e cuja abordagem na nossa investigação está diretamente relacionada com o trabalho por elas desenvolvido no terreno, com contornos públicos e de autoria identificada. Nos casos em que se referenciam figuras públicas, naturalmente que se manteve também a identificação real.

Como não poderia deixar de ser, esta pesquisa implicou também recolha e análise documental, quer no âmbito da prossecução do trabalho de campo (com alguns destes documentos a serem-nos facultados pelos nossos próprios interlocutores), quer paralelamente a ele, decorrendo em bibliotecas e arquivos e também, inevitavelmente, na *internet* — com especial destaque para os arquivos *on-line* de periódicos onde pudemos recuperar algumas notícias e crónicas que nos permitiram reconstituir a evolução recente do Intendente.

Por fim, uma palavra relativamente às imagens, que pretendemos que ilustrem e completem este texto. A maioria das fotografias aqui usadas foram tiradas por nós ao longo do trabalho de terreno, todavia utilizamos também imagens da autoria de dois dos nossos interlocutores, Augusto Fernandes e Laurie Calvet, por forma a complementar e enriquecer as reflexões que aqui apresentamos através de olhares necessariamente diferentes do nosso, mas plenos de significados que importa ter em conta, como veremos no decorrer do trabalho. Usamos também fotografias da autoria da antropóloga Eva Blum, pessoal e profissionalmente interessada em acompanhar as mudanças em curso no Intendente, tiradas antes do início do nosso trabalho de campo. Finalmente, utilizamos algumas imagens de divulgação de informação e eventos, e ainda mapas temáticos da área em estudo.

## ***1.4 O argumento***

A presente dissertação desenvolve-se ao longo de cinco capítulos e uma conclusão.

No segundo capítulo será apresentado o enquadramento teórico deste estudo. De entre várias temáticas e problemáticas possíveis, escolhemos quatro que nos pareceram particularmente adequadas à reflexão suscitada pela regeneração do Intendente, tendo igualmente relevância em termos de turismo: aquilo que poderíamos designar como as etnografias de bairro, elaboradas por antropólogos e sociólogos, muito centradas em zonas urbanas de cariz popular e histórico; a vasta área de estudos em torno dos fenómenos de gentrificação, que abordaremos de modo mais sucinto e tendo em vista a discussão da aplicabilidade deste conceito ao contexto em estudo; as reflexões em torno do paradigma das cidades criativas, na medida em que possam remeter para alguns dos aspetos da regeneração do Intendente; e, por fim, a bibliografia dedicada aos circuitos económicos em associação com os fenómenos da globalização e das migrações, que também perpassam, como não poderia deixar de ser, pelo contexto urbano de que nos ocupamos.

O terceiro capítulo consiste numa breve história do Intendente, com especial destaque para o período que vai desde meados do século XX até 2011, durante o qual a zona parece ter começado a destacar-se essencialmente pela negativa. É pois contra este pano de fundo que a ideia de regeneração ganha sentido. Este capítulo surge sem subdivisões pois pareceu-nos mais adequado e harmonioso apresentá-lo enquanto linha cronológica contínua, ainda que com enfoques mais incidentes em determinados momentos históricos.

O quarto capítulo introduz a noção de “captação” (Cochoy, 2007) como forma possível de compreender a mudança relativamente rápida que ocorreu no Intendente, encarando-a como um esforço bem-sucedido de atração de novos frequentadores não mais intimidados pela aura negativa da zona. A captação de públicos representa portanto uma elaboração possível do tema da comunicação, particularmente aplicável à constituição de novos mercados e produtos (centrados, neste caso, nas áreas do lazer e do turismo). Mas atrair e manter públicos está longe de constituir um processo linear, exigindo um concurso de circunstâncias sociais, políticas e técnicas que importa clarificar. Através da ideia de captação estaremos igualmente a contornar algumas das limitações mais visíveis tanto nas etnografias urbanas (nomeadamente a primazia dada ao

critério da residência) como nas discussões em torno da gentrificação (onde sobressai sobretudo a ideia de uma substituição de classes no plano residencial) e a deslocar a atenção para aquilo que nos parece atualmente fundamental: os modos de usar e frequentar o Intendente.

O quinto capítulo considera os limites da regeneração e o modo como esta se encaixa num Intendente prévio e que, de certo modo, continua a existir. Falar-se-á, a este respeito, dos diferentes mundos sociais que orbitam em torno do largo, bem como dos seus entrecruzamentos e tensões. A imagem que subsiste não é, portanto, a de um Intendente gentrificado mas antes a de um Intendente multiusos, que se presta a diversas experiências, consoante a estirpe dos seus frequentadores, entre eles: turistas em férias, pequenos traficantes, imigrantes, artistas, estudantes, visitantes, prostitutas, etc...

O sexto capítulo procura unir a pluralidade de mundos anteriormente analisada em torno de um movimento comum potenciado pela regeneração operada pelos poderes públicos, movimento esse que engloba uma diversidade de atores cujo domínio de atuação extravasa claramente o dos órgãos de poder local ou associações. Ao conjunto destes frequentadores mais assíduos, oriundos de diferentes mundos sociais mas que se mostram unidos em torno da causa Intendente, chamaremos “comunidade” — mostrando aliás como a constituição de um coletivo urbano deste tipo não é de todo uma função da residência ou da classe social e reforçando a nossa perspetiva acerca da tendência para a sobrevalorização destas duas coordenadas em investigações anteriores. A comunidade nascida com a regeneração é um dado etnograficamente perceptível, ainda que a sua durabilidade permaneça uma questão em aberto.

Por fim, na conclusão, retomamos estas ideias, consideramos algumas limitações do presente trabalho e apontamos vias de desenvolvimento futuras.

## ***2. Entrecruzamentos teóricos***

A nossa análise valer-se-á de alguns enquadramentos teóricos e conceptuais que, em nosso entendimento, poderão ajudar a caracterizar as transformações em curso nesta zona da cidade numa perspetiva atenta aos diferentes tipos de utilização do espaço atualmente em jogo e os seus principais atores. Para efeitos de clarificação, dividiremos a exposição em quatro partes, cada uma delas correspondendo a uma área específica com implicações evidentes em termos de turismo. Assim, abordaremos em primeiro lugar as etnografias urbanas realizadas em bairros de Lisboa numa tentativa de perceber os seus eixos fundamentais mas também eventuais lacunas, que tentaremos colmatar no que respeita à nossa própria pesquisa. O tema complexo da gentrificação constituirá um segundo filtro na nossa análise, sobretudo na tentativa de perceber o que é que no processo de transformação do Intendente pode ou não ser abarcado pelas linhas que convencionalmente definem um processo de gentrificação. Daremos atenção, em terceiro lugar, à questão das cidades criativas, uma ideia que nos parece algo conjuntural, cuja prevalência a longo prazo nas ciências sociais não será ainda muito clara, mas que nos interessa por isso mesmo: de alguma forma, ela condensa um certo ar dos tempos em termos das aspirações cosmopolitas e políticas urbanas contemporâneas que têm orientado as mudanças no Intendente. Por fim, atentaremos nos circuitos económicos que enredam a zona em estudo, já que estes circuitos traduzem algumas características ineludíveis no terreno, como por exemplo o jogo mais ou menos obscuro entre transações formais e informais, a forte presença e implantação de comunidades imigrantes ou a grande diversidade tanto da oferta comercial como dos tipos de consumidores.

### ***2.1 Quem está no bairro: as etnografias urbanas***

Boa parte dos trabalhos clássicos de antropologia urbana constituem etnografias de bairro, oferecendo descrições densas das atividades e interações que ocorrem em locais específicos, delimitados e emblemáticos — seja uma esquina de Boston (Whyte, 1943), um prédio de classe média em Copacabana (Velho, 1973) ou um bairro em Washington

maioritariamente habitado por população negra (Hannerz, 1969). A delimitação geográfica de unidades de análise teve também os seus reflexos, a partir dos anos 1980, nas etnografias da cidade de Lisboa, igualmente muito focadas em bairros, sobretudo de cariz histórico e popular mas igualmente integrável em roteiros turísticos massificados. É este o caso dos trabalhos de Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro (1984) e Graça Cordeiro (1997). Costa e Guerreiro (1984) exploram a identidade cultural do bairro de Alfama, a partir de manifestações como o fado, as marchas populares ou os festejos de Carnaval. Os autores concluem que, para os seus residentes, esta identidade cultural se constrói a partir do entrelaçar dos elementos “internos” com as imagens dadas a construir pelo discurso exterior ao bairro, presente num certo imaginário coletivo e nas imagens turísticas e que, entretanto, vão sendo devolvidas ao bairro e por ele reutilizadas (ver também Costa, 1984). A etnografia feita no bairro da Bica por Graça Cordeiro (1997) centra-se quase em exclusivo nas redes de interação social local, e tem nos preparativos e participação do bairro nas marchas populares de Lisboa a ilustração empírica destes entrelaçados vicinais, dando um destaque significativo ao papel representado neste contexto pelas coletividades locais.

Nota-se assim, nestas etnografias de bairros da cidade de Lisboa, uma certa tendência para centrar a análise em torno daquilo que surge como constitutivo do “popular” — e que passa, entre outras características, pela intensidade das relações de vizinhança, pela agitada convivialidade de rua, pela vida das coletividades e sua participação nas festividades da cidade (nomeadamente os Santos Populares) ou por uma ligação continuada ao fado —, mesmo sabendo que se trata de um conceito muito difícil de delimitar antropológicamente (Prandi, 1997 [1980]; Leal, 2010). Para além disso, estas análises do bairro parecem estar demasiadamente centradas nos seus residentes, como se fosse aí que se jogasse o essencial em termos da etnografia de bairro, dedicando-se uma atenção quase unidirecional a questões de interação quotidiana local, marcadas sobretudo pela convivialidade entre vizinhos. Talvez estas abordagens exponham uma filiação ainda demasiado direta à antropologia clássica, com perspetivas compartimentadas e pouco sensíveis às mesclas e entrecruzamentos da realidade. A mesma propensão para privilegiar o ponto de vista dos residentes é, no entanto, igualmente visível na investigação sociológica de Maria Gato (2014), centrada no bairro de classe média alta do Parque das Nações. Assim, ficam em grande parte excluídas destas abordagens questões como os usos do bairro por outros frequentadores, e que podem eventualmente sobrepor-se aos usos mais comuns dos residentes (desde logo, o bairro como local de

relevo no que respeita ao consumo noturno por parte de uma elite cultural urbana, o que já se verificava tanto na Bica como em Alfama à data das etnografias atrás mencionadas); ou o bairro como local de visita turística, válido para os dois bairros históricos e para o Parque das Nações (embora Costa dê alguma atenção à questão do turismo). De um modo geral, nota-se ainda alguma desatenção aos consumos e mercados que se constroem em torno do bairro.

Parte destes problemas foram já colmatados em trabalhos mais recentes, como é o caso das abordagens de autoria de Marluci Menezes (Menezes, 2004; 2011; 2012). Nos estudos que realizou, esta autora faz uma caracterização clássica do bairro da Mouraria — tanto em termos do seu lastro histórico, como das linhas gerais de descrição contemporânea do local —, mas aborda claramente, e problematiza, as questões relacionadas com a construção planeada da imagem do bairro, propositadamente entrecruzada com as intervenções urbanísticas e sociais de iniciativa camarária e governamental. A Mouraria é reconhecida como um local onde reside não só uma população de origem portuguesa e lisboeta, muito envelhecida, mas também muitos outros habitantes (alguns em trânsito, outros mais permanentes), provenientes de diferentes países, que usam e comercializam produtos mais ou menos exóticos, remetendo para uma globalização alternativa e etnicamente marcada (cf. Ribeiro, 2006). O aparecimento de um comércio diferenciado faz do bairro um local propiciador de experiências diferentes, logo atrator de visitas e consumo. O trabalho de Menezes aborda o bairro da Mouraria sob vários prismas, incluindo-se o peso que as manobras institucionais de revalorização “cultural” e “multicultural” têm na construção identitária do local, a presença diversa de quem lá vive e o olhar dos seus visitantes, que por lá circulam em lazer, trabalho ou por qualquer outra razão.

Tendo como pano de fundo questões antropológicas ligadas à saúde e à doença, Cristiana Bastos (2001) faz uma “micro-etnografia” da Rua de São Lázaro — das crenças populares em torno de Sousa Martins, passando pela convencionalidade clínica do Hospital de São José, até ao esoterismo colorido de tons exóticos de algumas lojas do Centro Comercial Mouraria. A nosso ver importa salientar relativamente a este texto o claro reconhecimento do multiculturalismo contemporâneo de Lisboa, bem como algum destaque que a autora dá ao comércio praticado nesta área da cidade.

O tema do bairro aparece também inscrito com alguma frequência em etnografias urbanas recentes, mas muitas vezes associado a determinadas identidades e estilos de vida muito conotados com a pobreza e a marginalidade. É este o caso dos estudos de Miguel

Chaves (1999), que faz a etnografia do Casal Ventoso numa época em que esta zona era o símbolo máximo do tráfico e consumo de droga; de Neuza Gusmão (2004), que estudou a vida de imigrantes africanos e seus descendentes num bairro de lata em Lisboa; ou Daniel Seabra Lopes (2008) que retrata as especificidades de uma comunidade cigana, caracterizada pela pobreza, em plena cidade de Lisboa. Contudo, são já declaradamente abordadas nestas etnografias algumas questões ligadas aos circuitos económicos e migratórios, uma temática que analisaremos mais à frente.

## ***2.2 Caminhos da gentrificação***

Na sua aceção clássica, o conceito de gentrificação descreve a remodelação de uma área geográfica urbana habitada por uma população pobre com vista a torná-la atrativa a potenciais residentes, consumidores e frequentadores de níveis socioeconómicos mais elevados. O termo terá sido usado pela primeira vez no periódico *Memoirs and Proceedings of the Manchester Literary & Philosophical Society*, datado de 1888 (de acordo com Atkinson e Bridge, 2008, citados por Nofre, 2013: 109), embora tenha sido a perspetiva de Glass (1964), associada ao estudo das aceleradas alterações das características sociais de alguns bairros no centro de Londres, que contribuiu para a difusão e o relativo sucesso da ideia de gentrificação nas ciências sociais, com o sentido indicado mais acima. Com efeito o tema tem sido discutido ao longo das últimas décadas, continuando aceso em debates contemporâneos nas áreas da antropologia (Brown-Saracino, 2009; Herzfeld, 2010), geografia (Lees, 2008; 2010; Ley, 1996; Smith, 1996, 1986) e sociologia (Butler, 1997; Zukin, 1982), aplicando-se às grandes cidades, sobretudo no ocidente, embora nos últimos anos se assinalem processos de gentrificação também em cidades de menor dimensão no sul da Europa e em grandes metrópoles da Ásia e América do Sul. Lisboa não foge a esta regra, com o termo a figurar tanto em artigos científicos (Mendes, 2013; Nofre, 2013), como até em notícias de jornal — neste caso relativamente ao Intendente (*vide* Rato, 2014) —, sugerindo uma certa apropriação por parte da linguagem comum. Já nos discursos oficiais, o termo é sistematicamente evitado. Na verdade, há que referir que este conceito tem na sua matriz uma fortíssima carga ideológica: Ruth Glass era uma autora de formação marxista e o próprio termo *gentry*, referindo-se a uma quase-aristocracia, ligeiramente acima da classe popular e

trabalhadora por razões de índole essencialmente económica, contém em si um traço claramente depreciativo (Hamnett, 2003b, citado em Lees, Slater & Wyly, 2008, 4). Ainda que nos últimos anos o conceito se tenha tornado mais flexível e as fases e características que reconhecidamente o compõem sejam cada vez mais complexas e diversificadas, mantém-se um certo enviesamento ideológico, uma vez que a ideia de gentrificação continua a ser sobretudo usada para descrever dinâmicas de iniciativa do poder económico (público ou privado) que põem em evidência e acabam por reforçar desigualdades socioeconómicas e culturais.

Na tentativa de definição do conceito de gentrificação deve dar-se o palco à sua complexidade ou enveredar pela sua maior clareza e polimento? Na verdade, e apesar da reconhecida dificuldade de qualquer definição, é possível destacar alguns contornos relevantes de um processo dito de gentrificação: uma determinada área pobre e degradada a nível social e espacial (urbana, na maioria dos casos) começa a receber novos moradores, muitas vezes ligados a áreas profissionais culturais e criativas, atraídos por rendas baixas, boa localização em relação ao centro da cidade (palco das atividades e estilo de vida que mais os atrai) e, até, pela presença de uma certa diversidade étnica e cultural naturalmente providenciada pelos que já lá moram (Brown-Saracino, 2010; Hwang e Sampson, 2014; Zukin, 1982). Vale, contudo, a pena notar que por vezes primeiro surge o investimento na reabilitação do espaço, funcionando como chamariz para os novos moradores, quando não estamos perante dois movimentos que se potenciam simultaneamente. Em resultado desta mudança inicialmente de pouca monta no padrão residencial, o comércio local tende a adaptar progressivamente a sua oferta aos gostos de consumo dos novos habitantes do bairro, quase sempre através da disponibilização de produtos mais específicos e dispendiosos (por exemplo, alimentos biológicos, algum tipo de bebida artesanal ou gourmet, etc.). Algumas lojas alteram os produtos que comercializam, outras acabam por fechar, dando lugar a novos negócios mais indicados aos gostos e necessidades do novo quadro habitacional que se vai desenhando. Face à perceção de uma maior disponibilidade monetária desta nova população, bem como a uma certa melhoria nas condições do espaço público envolvente e no tipo de comércio e serviços disponibilizados, a tendência é que haja uma escalada, gradual mas muito significativa, dos preços do imobiliário. Confrontada com a incapacidade de dar resposta a este aumento de preços generalizado ao nível do bairro, a população de fracos recursos que inicialmente o habitava tende a sair, procurando residência noutra área. Muitas vezes, as alterações ao nível do aumento do custo de vida e da paisagem social são tão fortes,

que acabam por causar também a saída dos protagonistas da primeira fase da gentrificação (os tais artistas e criativos), dando lugar a uma nova população bem mais homogénea, pertencente a uma classe média alta.

São inúmeros os debates em torno da gentrificação (ver, por exemplo, a este propósito, Lees, Slater e Wyly, 2010: 3-6), não nos cabendo apresentá-los aqui em pormenor (para uma visão mais ampla do estado da arte neste domínio, vide Brown-Sarracino, 2010). Parece-nos mais importante, tendo em conta os objetivos do presente trabalho, identificar algumas ideias recorrentes e algumas lacunas que o nosso estudo de caso do Intendente pode permitir problematizar ou ajudar a colmatar.

Os estudiosos da gentrificação têm sublinhado a relativa morosidade do processo e o facto de ele normalmente implicar um conjunto de fases intermédias — como a primeira colonização do bairro por uma população de tendência mais boémia, ligada a atividades culturais, atraída por uma certa heterogeneidade sociocultural, antes da fase final de maturação, marcada pela instalação de residentes pertencentes às classes mais elevadas. Como tal, um processo de gentrificação digno desse nome seria algo de que só nos poderíamos aperceber *à posteriori*, quando ele estivesse consumado e fosse mais ou menos evidente para todos. No entanto, não é propriamente fácil encontrar estudos que descrevam processos de gentrificação falhados ou interrompidos, o que acaba por revestir o conceito como que de uma aura de fatalidade. Daqui parece decorrer uma certa facilidade de utilização do termo, mesmo em casos onde o desfecho do processo ainda seja incerto. É precisamente o que acontece no texto de Nofre (2013) acerca da gentrificação do Cais do Sodré. O autor estuda o exemplo da reconversão de um antigo hotel — devoluto, cenário num passado ainda recente dos encontros de fácil censura entre prostitutas e marinheiros — na atual *Pensão Amor*, um dos locais mais frequentados na noite lisboeta, com toda uma oferta de bares e lojas num estilo que o autor classifica de “vintage”. A partir daqui, Nofre utiliza e discute profusamente o conceito de gentrificação, aludindo a uma vida noturna socialmente distintiva, higienizada, pensada para uma elite economicamente desafogada, embora no texto transpareça que este não é de todo um processo consumado naquela área e o autor concentre a sua análise apenas em dois ou três locais reabilitados (para além da referida *Pensão Amor*, cenário do trabalho de campo do autor, há ainda referência à chamada rua “cor de rosa” e o *Bar da Velha Senhora*).

Não é fácil, de resto, descobrir dados precisos acerca da duração total dos processos de gentrificação: Glass (1964: xviii-xix) refere que a deslocalização dos

ocupantes pertencentes às classes trabalhadoras é “rápida”, enquanto Brown-Saracino (2010: 2) fala em “uma década ou menos”. Por seu turno, Hwang e Sampson (2014) reconhecem que o desenvolvimento dos processos de gentrificação se caracteriza por uma certa desigualdade, tanto na sua duração temporal como no espaço afetado, não havendo no entanto dados muito claros acerca destas variações, sendo que, na sua tentativa de observação das mudanças visíveis operadas em certas áreas de Chicago, os autores adotam um intervalo de tempo de 10 a 15 anos.

Outro aspeto que tende a sobressair nalgumas análises sobre gentrificação, e que aliás se encontra intimamente associado à definição original do conceito, está ligado a alterações substantivas no mercado imobiliário. Como vimos, para muitos autores, a gentrificação continua a ser substancialmente definida a partir de transferências de propriedade imobiliária ou de uma nova vaga de arrendamentos que propiciam uma alteração do padrão residencial, com a instalação de novos habitantes de classes sociais mais elevadas. A isto se liga a própria carga ideológica do conceito, suscitando ora críticas decorrentes da segregação social causada ou intensificada pela gentrificação (Slater, 2006; Smith, 1996), aglomeradas de forma mais geral na tese da “cidade revanchista”, ora apreciações mais positivas quando a gentrificação dá azo a novas formas de sociabilidade intercultural e interétnica, ou pelo menos anuncia esse tipo de aspiração, sob a denominação de “renascimento urbano” (expressão surgida a partir de processos de gentrificação no Reino Unido) ou no âmbito da tese da “cidade emancipatória” (Caulfield, 1994; ver também os casos apreciados por Lees, 2008). Certo é que um processo de gentrificação é definido pelo tom particular de inúmeras variáveis, entre elas: onde decorre, em que altura, quais as motivações e intenções dos gentrificadores, como reage a população mais antiga, qual a dimensão e a tendência da pressão dos agentes mais poderosos (proprietários e investidores públicos e privados). Já vimos que o processo pode comportar várias fases intermédias, passíveis de adiar ou complexificar o seu desfecho, as quais nem sempre envolvem transferências ao nível do mercado imobiliário, mas antes alterações na clientela e padrões de consumo (como quando os pequenos comerciantes adaptam os preços a uma nova estirpe de clientes). Julgamos por isso que um enfoque excessivo na questão imobiliária e residencial pode impedir uma apreensão da totalidade das transformações que ocorrem em certas áreas urbanas, nomeadamente as que remetem para questões de consumo, criatividade cultural e apropriação do espaço público.

Por fim, o conceito de gentrificação poderá ser curto na medida em que aponte sobretudo para uma substituição de moradores / frequentadores por outros e não tanto para uma sua sobreposição — porventura típica das fases de transição, em que o processo ainda não está consumado, mas que merece ser analisada em si mesma, sem que se pressuponha o desenlace inevitável da gentrificação. Como veremos, se é indesmentível que as transformações ocorridas no Intendente põem em cena novos modos de usar o bairro, a verdade é que eles ainda não apagaram por completo outros usos instalados: o tráfico de droga não está totalmente erradicado, a ligação do Intendente à lúmpen-prostituição mantém-se, assim como a forte conotação desta zona com diversos circuitos comerciais (muitas vezes informais), de cariz marcadamente étnico e que, na verdade, têm igualmente potencial para cativar um público cosmopolita e interessado no usufruto de tipos de lazer e turismo mais inovadores (cf. Richards, 2011; Pappalepore, Maitland & Smith, 2014), nomeadamente através de uma participação nas vivências do lugar (pense-se, por exemplo, nos diversos restaurantes chineses “clandestinos” da Rua do Benfornoso).

### ***2.3 A criação das cidades criativas***

Algumas das limitações do conceito de gentrificação identificadas mais atrás podem ser colmatadas através da ideia de “cidades criativas”, expressão cunhada por Landry (2000) para designar a revalorização de áreas urbanas tendo como matéria-prima o potencial inventivo e criativo latente, e normalmente desaproveitado, na população de qualquer cidade e o conjunto específico de infraestruturas materiais e simbólicas associadas à identidade única do lugar. O sucesso desta ideia deu azo à formação de uma área interdisciplinar que hoje engloba investigações sobre turismo, cidades, classes sociais e criatividade cultural. Essencialmente, estes estudos procuram acompanhar o papel de certos grupos criativos (artistas, designers, profissionais ligados às tecnologias de comunicação, multimédia, audiovisual, algum comércio diferenciado, etc.) na reconversão de determinadas áreas urbanas e sua promoção para fins residenciais, de lazer ou turísticos, com um certo sentido de sustentabilidade e evitando a massificação (Kirchberg e Kagan, 2013; Okano e Samson, 2010; Pappalepore, Maitland e Smith, 2013; Richards, 2011). Como facilmente se percebe, entre a cultura organizacional por detrás

da ideia de cidades criativas e alguns processos de gentrificação, a fronteira é bastante tênue, havendo, como vimos anteriormente, autores que identificam justamente a concentração em determinadas áreas da cidade de artistas e outros agentes ligados à cultura e criatividade como constituindo a etapa inicial de alguns processos de gentrificação (Ley, 2003; Florida, 2008; Hwang e Sampson, 2014; Talbot, 2007).

Mas os efeitos da criatividade têm igualmente cativado a atenção de investigadores nas áreas do turismo (Richards, 2011; Richards e Wilson, 2008; Gemmiti, 2008) e dos estudos urbanos (Lawton, Murphy e Redmond, 2013; Pratt, 2011). Exemplo disto mesmo será o sucesso do conceito de “classes criativas” (Florida, 2002), que basicamente vê na ascensão de uma elite cultural, artística ou com formação e atividade criativa na área tecnológica o motor do crescimento económico, dado ser a mesma uma característica marcante das cidades desenvolvidas. A ideia não é propriamente original — a relação entre desenvolvimento urbano, elites financeiras e elites artísticas é relativamente comum na sociologia de Simmel (1903), por exemplo — e tem suscitado alguma discussão pelo seu carácter simplista e generalizante (Pratt, 2011), pela circularidade da sua lógica (Peck, 2005) e pelo facto de a sua aplicação ter contribuído, em muitos casos, para acentuar desigualdades socioeconómicas em vez de as atenuar (Catungal, Leslie e Hi, 2009). Por outro lado, um deslumbre excessivo com as questões da criatividade pode implicar uma eventual desconsideração das condições socioeconómicas que realmente sustentam — por vezes ao longo de várias gerações — o aparecimento de classes criativas e diletantes. De facto, a criatividade por si só revela-se muitas vezes um recurso absolutamente insuficiente no caso de criadores provenientes de meios menos privilegiados e que tenham de enfrentar situações prolongadas de crise. O próprio pensamento associado à promoção das cidades criativas, estando fortemente focado na questão do crescimento económico, parece descurar sistematicamente questões relativas à redistribuição desses mesmos dividendos, o que não facilita a mobilidade social ascendente. Este é um aspeto que se torna particularmente escorregadio na medida em que a ideia de uma classe criativa proposta por Florida é apresentada envolta em noções de raiz humanista, logo dificilmente criticáveis, como o são a riqueza associada à diversidade de estilos de vida ou a própria ideia de valor cultural; porém, como nota Pratt (2011: 123), a aplicação do conceito revela-se frequentemente consonante com a ideologia e com as estratégias políticas decorrentes da globalização neoliberal.

No que ao estudo de caso do Intendente diz respeito, o conceito de cidades criativas pode ainda assim contribuir para uma melhor caracterização dos protagonistas

do processo de transformação em curso, nomeadamente em termos do seu papel na reconfiguração da imagem e *branding* do bairro presentemente assumida por instituições públicas afetas ao poder local. Por outro lado, a circunstância de a regeneração operada no Intendente coincidir tanto com o prolongamento de uma situação de crise, tornada ainda mais aguda pela ajuda externa (e que teve reflexos marcantes em termos do empobrecimento e redução do poder de compra de boa parte da população), como com uma significativa expansão do turismo em Lisboa como forma de impulsionar a economia, poderá permitir uma melhor apreciação da influência de ambos os fatores (crise e *boom* turístico) no campo da criação cultural. Vale a pena ressaltar, por fim, que boa parte da criatividade associada à regeneração do Intendente se encontra diretamente ligada à própria diversidade étnica e cultural da zona. De resto, este é um aspeto a que Florida confere algum destaque na sua proposta. Deve, porém, clarificar-se que a imigração surge caracterizada por este autor mais como um componente importante para que uma cidade se torne apelativa para as classes ditas criativas — até porque a presença de imigrantes dá conta da existência de uma tolerância operante que convida, ou pelo menos não obstaculiza, à entrada de capital humano —, do que como uma parte ativa e efetiva dessas mesmas classes, dando conta duma certa menorização deste aspeto. Mais adiante, a questão da imigração e da multiculturalidade merecer-nos-á uma consideração especial, até porque era parte marcante da realidade anterior do bairro e acabou por ser reaproveitada. Trata-se, no entanto, de um aspeto que não poderá ser convenientemente analisado sem levar em conta os circuitos económicos e perieconómicos em jogo.

#### ***2.4 Informalidade e muita variedade: circuitos económicos e criação de mercados***

A atenção dada aos circuitos mercantis tem sido desigual tanto nas etnografias de bairro, muito orientadas pela categoria dos residentes, como nos estudos de gentrificação excessivamente concentrados no setor imobiliário. Porém, não é possível analisar os processos de transformação em curso no Intendente sem levar em conta o que se passa ao nível das atividades económicas em sentido amplo, ou seja, englobando tanto os mercados formais como os informais, e respetivas articulações. Ao longo dos últimos anos, assistimos à transplantação de vários mercados de rua de Lisboa para pavilhões cobertos,

com o objetivo, entre outros, de reduzir os espaços disponíveis para a prática da venda clandestina, a qual ficou efetivamente mais condicionada em certos locais. Porém, em zonas como o Intendente ou a Mouraria, o combate à informalidade revelou-se porventura mais permissivo, por exemplo, no que toca à restauração étnica, sugerindo um compromisso entre formalidade e informalidade que importa compreender. É precisamente o que fazem alguns estudos etnográficos urbanos atentos à atividade e ao entrecruzamento dos circuitos económicos (Costa, 2011; Lopes, 2006; Mapril, 2010; Ribeiro, 2006), e que constituem um último corpo de referências teóricas relevantes para o objeto do presente estudo, complementando as abordagens anteriores. Estes textos chamam a atenção para as várias facetas da informalidade, desde a sua dimensão global alternativa — isto é, paralela aos circuitos hegemónicos globais tutelados por estados, instituições e políticas de índole neoliberal (cf. Ribeiro, 2006) —, aos seus contornos particulares e compromissos locais por ela suscitados, sendo que em todos os casos estudados esses contornos se definem pelas mobilidades da imigração ou pelas contingências da diversidade étnica.

A atual paisagem mercantil da zona do Intendente sugere, de forma muito clara, a presença de diversos cruzamentos entre o formal e o informal, o global e o local, o legal e o ilegal, o inovador e o anacrónico. Presentemente, a zona compreende estabelecimentos que remetem para um tempo claramente anterior ao das transformações ainda em curso, e que tanto evocam a aura negativa que marcou o bairro ao longo de décadas (caso dos bares e clubes noturnos associados à prática da prostituição) como a progressiva ocupação da baixa da cidade por novas vagas de imigrantes ligados a um tipo de comércio com características étnicas. Em ambos os casos, as ligações à informalidade são fortes. Em concreto, a paisagem comercial da zona do Intendente integra cafés, restaurantes, lojas de conveniência conjugando produtos de mercearia com tabaco e cartões de telemóvel próprios para chamadas internacionais, lojas de produtos em segunda mão de maior ou menor propensão *vintage*, talhos *hallal*, “lojas chinesas”, etc. Como facilmente se percebe, a coexistência destes vários circuitos e produtos comerciais pressupõe algum grau de atratividade relativamente a públicos e frequentadores também eles diversos. Assim, é possível identificar entre os atuais clientes do bairro: estudantes, turistas em férias, artistas e criativos estrangeiros e locais, imigrantes, *hipsters* (ou indivíduos pertencentes a uma subcultura da classe média urbana, atraídos por estilos de vida alternativos, algo avessos a consumos *mainstream*), moradores locais, bem como toda

uma clientela afeta ao consumo mais reiterado de álcool, aos serviços ligados à prostituição ou à compra de estupefacientes.

A constatação desta miscelânea, tanto ao nível da oferta como da procura, se optarmos por utilizar uma nomenclatura mais própria dos estudos de economia, permite clarificar um dos traços mais marcantes da abordagem que se pretende fazer no presente trabalho, onde o bairro aparece como um lugar suscetível de ser usado e comunicado de várias maneiras. A análise a empreender levará em conta aquilo a que o antropólogo Franck Cochoy (2007) designa como “processos de captação de públicos” — ou os processos através dos quais os agentes destes circuitos económicos tentam atrair e fidelizar uma determinada clientela. Um dos aspetos porventura mais interessantes desta abordagem reside na atenção que ela concede à formação das disposições subjetivas que constituem a “procura”, e que na verdade resultam, em boa medida, da eficácia dos dispositivos captadores ativados pelo lado designado por “oferta” (dispositivos esses que, muitas vezes, se revestem de um aparato altamente técnico). Cochoy (2007: 208) chama ainda a atenção para a existência no lado da captação de uma clara sensibilidade ao papel decisivo que, por parte do cliente, muitas vezes têm os propósitos e sentimentos mais diretamente ligados ao campo de emotividade — um traço importante e normalmente negligenciado pelos estudos de sociologia e economia, demasiado focados nas questões do preço e da posse, mas que também nos pode ajudar a perceber alguns tipos de relação comercial que têm lugar no Intendente.

Neste âmbito, será particularmente interessante analisar o modo como as pessoas e entidades diretamente envolvidas na transformação do Intendente têm procurado promover um novo destino de consumo turístico e de lazer, apelando a um público até aí menos habituado, senão mesmo avesso, a frequentar o local. Ao mesmo tempo, procurar-se-á identificar zonas de partilha (onde diferentes públicos parecem coexistir) e zonas de especialização (frequentadas por um público mais restrito), contribuindo para a imagem de um Intendente plural e, ao mesmo tempo, em construção.

•

Identificados os mais importantes conceitos e ideias que sustentarão parte fundamental da nossa análise, em seguida faremos uma reconstituição possível da história do Intendente, orientada justamente para os usos dados ao longo do tempo a esta zona da

cidade, como têm vindo a ser transformados e que lugares ocupam no imaginário da cidade de Lisboa.

### ***3. O largo ao longo da história: bucolismo e bulício, seringas e espetáculos***

Neste capítulo procuramos esboçar uma historiografia da zona do Intendente até ao início do século XXI. Para esse efeito, recorreremos às obras dos olisipógrafos, a algumas referências da literatura e da música popular, à cartografia da cidade, bem como a arquivos de imprensa acessíveis *online*. O enfoque incidirá sobretudo na segunda metade do século XX, quando o Intendente ganha uma aura de zona proscrita, uma vez que será por contraste com esta realidade que as evoluções atuais ganham mais sentido. Esta é necessariamente uma crónica sucinta, tendo em conta que o objetivo da nossa pesquisa passa por compreender a realidade contemporânea do Intendente, a partir do contacto direto com os seus utilizadores, e não tanto de descrever minuciosamente as transformações a que o largo foi sendo sujeito ao longo da história.

Tendo em conta o que nos diz o olisipógrafo Júlio de Castilho (1937: 127), as referências mais antigas à zona que hoje conhecemos como o Largo do Intendente Pina Manique e travessas adjacentes — Travessa do Maldonado, Travessa da Cruz aos Anjos e Travessa do Forno aos Anjos — constariam de um documento identificado como *Livro da Fazenda do Convento da Trindade*, resguardado na Torre do Tombo, onde se fala de uma quinta definida em traços bucólicos. Trata-se porém de uma alusão algo remota e difícil de datar, como o próprio autor (que escreve no último quartel do século XIX) reconhece. Um certo ambiente campestre estaria também presente na explicação do topónimo Rua do Benfornoso — principal artéria de ligação a sul ao Largo do Intendente —, provável corruptela da expressão “boy formoso”, remetendo para a presença naquela zona, em tempos passados e igualmente não especificados, de um belo boi (Araújo, 1939: 11-12). Morto o animal, a sua acarinhada formosura teria permanecido na memória coletiva, acabando cristalizada e contraída no nome de rua que ainda hoje se mantém.

A verdade é que, dada a sua proximidade à Mouraria, a zona do Intendente terá constituído, desde há séculos, um ponto de referência, cujo movimento e atividade estariam marcados pela azafamada passagem de pessoas e veículos oriundos dos campos e povoados a norte de Lisboa em direção ao coração da cidade. Efetivamente, durante o século XIX e até à abertura, em 1903, da Avenida D. Amélia — renomeada Almirante

Reis em 1910 a propósito das alterações toponímicas ditadas pela recém-implantada república, determinadas a banir referências à monarquia substituindo-as preferencialmente por designações ligadas ao novo regime —, este tráfego transitava pela Rua dos Anjos e Largo do Intendente, conferindo a esta zona um bulício assinalável.

De resto, a consulta da pormenorizada cartografia elaborada por Filipe Folque, entre 1856 e 1858, sugere precisamente que a chegada à zona do Largo do Intendente marcaria a entrada na área mais densamente urbanizada de Lisboa para quem viesse do norte, e tendo a Rua Direita dos Anjos como principal artéria de ligação. De facto é precisamente a partir do Campo de Santa Bárbara que a mancha da cidade começa a ganhar corpo, sendo sobretudo a partir do Intendente (ainda ladeado por algumas manchas de campo, especialmente entre o largo e o Hospital do Desterro) que ela alastra por uma série de arruamentos entrecruzados, correspondendo às zonas da Pena e da Mouraria (ver mapa 1). Fazendo o percurso em sentido inverso, à medida que nos afastamos do Campo de Santa Bárbara, as construções vão-se progressivamente dissipando, e do Largo de Arroios (onde atualmente se situa a Igreja de São Jorge de Arroios) para cima são já relativamente escassas — trata-se de um território essencialmente campestre, polvilhado por conventos e palacetes pertencentes à nobreza lisboeta da época (ver mapa 2). O Largo do Intendente parece portanto mais integrado na cidade, não sendo justa a classificação apenas como um mero ponto de passagem.



Mapa 1: o Intendente na segunda metade do século XIX na cartografia de Filipe Folque, onde surge já referenciado o Largo do Intendente, que assinalamos com um círculo, e é visível a zona urbana envolvente.



Mapa 2: cartografia de Filipe Folque representando as áreas a norte do largo, com uma progressiva escassez de construção e terrenos maioritariamente campestres, sobretudo a norte do Largo de Arroios, assinalado no mapa com um círculo.

O mencionado Júlio de Castilho, que durante alguns meses do ano de 1886 habitou uma esquina da Travessa do Maldonado, refere-se ao Largo do Intendente como um “dos sítios mais trilhados e rumorosos da Lisboa moderna” (1937: 249), listando de forma exaustiva e particularmente impressiva todos os tipos de veículos e respetivos ocupantes que passavam pelo largo. O que prevalece é uma imagem de grande atividade, animação e mistura que se manteriam ininterruptas durante todo o dia e toda a noite, evocando as descrições da metrópole oitocentista ensaiadas por Poe no seu conto *O Homem da Multidão*. Com efeito, a marca deixada em Castilho pela efervescência do Largo do Intendente deu azo a alguns devaneios literários sob a forma de sonetos, de que se deixa aqui um exemplo particularmente ilustrativo da diversidade feérica dos frequentadores do local, com a data de 22 de Julho de 1886 (1937: 250-251):

*Gente, animais, fucinhos e caretas,  
pés e patas, caleches e carrões,  
cavalos, burros, vacas e peões,  
saloios, cidadãos, pretos e pretas;*

*tudo mixto com berros e trombetas,  
discorde como o uivar dos furacões;  
um sem cessar de rodas e pregões;  
um Valpúrgis de carros e carretas!*

*Sôbre isso ainda avulta, acre e vivaz,  
o maço de um latoeiro impertinente,  
noite e dia a bater: zaz! traz! zaz! traz!*

*O que é isto? — perguntas certamente.  
É o dia de juízo — pensarás.  
Enganas-te: é o Largo do Intendente.*

Num texto bastante mais recente, publicado nos *Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa* e dedicado a analisar as imagens que ficaram da Rua dos Anjos e Largo do Intendente na viragem para o século XX, a zona é descrita como uma amostra da vivência pública lisboeta, um movimentado local de encontro, animado por casas de pasto e fotógrafos de rua (Ribeiro, 2000: 122-123). No entanto, esta fervilhante entrada na cidade era também caracterizada, de forma evidente, pela pobreza. Assim, na década entre 1898 e 1908, o Intendente apresentava a instalação de uma série de equipamentos de cariz social e utilitário — como chafarizes, lavadouros públicos, sentinas, cozinhas económicas —, de estética pouco ostensiva (Ribeiro, 2000: 126-127). À época, o contraste sobressaía particularmente em relação ao contorno de modernidade burguesa que se ia delineando

nas Avenidas Novas. Anjos e Intendente eram portanto lugares pobres mas ainda bem longe do nível de decadência e insegurança que, décadas mais tarde, viria a definir a zona.



*Imagem 1: fotografia que mostrando carroças de transporte público e transeuntes no Largo do Intendente, junto ao edifício onde atualmente funcionam a Largo Residências e o Largo Café. À esquerda é visível o chafariz, deslocado em 1917 para a Rua da Palma, e à direita parte do complexo da Fábrica de Cerâmicas Viúva Lamego.*



*Imagem 2: fotografia da década de 1910, onde se veem transeuntes e estabelecimentos comerciais no Largo do Intendente e Rua do Benfornoso.*

Contudo, a intervenção urbanística neste espaço não se ficou pela já referida instalação de equipamentos sociais, sendo de destacar o fim da desnivelada — logo de tortuosa circulação — Rua dos Anjos como única artéria de trânsito entre a Baixa da cidade e a zona envolvente a norte, substituída nesta função pela abertura em 1903 da Avenida dos Anjos. Ao nível da configuração do espaço, esta nova avenida intercetou a Rua dos Anjos, atravessando-a já perto da sua ligação ao Largo do Intendente, que terá assim deixado de ser o ponto obrigatório de passagem e paragem do aparatoso trânsito já descrito. Assim, terá sido a partir desta alteração urbanística que o papel do largo na vida da cidade começou a tornar-se algo secundário.

O destaque dado à zona do Intendente pelos guias da cidade e pelas descrições dos olisipógrafos no início do século XX é reduzido, sobretudo se comparado com as impressões relativas ao mais sedimentado e carismático bairro da Mouraria. Assim, no primeiro volume do *Guia de Portugal*, dedicado a *Lisboa e Arredores* (Proença, 1924), os pontos de interesse do Largo do Intendente resumem-se às suas construções mais emblemáticas (antigo palácio do Intendente Pina Manique, que deu o nome ao largo, a fábrica de cerâmica da Viúva Lamego e o prédio em estilo *art nouveau* desenhado pelo arquiteto Adães Bermudes), havendo ainda uma nota histórica relativa ao “bairro das Olarias” e um destaque para a Rua do Benfornoso — “popular e característico arruamento onde ainda se conservam alguns prédios dos séc. XVI, XVII e XVIII” (Proença, 1924: 270). Da Rua da Palma mencionam-se os “numerosos estabelecimentos comerciais, avultando as lojas de móveis e ourivesarias” (Proença, 1924: 270). Em suma, descrições bastante lacónicas quando comparadas com a caracterização bem mais vívida e avisada da Rua da Mouraria, com os seus “cafés e botequins sórdidos onde os rufiões do Capelão e da Amendoeira, brigões e cantadeiras fazem estendal dos seus vícios e assoalham a sua miséria”, sem esquecer “as casas suspeitas, os hotéis para pernoitar, com a sua tradicional lanterna de luz frouxa, os seus cantos e recantos que protegem baixas aventuras” (Proença, 1924: 272).

Na literatura dedicada à cidade de Lisboa, as referências à Mouraria, bairro vizinho do Intendente, dão conta — de forma por vezes mais moralista e persecutória, outras vezes mais seduzida e romantizada — de um ambiente de pobreza onde o consumo de álcool e sobretudo a prostituição são as atividades mais marcantes e recorrentes. Veja-se, por exemplo, a este propósito Francisco Cruz (1841: 75, 236-238, 354), Pinto de Carvalho (Tinop) (1898: 30; 1899: 47; 1903: 73-77), ou Marina T. Dias (1987: 17). Vale aqui a pena lançar mão da figura de Maria Severa Onofriana, uma prostituta e cantora de

fado, moradora na Mouraria, bairro onde viria a morrer de tuberculose em 1846, com apenas 26 anos. A vida de Severa e a sua ligação ao conde de Vimioso foi romanceada com êxito por Júlio Dantas (1903), o que contribuiu decisivamente para que as características mais marcantes do bairro — miséria e ilicitude, devassidão, vício e fatalismo — acabassem por ser resumidas e cristalizadas nesta personagem. Seria este o quadro social à época de vida de Severa, que provavelmente se terá mantido sem alterações profundas durante décadas, como o ilustram as citações do *Guia de Portugal* acima mencionadas.

Na década de 1930 ocorre uma mudança importante. Tem início o longo processo das demolições na Mouraria, as quais se intensificam a partir de 1940. Na altura, o arrasamento literal de grande parte do bairro foi justificado pela acentuada decadência das suas construções, tendo em conta um vago plano de reestruturação que impunha o derrube dos edifícios degradados existentes sem que, no entanto, houvesse uma ideia muito concreta do que viria em seu lugar. Com efeito, só em 1948 é apresentado um plano de remodelação da Baixa (pelo arquiteto Faria da Costa), o qual abrangia também a zona da Mouraria, que vinha sendo lenta mas consistentemente devastada. Porém, deste plano é apenas construído o edifício do Hotel Mundial (terminado em 1952, e reconstruído na década de 1990), enquanto as demolições se arrastam até aos anos 1960, saldando-se no desaparecimento por inteiro de várias ruas, bem como de construções-âncora, como o palácio do Marquês de Alegrete, a igreja do Socorro ou o teatro Apolo.

A extinção desta área fez com que boa parte da atividade de prostituição da Mouraria se deslocasse então até ao Largo do Intendente e suas zonas limítrofes, incluindo a Avenida Almirante Reis (Dias, 2001). É sobretudo a partir desta altura que o Intendente começa a destacar-se no mapa da cidade de Lisboa por razões negativas, sendo numa primeira fase claramente associado à prostituição e, mais tarde, também ao tráfico e consumo de droga. A estigmatização da zona e a sua consolidação no imaginário simbólico da cidade podem ter sido reforçadas com a inauguração de uma estação de metropolitano homónima, no ano de 1966. Com efeito, Dias (2003: 57) refere que a designação “Intendente” começou por ser aplicada ao largo mas que ela se estendeu à área em redor após a entrada em funcionamento da estação de metropolitano — estação essa que não viria a ser contemplada aquando da renovação e aprimoramento estético implementados ao longo da primeira metade da década de 1990 em diversas estações do Metro de Lisboa, mantendo ainda hoje uma aparência soturna e descuidada. Nas décadas seguintes, a aura negativa do Intendente consolida-se, com a reconversão no início dos

anos de 1980 de antigas casas de fado e tabernas em discotecas e casas de jogo (Gomes, 2015: 58), ao mesmo tempo a insegurança e a criminalidade juntam-se às constantes referências à prostituição barata e ao tráfico e consumo de droga. Em 1981, o músico Luís Cília lança o álbum *Marginal* que abre com a faixa *Lulu do Intendente*, espécie de fado autobiográfico onde uma demanda frustrada pelo Oriente (provável consequência de crises ideológicas vividas em período pós-revolucionário) redonda em visitas fidelizadas ao Intendente, às suas pensões e prostitutas. Atente-se:

*Mas porquê buscar tão longe  
esse prazer transcendente,  
se é só para ver Budas  
vá mas é, ao Intendente.  
Lá encontrará a paz  
que deseja, finalmente,  
mas nunca sábado à noite  
porque haverá muita gente.*

*Agora vivo feliz  
que nem um adolescente,  
nunca falho uma sessão  
desta cura providente.  
E até já fui eleito  
no bairro, o melhor cliente  
e sou mesmo conhecido  
pelo Lulu do Intendente.*

*Foi a Micas e a Miló  
mais a Joana Valente  
que me ensinaram as rotas  
do país do sol poente.  
Fui ao céu, pisei a lua  
vi os mares do oriente,  
em todas as posições  
na pensão do Intendente.*

Esta aura negativa do Intendente, composta de devassidão, vício e crescente insegurança, manter-se-á até ao início do século XXI. Seja em fugaz referência ou como tema central, o Intendente é noticiado com as razões que sustentam esta notabilidade — e que configuram outros tantos usos do espaço urbano — a variarem pouco: criminalidade, insegurança, toxicod dependência e prostituição. Uma breve pesquisa pelo arquivo *online* do jornal *Público* subordinada aos termos “Intendente”, “largo”,

“Lisboa”<sup>1</sup>, revela um conjunto de notícias publicadas entre 2001 e 2011, onde os temas predominantes são o tráfico e o uso de droga (de longe o tema protagonista, com vinte e duas entradas), evidenciando-se o Intendente como o novo porto de abrigo para os consumidores que a requalificação do Casal Ventoso, iniciada em 1999, dispersara. Um dos nossos interlocutores privilegiados, por alturas no início do milénio tinha chegado do Brasil, de onde é natural, e foi morar para o Intendente. Contou-nos ele, com ilustrativo humor, que naquela época quando alguém lhe perguntava onde é que vivia, ele respondia que morava no “Seringuete”, pois de cada vez que saía à rua para onde quer que olhasse via sobretudo seringas. Efetivamente, nesta época o Intendente assume algumas características fulcrais do que Luís Fernandes (2002) conceptualiza como um “território psicotrópico”, nomeadamente ao apresentar-se como espaço apetecivelmente intersticial, catalisador de consumo e tráfico de droga. Consequentemente, as questões relacionadas com a falta de segurança são profusamente abordadas (com duas dezenas de entradas), manifestando-se em queixas e abaixo-assinados por parte de moradores e comerciantes reclamando o reforço do policiamento e a requalificação social da zona. Ficamos igualmente a saber que em 2006, aquando da chegada a Lisboa do “maior porta-aviões do mundo”, ostentando bandeira americana, terão sido distribuídos à tripulação mapas da cidade onde o Intendente surgia assinalado como uma zona a evitar (juntamente com o Martim Moniz, o Parque Eduardo VII e Benfica), especialmente durante na noite.

No decurso do trabalho de campo que serviu de base a esta investigação, tivemos oportunidade de trocar algumas impressões com um antigo morador da zona, um funcionário público hoje na casa dos quarenta anos e que habitara, entre 2007 e 2011, com a sua companheira, um apartamento da Avenida Almirante Reis cujas traseiras davam para a Rua dos Anjos. Segundo este nosso interlocutor, o tipo de criminalidade que na altura existia no Intendente prendia-se sobretudo com desentendimentos e ajustes de contas entre traficantes, de tal modo que o casal nunca se sentiu verdadeiramente inseguro no bairro (a situação era diferente quando o nosso entrevistado morava na Baixa de Lisboa, onde, segundo contou, foi várias vezes assaltado). Contudo, certo dia, o casal deparou com uma coroa de flores numa das esquinas da Rua dos Anjos. A história que corria pela zona era de que a vítima, um morador recente no bairro, fora alvejada “por engano, num ajuste de contas”, quando reentrava em casa por volta da meia-noite, depois de ter saído por momentos para levar um amigo à estação de metro.

---

<sup>1</sup> <http://www.publico.pt/pesquisa?q=Intendente+lisboa+largo> (Acedido em 11 de Julho de 2015).

Para além da criminalidade violenta, a prostituição continua a marcar a vida no Intendente durante a primeira década do novo milénio (conta com cerca de onze entradas no arquivo online do *Público* mencionado mais acima), sendo a sua presença bastante evidente ao longo do dia no próprio largo, Travessa Cidadão João Gonçalves e na área da Avenida Almirante Reis paralela ao Intendente. Porém, esta prática vem surgindo cada vez mais associada à imigração ilegal. A venda de sexo perde assim algum do castiço lisboeta patente na letra de Cília — e que remetia para uma prática popular unida, no imaginário da cidade, ao fado, ao teatro de variedades e a outras artes do espetáculo, e personificada em figuras como a Severa —, cruzando-se agora com novas vagas migratórias internacionais que a tornam um pouco mais enigmática e difícil de decifrar. A Micas e a Filó cedem lugar a mulheres com nomes bem mais exóticos, personagens de um imaginário urbano aparentemente mais árido e que aparece retratado nalgumas crónicas do jornalista Paulo Moura, publicadas no mesmo diário *Público*. Em *Também sou um ilegal* (Moura, 2006), lemos sobre Aimee que, ao contrário de muitas outras mulheres cujas intenções migratórias idênticas às suas acabaram por ser goradas, conseguiu atravessar o Estreito de Gibraltar, vinda da Nigéria:

*Mal desembarcou em Algeciras, a mafia enviou-a para Lisboa, onde se prostitui na praça do Intendente. Fui lá muitas vezes entrevistá-la, no âmbito dos meus trabalhos sobre imigração. Tornei-me amigo dela e das outras jovens nigerianas. Um dia, soube que ia haver uma grande rusga da Polícia e telefonei a avisá-las. "Aimee, fuja daí rapidamente, a Polícia vai prender todos os ilegais". Salvei-as. [...] Sou famoso no Intendente. Chego lá e um enxame de prostitutas negras corre a abraçar-se a mim: Paulô, Paulô! A Polícia pensa que sou um traficante disfarçado de chulo e deixa-me em paz.*

Numa outra crónica (Moura, 2009), o mesmo jornalista alude ao pedido do escritor indiano Suketu Mehta, recém-chegado a Lisboa, para ser levado à zona mais perigosa da cidade. O local escolhido é novamente o Intendente, onde Moura e Mehta fazem uma ronda pelos bares já depois da meia-noite — de onde se depreende que antes de regeneração esta zona da cidade pode ter sido alvo de uma espécie de interesse turístico, ainda que residual, pelas suas qualidades de *bas-fond*. Num deles, metem conversa com duas prostitutas cabo-verdianas que se exprimem num inglês rudimentar. A dada altura, falando para o escritor indiano, uma das mulheres (dona de “uma beleza perturbadora”) pronuncia uma palavra que Moura entende como sendo *dream*, mas que finalmente percebe ter sido *drink* — “na tentativa de que o estrangeiro lhe pagasse uma bebida”.

Porém, é à primeira palavra que o jornalista se agarra para finalizar a sua crónica, como forma de reforçar a impressão causada por aquela bela “mulher misteriosa”.

Esta nova realidade do Intendente, definitivamente mais exótica, também se inscreveu na cultura musical urbana, como o ilustra o tema *Negócios Estrangeiros* da banda rap Da Weasel, integrado no álbum *Amor, Escárnio e Maldizer* (2007). Com uma abordagem bastante politizada e de intenções aparentemente contestatárias, os versos da autoria do escritor José Luís Peixoto aludem explicitamente à imigração ilegal proveniente dos países do leste europeu e da África francófona, à baixa prostituição e à ausência de uma abordagem efetiva por parte do poder político:

*A realidade chegou há 6 meses da Nigéria, do Senegal ou da Costa do Marfim.*

*A realidade não tem fim.*

*Com uma nota de 20 euros chego onde quiser,*

*A realidade é uma mulher.*

*Já foi ao Intendente, Sr. Presidente?*

*Não vá em visita de Estado, deixe o carro blindado na garagem,*

*Dê folga aos guarda-costas,*

*Finja que vai de viagem e apanhe o metro,*

*Saia no Martim Moniz e caminhe,*

*Faz bem caminhar, apanhar ar, respirar.*

*Passear no Intendente é um passeio original,*

*É um passeio diferente sem sair de Portugal.*

*Vá para fora cá dentro, vá aos subúrbios do Mundo no centro da cidade*

*Igualdade, integração social, seja por dez minutos um*

*Imigrante ilegal, como se chegasse do Brasil, do Paquistão.*

*Vá ao Intendente e invente uma solução que satisfaça*

*Aos que já chegaram e chegarão.*

A atenção prestada ao fenómeno da prostituição global que chega com o novo milénio acaba, no entanto, por deixar de fora outras redes económicas transnacionais associadas a uma certa ideia de alteridade e cuja história remonta pelo menos aos anos 1970 da pós-descolonização, com a chegada a esta zona da cidade de imigrantes indo-portugueses. A venda grossista consolida-se e desenvolve-se nas décadas seguintes, com o estabelecimento na Mouraria, Martim Moniz e Benfornoso deste tipo de comércio por iniciativa de imigrantes provenientes da Guiné, Angola, Senegal e Zaire. O ano de 1993 marca o começo da chegada mais numerosa e notória de imigrantes do Bangladesh e especialmente da China que, em 2003, formavam as duas comunidades com maior presença nesta zona da cidade (Mapril, 2010: 249). A este mosaico de proveniências, com

estadias mais ou menos duradouras, juntam-se ainda imigrantes oriundos do Paquistão, Índia, Nepal e Brasil (Menezes, 2011).

A consolidação desta área da cidade como recetáculo de vagas migratórias de raiz não-ocidental foi dando azo à formação de ambientes socioculturais de tonalidade mais exótica, evidenciada na decoração de alguns estabelecimentos, na gastronomia e nos estilos musicais — ou aquilo a que Gésero (2014) apelidou de *migrantscapes*. Estas comunidades imigrantes eram portanto responsáveis por uma parte substancial do comércio praticado, na mesma altura, em torno do Intendente — em especial na Rua do Benfornoso. Porém, a enraizada má imagem da zona e, sobretudo, a sua associação crónica à prostituição acabaram por falar mais alto, tendo sido necessário esperar pelo início do processo de regeneração para que a diversidade cultural passasse a ser valorizada nos media e na perceção do senso comum.

Como seria de esperar, a acentuada aura de negatividade não passou ao lado das preocupações do poder municipal, de resto cada vez mais pressionado por ações de protesto dos moradores e comerciantes da zona reclamando sobretudo contra a insuficiência de policiamento. Porém, ao longo da primeira década do novo milénio, as tentativas de requalificação urbana e social do Intendente são pouco consistentes e parecem sair recorrentemente goradas, mantendo-se as referências noticiosas a problemas relacionados com a prostituição, o tráfico de droga, a insegurança e a degradação dos edifícios. A viragem parece ter ocorrido a partir do final da década, impulsionada, essencialmente, por dois fatores. O primeiro fator diz respeito à aprovação e início da implementação, em 2009, de um Programa de Ação de requalificação urbana e social intitulado *Mouraria — As Cidades dentro da Cidade*, no âmbito do Programa Operacional Regional de Lisboa ligado ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN): embora direcionado para o bairro vizinho da Mouraria, este plano de intervenção abrangerá também a zona do Intendente com ações de requalificação do espaço público e combate à exclusão social por via da valorização cultural (Unidade de Projeto da Mouraria, 2009).<sup>2</sup> Neste âmbito, será criado um percurso turístico-cultural pela Mouraria que abrange a Rua do Benfornoso e termina no Largo do Intendente, inscrevendo nos roteiros urbanos de turismo e lazer uma zona que ao longo das últimas décadas tinha sido absolutamente proscrita no que concerne a este tipo de práticas.

---

<sup>2</sup> Ver também a entrada “Obras na Mouraria e no Bairro Padre Cruz – QREN”, no sítio da Câmara Municipal de Lisboa. URL: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/projetos-e-obras/obras-na-mouraria-e-no-bairro-padre-cruz-qren> (Acedido em 19 de Julho de 2015).



Imagem 3: marco do último ponto do percurso turístico-pedonal, no Largo do Intendente, com início no Largo do Caldas.

O segundo fator que contribuiu para a mudança da imagem da zona é de ordem mais simbólica e diz respeito à transferência do gabinete do presidente da Câmara Municipal de Lisboa do Largo do Município para o próprio Largo do Intendente, em Abril de 2011: o edil passará a frequentar alguns estabelecimentos locais, contribuindo assim para dissipar as conotações de perigosidade e vício, ao mesmo tempo que negocia com agentes económicos emblemáticos da cidade (o restaurante *O Ramiro* ou a loja *Vida Portuguesa*) uma eventual instalação na zona. Daí para a frente, a cobertura mediática como que muda de agulha, registando cada vez mais eventos de natureza cultural e turística, que passam a ter lugar no Largo do Intendente. É o caso dos festivais *Lisboa na Rua*, *Lisboa Mistura* e *Todos*, bem como diversos concertos, bailes, ciclos de cinema e performances artísticas. Em pouco tempo, surgem esplanadas no largo, enquanto nas ruas vizinhas abrem novas lojas que apelam a um consumo algo diferenciado, oferecendo a hipótese mais económica de compra de roupa em segunda mão e objetos usados com um toque *vintage*. Assistir-se-á também, a partir de 2011, à tentativa, por parte de um certo marketing urbano em consonância com os desígnios da autarquia, de promoção da diversidade cultural associada às comunidades imigrantes como possibilidade de consumos tidos como mais autênticos, alternativos ou exóticos (Mendes e Padilla, 2013), definindo assim uma característica basilar da imagem do bairro comunicada ao exterior.

•

O breve percurso histórico traçado neste capítulo revela que, após meio século de progressiva degradação, a zona do Intendente conhece uma transformação significativa e rápida que a inscreve nos circuitos de lazer, cultura e turismo da cidade de Lisboa. Veremos em seguida com maior detalhe quais as estratégias e ferramentas que o Intendente regenerado tem utilizado para conseguir trazer até si novos utilizadores. Importa porém acrescentar que as marcas do vício não desapareceram completamente da zona: boa parte dos bares antigos continuam a funcionar na Rua dos Anjos e na Rua do Benfornoso, sendo bastante visível a presença de prostitutas e homens em aparente estado de maior ou menor embriaguez nas imediações dos mesmos. Este é um aspeto importante porque permite reforçar uma característica provavelmente única do Intendente e que passa por este ser um lugar onde atualmente se cruzam diferentes modos de vida e onde se podem fazer coisas diversas, assumindo portanto uma faceta multi-utilitária que vai para além das meras representações e lhe dá um carácter eminentemente prático que será explorado no desenvolvimento do nosso trabalho.

#### ***4. Como chamar as pessoas***

Conforme vimos no capítulo anterior, após meio século de estigmatização, o Intendente torna-se em pouco tempo uma zona de referência pela positiva, agraciado com chamadas em guias e artigos de divulgação de locais de animação e lazer na cidade de Lisboa<sup>3</sup>, apresentando uma oferta bastante variada ainda que substancialmente virada para o consumo cultural. A transição terá durado dois anos, se considerarmos o período que vai da mudança do gabinete do presidente da Câmara Municipal de Lisboa para o Largo do Intendente (entretanto regressado aos Paços do Concelho) até à plena adesão de novos tipos de frequentadores, visitantes e turistas, mais conotados com um ambiente *trendy* e artístico. A chegada de um público mais elitista em termos culturais foi muito conduzida e fomentada pela iniciativa de uma série de novos estabelecimentos que abriram portas no Intendente sensivelmente entre 2011 e 2014, todos eles com uma oferta de produtos e serviços, bem como de estilos de apresentação e comunicação com o público, diferenciadores em termos do que era até à altura usual nesta zona da cidade. A presença destes novos frequentadores e estabelecimentos não ditou, no entanto, o afastamento de outros que já lá estavam há mais tempo. O que se verificou, como já demos a entender, foi como que uma sobreposição, e não tanto uma substituição ou mesmo uma segmentação vincada ao nível da frequência dos espaços.

Este capítulo procurará caracterizar esta mudança, começando com uma descrição etnográfica do ambiente que hoje se pode encontrar no Largo do Intendente e prosseguindo com uma análise dos principais agentes e locais de transformação, para a qual é convocado o conceito de captação (Cochoy, 2007) e, duma forma mais lateral, as noções de objetificação da cultura (Handler, 1984) e autenticidade (Bruner, 1994). Como referimos anteriormente, a ideia de captação constitui um desenvolvimento da temática da comunicação associando-a à criação de mercados, ligação que nos parece particularmente apropriada ao objeto deste estudo.

---

<sup>3</sup> Veja-se, por exemplo, o artigo de 2 de fevereiro de 2016 do *New York Times* ([http://www.nytimes.com/interactive/2016/02/04/travel/where-to-go-in-lisbon.html?\\_r=3](http://www.nytimes.com/interactive/2016/02/04/travel/where-to-go-in-lisbon.html?_r=3)), a edição americana, online, da revista *Vogue*, de 30 de janeiro de 2016 ([http://www.vogue.com/13393708/lisbon-travel-guide-historic-modern-additions/?mbid=social\\_facebook](http://www.vogue.com/13393708/lisbon-travel-guide-historic-modern-additions/?mbid=social_facebook)), ou o guia *Lisbon Lux* (<http://www.lisbonlux.com/lisbon/largo-do-intendente.html>).

## 4.1 De uma tarde no largo

Para ficarmos com uma noção mais clara do tipo de ambiente que hoje se pode encontrar no Largo do Intendente, aqui fica uma descrição etnográfica relativa ao dia 7 de novembro de 2015 (um sábado). Um dia como qualquer outro, tirando o facto de ser fim-de-semana e de o tempo ter sido agraciado pelo verão de São Martinho...

*Chego ao Intendente pelas 15 horas, descendo a Travessa Cidadão João Gonçalves onde, ao fundo, como de costume, estão dois polícias. A tarde é quente e soalheira e a esplanada d'O das Joanas está cheia. Sigo assim para a esplanada seguinte, do Largo Café Estúdio, um pouco mais à frente e do mesmo lado do largo. Como esta esplanada não tem serviço de mesas, dirijo-me para o balcão do café. Enquanto espero para ser atendida, entra uma rapariga que é cumprimentada por um rapaz a quem a empregada do café serve um chá de limão onde acabou de despejar duas colheres de mel. “Então, já tás melhor?”, pergunta o rapaz. A rapariga faz-lhe um sinal de nem por isso. Às tantas olha para um pequeno cartaz exposto no balcão, com a foto de uma mulher negra, de seu nome Luísa, que por vezes atende no mesmo Largo Café. O cartaz tem como cenário o Kit Garden, uma peça criada pela artista Joana Vasconcelos em 2012, sob a alçada do projeto Renovar a Mouraria, e que é uma espécie de minijardim contornado por ferro forjado pintado de vermelho, com bancos de madeira acoplados, colocado mesmo em frente à esplanada do Largo Café. O cartaz anuncia a angariação de fundos para o almoço de Natal do Intendente (doações a serem deixadas no Largo Café ou na Cozinha Popular da Mouraria), tendo por legenda algo como “Luísa convida... Almoço de Natal do Intendente”. Ao ver o cartaz, a rapariga comenta: “Olha que coisa tão bonita!”*

*Feito o pedido, instalo-me numa das poucas mesas livres da esplanada. Tenho como panorâmica as mesas ocupadas e quem se desloca pelo Largo do Intendente. Alguns metros à minha frente uma mulher dedica-se a fotografar a fachada da Fábrica de Cerâmicas Viúva Lamego (há meses fechada e com o interior em obras). Noutra mesa, duas raparigas riem-se e falam numa língua que não reconheço (holandês ou semelhante...). Na mesa seguinte estão três mulheres falando italiano. Comentam com ar divertido (mais enternecido que de escárnio) as rápidas caminhadas aparentemente sem sentido de Gabriel que, de ténis verde fluorescente, completa a paisagem sonora com a sua algaraviada. Gabriel é um “louco, que tem um amigo imaginário”, como me dizem as pessoas com quem falo sobre ele. Trata-se de uma figura incontornável e sempre presente no Largo do Intendente, de aspeto frágil e atitudes inofensivas mas desconcertantes, que aparentemente, não só é tolerada como é cuidada por todos. A certa altura, Gabriel pega numa cadeira que estava dentro do café e trá-la para o exterior, logo aparece Marcelo, o empregado italiano do Largo Café, falando com Gabriel em voz alta mas tom paciente: “Já te disse que não podes trazer as cadeiras aqui para fora”.*

*Numa quarta mesa reina o silêncio: duas jovens mulheres escrevem, uma no computador, outra num caderno. Noutra mesa, um homem de quarenta e*

*muitos anos, recostado, lê o jornal e bebe café. Assisto à chegada de um casal com cerca de trinta anos. Instalam-se e vão conversando. Num dos bancos de pedra do Largo do Intendente está uma mulher com um bebé no carrinho. Numa outra mesa da esplanada do Largo Café, um homem de meia-idade lê o jornal, tem uma revista em cima da mesa. Pouco depois há-de juntar-se-lhe uma mulher, que se põe a ler um livro. Amiúde interrompem a leitura, para conversarem com ar bem-disposto. Passa uma mulher, talvez com uns cinquenta anos, levando na mão uma pequena bola verde que o cão, ao seu lado, vai tentando abocanhar, saltitando. “Calma, calma!” diz a mulher baixinho, com firmeza e sem resultado. Daí a pouco passarão de volta, o cão pela trela, mais calmo e comportado. Atrás de mim, na parte mais descampada do largo, do lado da Rua do Benfornoso, dois rapazes andam de skate, terão uns dez ou doze anos.*

*Prossigo a observação das mesas da esplanada, olhando agora para a mesa mais distante. Um casal na casa dos quarenta vai acompanhando atentamente com o olhar duas meninas que andam de patins pelo largo. São provavelmente suas filhas. Para não caírem, volta e meia agarram-se às volutas de ferro do Kit Garden. Uma das meninas até está equipada de capacete e joelheiras (pais muito atentos e presentes na brincadeira dos filhos...) Mais tarde, a este casal juntar-se-á outro e às duas meninas uma outra rapariga, também adereçada de patins, e um menino de trotinete. Entretanto, na mesa onde estavam as italianas estão agora três raparigas portuguesas. Chegam três rapazes que as cumprimentam mas não se sentam, seguirão caminho pouco depois. Um deles indaga: “Foram à Feira das Almas?”, elas dizem que sim. O mesmo rapaz comenta com ar um pouco desagradado que “Aquilo agora costuma ter muita criançada”.*

*Em passo muito rápido, uma mulher negra que já vi várias vezes no bairro atravessa o largo: anda sempre em passo acelerado, tosse muito (às vezes parece-me que está sempre a tossir), é baixa e magra, tem o cabelo curto com risco ao lado muito vincado, um pouco anacrónico. Já não é jovem mas veste-se como se ainda o fosse, usando vestidos curtos e justos que de resto ficam bem no seu corpo leve e torneado. Também costuma usar malas pequenas (pochetes ou de alça curta). Definitivamente, há nela uma certa coqueteria. Já a vi ao balcão do Largo Café a beber a bica e a queixar-se de fumar de mais. Desta vez não entrou. Mais tarde, quando eu me retirar, voltarei a vê-la na Rua dos Anjos, parada, tal como outras mulheres, bem menos coquetes que ela (de mala ao ombro, roupa vulgar, mais pesadas e aspeto mais envelhecido), provavelmente prostitutas, como ela provavelmente também o será.*

*Sentado no banco de pedra onde antes estava a mulher com o carrinho de bebé, está agora um velho negro de muletas que costumo ver na esplanada do Largo Café ou sentado num degrau na Rua dos Anjos. Tem junto a si um pequeno saco de plástico donde vai tirando as bolachas que come. Passa uma mulher de burca, apenas tem os olhos descobertos, vai olhando para a esplanada enquanto caminha, inevitavelmente é também ela seguida de forma mais ou menos óbvia pelo olhar dos clientes sentados. Um dos casais que estava antes na esplanada sai da loja Vida Portuguesa. Passa uma mulher magra e de aspeto adoentado que por vezes tenta vender pequenos e toscos objetos feitos de trapilho a quem está pelo largo...*

*Entretanto, mais ao fundo, para a esplanada d’O das Joanas vão passando bandejas com cervejas reluzentes e pilhas de sandes e saladas. Mesmo*

*atrás de mim ouço uma sucessão de cliques que se prolonga. É um jovem vestido de preto, com óculos escuros, sozinho. Instalado na sua mesa, daí a pouco pega no telemóvel e ouço-o dizer: “Isto é fixe, meu! Isto... O largo tá bué agradável, tás a ver?” Percebo que mora na Damaia, em casa do pai, mas às vezes fica em Lisboa em casa de um amigo que é músico e muitas vezes tem que se ausentar para concertos. Queixa-se de ter que estar a morar com o pai, porque não pode ter “a cena” dele. Diz que a sua prioridade agora vai ser tirar a carta. Gabriel vai levantando pratos vazios das mesas da esplanada enquanto barafusta algo incompreensível. Uma jovem pedinte faz a ronda da esplanada: “Boa tarde, senhora, desculpe, nem que seja só um cêntimo”. Aparece o fotógrafo Augusto com a sua filha, Sofia. Natural da Bahia, Augusto está em Portugal há dez anos, sendo uma figura incontornável da vida cultural que se tem vindo a afirmar no Intendente. Vai cumprimentando as pessoas que passam pelo largo enquanto conversa com um amigo. Chega-se à mesa onde estão as três raparigas a escrever e a comer tostas, cumprimenta-as e fala-lhes da sua exposição de fotografia patente desde ontem na Zona Franca, explicando-lhes onde fica — nos Anjos, algumas ruas acima do Intendente.*

## **4.2 Lugares de transformação**

A descrição apresentada, certamente carregada de mundanidade, é no entanto ilustrativa a vários níveis. Ela fornece-nos, por exemplo, elementos demonstrativos da diversidade social, cultural e etária que caracteriza a vida contemporânea do largo: percebe-se que o mesmo é hoje frequentado por pessoas de diversas nacionalidades, faixas etárias, classes sociais, crenças religiosas e estilos de vida — aspeto sobejamente referenciado nalguma literatura socio-antropológica sobre as zonas envolventes desta área de Lisboa (Bastos, 2001; Mapril, 2010; Menezes, 2004) e que aprofundaremos no capítulo seguinte. Para além disso, a descrição introduz alguns estabelecimentos comerciais que de certo modo têm atuado como polarizadores nas transformações recentes do Intendente (assinalados nos mapa 5, na página 46). Começemos por percorrê-los um a um, para depois completarmos a lista com outros espaços igualmente transformadores mas não contemplados na descrição anterior.



Imagem 4: transeuntes e frequentadores da esplanada do Largo Café numa tarde de fim-de-semana.

O café esplanada *O das Joanas*, situado na esquina do Largo do Intendente com a Travessa do Cidadão João Gonçalves, abriu em julho de 2012, apostando em *snacks* e refeições ligeiras de apresentação cuidada e toque saudável (saladas e sumos naturais, por exemplo), servidas sobre mesas cobertas com toalhas feitas a partir de capulanas. Ao fim-de-semana funciona das 9 da manhã até às duas da madrugada (ou às 24 horas nos dias de semana), um dos horários mais amplos da zona.

Na mesma linha, o *Largo Café Estúdio* destaca-se por possuir, para além da esplanada ampla, um espaço interior com algumas mesas e ainda uma sala usada para concertos, ensaios, exposições e performances. O estabelecimento abriu em 2011, sendo indissociável do projeto *Largo Residências*, uma iniciativa pioneira e ambiciosa que se afirmou, desde a sua implementação, como uma âncora da regeneração da zona. O projeto nasce no mesmo ano de 2011 como iniciativa da *Associação Sou*, à época em funcionamento nos Anjos mas que visava alargar a sua atividade, de cariz cultural e artístico, de modo a englobar também a população do Intendente. A mesma associação procurava também criar um projeto que a prazo garantisse um autofinanciamento mais estável à própria associação. A formalização deste projeto coincidiu com a canalização de apoios financeiros por parte da autarquia para a regeneração do Intendente, e acabou

por ser suportado pelo Programa Bip/Zip<sup>4</sup>. A nível espacial, a *Largo Residências* ocupa um edifício alugado à Sociedade Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, estando as suas valências distribuídas da seguinte forma: no terceiro andar ficam, de um lado, os quartos a utilizar por artistas em residência, do outro os escritórios que suportam a parte administrativa do projeto; no segundo andar, o *Largo Hostel*, destinado ao aluguer de quartos com partilha de cozinha e casa de banho; no primeiro andar estão as *Largo Suites*, quartos com casa de banho privada destinados a alojamento turístico; no piso térreo, para além do *Largo Café*, está instalada a *Bike Pop*, uma loja especializada no arranjo e venda de bicicletas e peças para as ditas, da responsabilidade duma cooperativa convidada pela *Largo Residências*.

A *Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego* representa uma nota um pouco dissonante na nova paisagem do Intendente, na medida em que já funcionava como espaço de exposição e venda de peças em cerâmica de fabrico próprio em 2011, tendo fechado para obras de intuito remodelador — de acordo com o que nos foi dito por um funcionário da loja numa visita à mesma antes do seu encerramento — numa altura em que a regeneração do largo já se encontrava em marcha. Atualmente, a loja mantém-se encerrada ao público, com o cartaz de esclarecimento acerca desta intervenção exposto na montra mas ilegível, e o seu interior em reboição. É, porém, inegável que o edifício atrai diariamente os olhares e as objetivas de quem passa pelo largo (incluindo naturalmente muitos turistas), devido à sua fachada coberta de azulejos figurativos, de ambiência exótico-romântica, criados na segunda metade do século XIX. Neste sentido, é um recurso patrimonial importante.

Por fim, a loja *Vida Portuguesa* abriu no Intendente em outubro de 2013 ocupando os dois pisos do antigo armazém da *Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego*. Trata-se de um prolongamento das anteriores lojas homónimas, que vendem — a preços elevados, pensados para turistas e para uma classe média com algum desafogo financeiro — produtos de marcas portuguesas e fabrico no país, selecionados de acordo com uma estética que joga de forma óbvia com o imaginário *vintage* e de consumos domésticos, ligados a um passado de memória naturalmente amenizada e limpa pela passagem tempo.

---

<sup>4</sup> O Programa BIP/ZIP — Bairros de Intervenção Prioritária / Zonas de Intervenção Prioritária, tem edição anual e é apresentado como um instrumento de política municipal, concebido no âmbito do Programa Local de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, cujo objetivo é fomentar parcerias mediante o apoio financeiro a projetos que podem ser promovidos por juntas de freguesia, associações locais, coletividades ou organizações não-governamentais (acerca desta iniciativa, consulte-se: <http://habitacao.cm-lisboa.pt/index.htm?no=2730001>).

Mas esta lista não é, como se disse, exaustiva. Há outros estabelecimentos que se afiguram absolutamente indissociáveis do processo de regeneração do Intendente. Assim, restringindo-nos ao espaço do largo e ruas adjacentes, temos a loja *Retrox Vintage*, inaugurada em outubro de 2014, situada na Rua dos Anjos, que comercializa candeeiros, pequenas peças de mobiliário, artigos de decoração, bijutaria, marroquinaria e livros, entre outros objetos de classificação menos óbvia, tudo em segunda mão e produzido nas décadas de 1950, 60 e 70 — de resto, os donos desta loja, com o apoio da Junta de Freguesia, são responsáveis pela organização mensal da *Feira Intendente*, vocacionada também para a venda de artigos usados. Ao lado da *Retrox* está, desde agosto do mesmo ano, a *Cadeira Rendada*, que mistura a venda de café, chá, bolos caseiros e pequenos salgados, à comercialização de roupa e acessórios em segunda mão a preços bastante reduzidos, e onde se pode também comprar itens de produção artesanal (como sabonetes, cremes e bijuteria). Mantendo-nos na Rua dos Anjos, há ainda a referir o *Mob – Espaço Associativo*, aberto desde outubro de 2012 e que tem como génese a união entre uma cooperativa cultural, *Crew Hassan*, e o movimento de defesa de condições de trabalho *Precários Inflexíveis*. Trata-se de um espaço que funciona como bar e é dinamizado com música, concertos, exposições, debates, lançamentos de livros, etc.



Imagem 5: artigos em segunda mão à venda na *Cadeira Rendada*, uma das novas lojas do Intendente.

Já no Largo do Intendente, instalada num palacete, fica situada a *Casa Independente*, que iniciou a sua atividade em outubro de 2012 como um projeto da responsabilidade da associação cultural *Ironia Tropical* e com os seus primeiros passos amparados pelo apoio financeiro do Programa Bip/Zip. Desde o início a *Casa*

*Independente*, espaço decorado a preceito com peças usadas e antigas, usualmente ditas *vintage*, alberga concertos, workshops, debates, *dj sets* e um bar/cafetaria onde de dia é possível fazer refeições caseiras e à noite consumir cocktails de imaginativa elaboração. Trata-se de um dos maiores atrativos do largo regenerado e cujo público integra boa parte dos tipos de turista que identificámos na introdução — nomeadamente jovens estudantes, viajantes em trabalho e pessoas em férias.

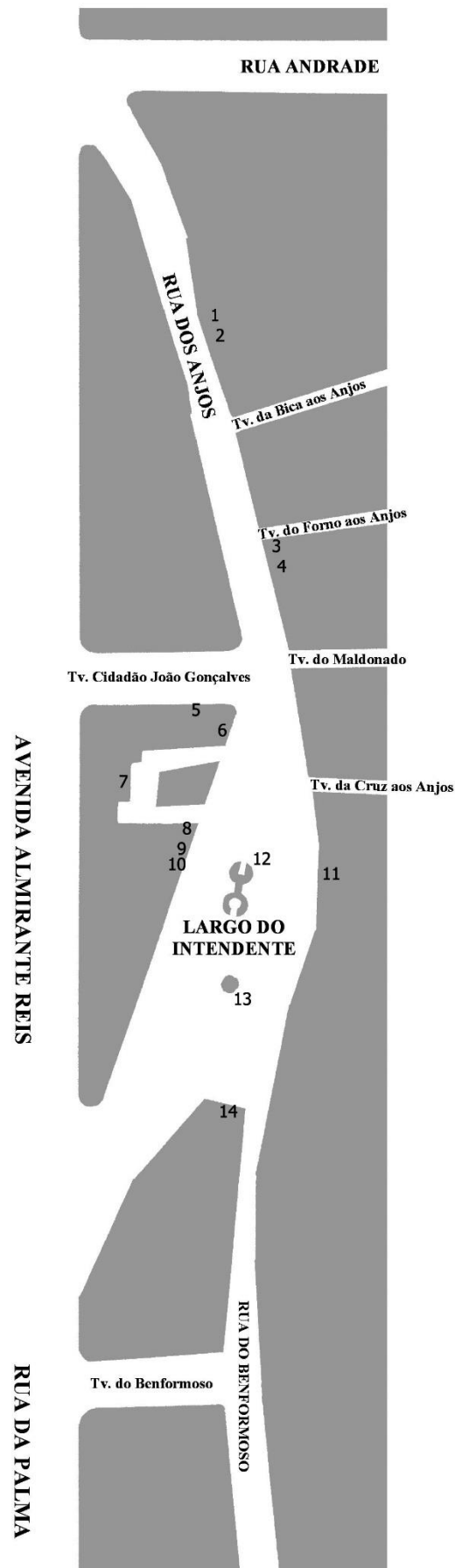
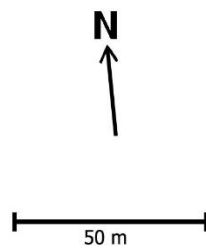
Numa das extremidades do largo, perto da ligação à Avenida Almirante Reis, está o *Josephine Bistrô-Bar*, que abriu em junho de 2014 por iniciativa de uma francesa. Trata-se de um café com cardápio que mistura ofertas portuguesas e francesas. Para além de palco esporádico para concertos, no *Josephine* por vezes também decorrem aulas de português para estrangeiros.

Finalmente, entre a *Vida Portuguesa* e *O das Joanas* estão as instalações centrais da *Junta de Freguesia de Arroios*, anteriormente localizadas no *Mercado do Forno do Tijolo*, e que entretanto ocuparam o espaço onde, até Abril de 2014, funcionou o gabinete do presidente da Câmara Municipal de Lisboa — mais um imóvel pertencente à Sociedade Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, alugado para o efeito.

Na verdade, esta descrição poderia continuar para além do largo e das ruas adjacentes, englobando uma segunda linha de estabelecimentos de cariz associativo e comunitário que têm igualmente contribuído, de variadas formas, para a angariação de novos tipos de frequentadores, reforçando o carácter cultural e criativo do eixo Anjos-Intendente — como aliás é perceptível na descrição etnográfica apresentada. É o caso da *Cozinha Popular da Mouraria* ou das associações culturais *Zona Franca*, *Crew Hassan*, *Taberna das Almas*, *RDA69* e *BUS/Paragem Cultural*. Como acontece com qualquer cartografia que pretenda refletir modos de vida e hábitos de consumo, as dificuldades de circunscrição são evidentes. Se o Largo do Intendente é hoje uma área relativamente rica e bem servida e nível cultural, muito do que aí acontece encontra eco e é reforçado em espaços circundantes que se espraiam até à área dos Anjos, acabando por gerar uma zona geográfica particularmente idiossincrática a nível cultural, artístico e de estilos de vida, fora de um tipo de produção que poderíamos classificar como *mainstream* ou direcionada para o consumo turístico e de lazer de massas. Todavia, mais importante do que fechar a lista será, sem dúvida, considerar mais em detalhe o efeito que estes estabelecimentos tiveram na mudança em curso no Intendente.

**MAPA 3 — REGENERAÇÃO DO INTENDENTE**

- 1 — Livros Mob (livraria)
- 2 — Mob Espaço Associativo (bar)
- 3 — Retrox Vintage (objetos usados)
- 4 — Cadeira Rendada (cafeteria e objetos usados)
- 5 — Junta de Freguesia de Arroios
- 6 — O das Joanas (bar e esplanada)
- 7 — Vida Portuguesa (loja de marcas portuguesas)
- 8 — Bike Pop – Oficina de Bicicletas
- 9 — Largo Residências (alojamento)
- 10 — Largo Café (bar e esplanada)
- 11 — Casa Independente (bar e sala de concertos)
- 12 — Kit Garden
- 13 — Taça-bebedouro
- 14 — Josephine Bistrô-Bar (bar e esplanada)



### ***4.3 Variedades e processos de captação***

De acordo com a perspectiva exposta na introdução, podemos olhar para estes estabelecimentos como outros tantos mecanismos de captação de públicos (Cochoy, 2007). Valorizando mais a urdidura que compõe a relação entre produtores e clientes e não tanto o papel concreto de cada um destes dois atores, Cochoy tenta perceber que ações atraem e retêm um indivíduo ou coletivo que são assim levados a fazer uma determinada escolha de consumo em detrimento de outras. O autor identifica essencialmente dois suportes da captação: os dispositivos, instrumentos de ordem mais técnica, situados normalmente do lado da oferta e capazes de despoletar e tirar partido do segundo suporte da captação, que são as disposições dos atores sociais, as quais tendem a ocupar o lado da procura, podendo estar ligadas a características tão prosaicas como o preço ou a posse, mas também a traços mais subtis e de apreensão menos imediata, como o amor, a curiosidade, a tentação ou a lealdade. Em suma, se os dispositivos remetem para organizações e sistemas económicos minimamente planificados, porventura envolvendo elementos de tecnocracia, as disposições aproximam-se mais do conceito de *habitus* enquanto matriz de perceções, de apreciações e de ações patente em cada indivíduo (cf. Bourdieu, 1972: 178). Porém, para Cochoy, estes dois planos não podem ser concebidos independentemente um do outro, sendo a relação entre dispositivos e disposições assegurada precisamente pelo jogo da captação, que procura moldar mas também é moldado, que se adapta mas com o intuito de provocar um desvio e quebrar hábitos instalados.

A descrição etnográfica com que abrimos este capítulo dá conta de algumas das disposições do novo público do Intendente, identificáveis por exemplo na prática do convívio descontraído e informal entre conhecidos; no usufruto de modo mais lúdico, ou de simples lazer, do espaço do largo, feito a sós, com crianças, bebés ou animais de estimação; no consumo de *snacks* e outras compras mais específicas, como por exemplo uma peça de bijuteria de autor, novelos de lã de ovelhas da Serra da Estrela ou um candeeiro de icónico design fabricado nos anos 1960; no recorrente registo fotográfico; na concentração em atividades de cariz introspetivo como a leitura ou a escrita; na observação casual dos passantes e *habitués* do Intendente (grande parte deles dotados de

notórias peculiaridades, seja no que se refere à pertença etnocultural, seja ao nível das condutas e marcas corporais que remetem para um certo desgaste físico e estilos de vida menos normalizados). Estes comportamentos e posturas não seriam possíveis sem os novos estabelecimentos do Intendente e a sua panóplia de eventos e atrações, que funcionam como elemento fundamental de uma estratégia de persuasão que convoca para uma adesão episódica ao mesmo tempo que abre a porta para uma frequência mais regular.

Olhemos agora com mais atenção para o sistema de captação de novos públicos patente no Intendente desde a sua regeneração — o qual surge esquematizado no *Quadro I*. Importa notar que a existência de eventos e atividades é quase uma constante no Intendente, apresentando-se a uma cadência pelo menos semanal e quase diária durante os meses de verão, quer tenham origem na iniciativa mais individual dos estabelecimentos ou na ação da Junta de Freguesia de Arroios — por exemplo, enquanto decorreu o nosso trabalho de campo a Junta de Freguesia organizou a *Volta ao Mundo em Arroios*, consistindo em onze semanas dedicadas à divulgação de artesanato, gastronomia, dança e música de outras tantas nacionalidades de imigrantes com residência na área da Freguesia, tendo a maioria destas atividades decorrido no Largo do Intendente. A animação e divulgação do espaço do Intendente atinge o seu auge durante o mês de julho, através da iniciativa *Intendente em Festa* — lançada pela Câmara Municipal de Lisboa e desde 2014 organizada pelo coletivo Bairro Intendente, um agrupamento informal que congrega os comerciantes mais antigos e aqueles que vieram com a regeneração — com um programa que apresenta eventos diários.

Como se percebe, o pendor da grande maioria da oferta a este nível é claramente cultural e artístico: performances, demonstrações de teatro ou dança, *dj sets*, concertos, instalações artísticas, lançamento de discos, exposições de fotografia ou pintura, projeção de filmes, *workshops* de temáticas variadas, etc., constituindo outros tantos exemplos de formas de captação de novos públicos — incluindo naturalmente as variedades de turismo atrás identificadas.

QUADRO 1 — SISTEMA DE CAPTAÇÃO DE NOVOS PÚBLICOS

AGENTES	ATIVIDADES	INFRAESTRUTURAS E RECURSOS	MEIOS DE DIVULGAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Órgãos do estado e poder local (Câmara Municipal de Lisboa, Junta de Freguesia de Arroios, EGEAC)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concertos Circuito pedonal turístico-cultural</li> <li>• Feiras</li> <li>• Festivais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esplanadas</li> <li>• Monumentos e edifícios de valor patrimonial</li> <li>• Envolvente arquitetónica e urbanística</li> <li>• Bancos e iluminação pública</li> <li>• Gratuitidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicações periódicas</li> <li>• Mupis</li> <li>• <i>Wbsites</i>, páginas de <i>Facebook</i> e blogs</li> <li>• Figuras públicas</li> <li>• Arroios TV</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Novos estabelecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comércio diferenciado</li> <li>• <i>Workshops</i></li> <li>• Concertos e <i>dj sets</i></li> <li>• Espetáculos de dança</li> <li>• Performances artísticas</li> <li>• Exposições (fotografia e pintura)</li> <li>• Lançamento de discos</li> <li>• Concursos de <i>quizz</i></li> <li>• Visitas guiadas</li> <li>• Debates e discussões temáticas</li> <li>• Projeção de filmes</li> <li>• Feiras</li> <li>• Gastronomia</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mupis</li> <li>• Brochuras</li> <li>• Figuras públicas e populares</li> <li>• Posters</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecimentos de imigrantes</li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brochuras</li> <li>• Boca a boca</li> </ul>



*Imagem 6: Largo do Intendente durante um dos dias da iniciativa Semana do Brasil.*

Para além dos novos estabelecimentos e dos seus eventos, aos quais é possível associar estratégias de captação muito particulares, devemos considerar o próprio largo, na sua face renovada, como um recurso potenciador de novas disposições consentâneas com certos padrões de qualidade de vida urbana: trata-se de uma área extensa, originalmente delimitada por uma traça sóbria e elegante, atualmente bastante protegida do trânsito automóvel, recém-pavimentada e equipada com bancos e candeeiros públicos, em suma, apta para receber esplanadas, instalações artísticas e outras infraestruturas efémeras como palcos e quiosques de venda. Para além disto, o largo contém elementos de inegável valor patrimonial, como o pequeno monumento histórico da taça-bebedouro — originalmente para gado, em crescente degradação desde a década de cinquenta do século XX até à regeneração atual da zona —, cujas linhas airovas fornecem um complemento interessante ao *Kit Garden* de Joana Vasconcelos; ou os edifícios que circundam o largo, alguns deles já recuperados (caso do edifício de Adães Bermudes, prémio Valmor em 1908), outros em processo de remodelação (parte do complexo da Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego), outros continuando pelo seu percurso de plena decadência (como o antigo palácio do Intendente de Pina Manique). Na sua generalidade, estes imóveis têm sido redescobertos e atraído a atenção fotográfica de transeuntes e visitantes — uma das imagens diárias do Intendente é precisamente a de grupos de turistas em traje de férias fotografando edifícios do largo e do troço paralelo da Avenida Almirante Reis. No Largo do Intendente está também o último marco do percurso

turístico-cultural que se inicia na Mouraria, confirmando e reforçando o interesse urbanístico e cultural desta praça e a vontade institucional de inserir a zona nas práticas comuns de turismo urbano.

De resto, é importante salientar que o Intendente, ao contrário de outras zonas da cidade especialmente vocacionadas para a diversão noturna (como o Bairro Alto), é um local de lazer e entretenimento também durante o dia, convidando ao passeio a pé, ao usufruto das esplanadas, à mobilidade sobre patins, *skate* ou bicicleta e, para os mais pequenos, ao futebol de rua. O espaço do largo é portanto a base a partir da qual as disposições dos novos e velhos públicos começam a ser ensaiadas para, em conjugação com a frequência dos novos estabelecimentos, darem azo a rotinas e consumos que se julgariam improváveis há bem pouco tempo atrás.



*Imagem 7: esplanada do café O das Joanas e estacionamento para bicicletas.*

Juntamente com estes aspetos de fachada, há outros elementos de natureza social que já faziam parte do Intendente e que parecem não só ter encaixado bem na regeneração, como acabaram por ser mobilizados para a sua promoção. A multiculturalidade referida no capítulo anterior, e que tem marcado a vida do Intendente de forma mais intensa pelo menos desde a década de 1990, assumiu-se efetivamente como fator de captação, devidamente valorizado e promovido também a nível institucional, como o prova o próprio *branding* da Junta de Freguesia de Arroios. Assim, o grafismo adotado para a palavra “Arroios” (imagem 8), de linhas inconstantes e irregulares, suscetível de surgir em cambiantes tons consoante o suporte institucional que o divulga — bandeirolas, *mupis*

ou cabeçalhos de folhetos —, visa refletir a forte diversidade étnica e cultural patente no terreno, que acolhe 78 nacionalidades diferentes (site da Junta de Freguesia de Arroios, 2016). A mesma junta de freguesia é também responsável por duas publicações trimestrais de distribuição gratuita e profusa nos estabelecimentos do Intendente, e não só: uma delas, a *Arroios Magazine*, é escrita em inglês, francês e mandarim, para além de português, sendo usualmente ilustrada com imagens (fotos e desenhos) que remetem justamente para o lado multicultural do Intendente e, de um modo geral, do restante território de Arroios. Em outubro de 2015, a Junta de Freguesia lançou a primeira emissão do canal de televisão Arroios TV, onde, para além de noticiários sobre a localidade e informações e conselhos básicos dirigidos às pessoas, se encontram também inúmeras referências à multiculturalidade dos habitantes e frequentadores deste território.



*Imagem 8: logotipo da Junta de Freguesia de Arroios.*

A ação da Junta como promotora do potencial valor da diversidade cultural inerente à fortíssima presença de imigrantes no território está igualmente patente em iniciativas como a já referida *Volta ao Mundo em Arroios* e no patrocínio de eventos que não só se apoiam como veiculam a diversidade étnica e cultural enquanto um recurso próprio da zona compreendida no eixo Martim Moniz / Intendente. É o caso do *Festival Todos – Caminhada de Culturas* que, desde 2009 (data de arranque) até 2013, teve em todas as suas edições eventos a decorrer no Largo do Intendente, sempre sob o mote *Viajar pelo mundo sem sair de Lisboa*, tendo a focalização neste local sido mais forte no ano de 2011, em que, como já vimos, se iniciou a viragem daquilo que era a imagem do Intendente aos olhos de todos, os do exterior e também dos que já conheciam o território.

Certo é que a concentração de imigrantes é hoje uma realidade apreciada por vários frequentadores do Intendente, como tivemos ocasião de comprovar em conversas informais no terreno, inclusivamente pelo lado visual e de convívio interétnico aparentemente pacífico que essa realidade proporciona (apesar da existência de pontos de tensão, que abordaremos mais à frente). Por exemplo, o fotógrafo Augusto uma vez

descreveu-nos, fascinado perante o exotismo e a irreverência inocente da imagem, como tinha conseguido tirar uma fotografia a duas rapariguinhas muçulmanas, de véu e trajas compridos, enquanto jogavam futebol com outros rapazes no Largo do Intendente (imagem 9). Na mesma linha, Laurie, uma jovem francesa que está em Lisboa a frequentar uma formação na área do filme documentário, vendo-nos de máquina fotográfica numa tarde particularmente solarenga e animada no Largo do Intendente, pediu-a emprestada pois tinha-se esquecido da sua própria máquina e queria fotografar as pessoas que estavam pelo largo. Empréstamos-lhe a máquina e Laurie durante mais de uma hora tirou inúmeras fotografias, especialmente retratos (imagem 10). Quando nos entregou a máquina, veio também o registo de toda uma galeria das personagens daquela tarde, umas de presença habitual na zona, outras que não reconhecemos, ressaltando das imagens recolhidas por Laurie uma forte diversidade étnica e etária.



*Imagem 9: jogo de futebol entre meninas muçulmanas e alguns rapazes no Largo do Intendente, fotografado por Augusto Fernandes.*



*Imagem 10: fotografias de Laurie Calvet, tiradas durante o almoço de Natal “Luísa convida...”, em dezembro de 2015.*

Estes exemplos, ainda que relevando de iniciativas pessoais de certo modo improvisadas, acabam por reforçar uma ideia de reificação da multiculturalidade que já se encontrava patente nas iniciativas institucionais da Junta de Freguesia. A diversidade cultural do Intendente — especialmente aquilo que nela tende a ser percecionado como diverso e contrastante e não tanto os seus pontos de partilha com a globalização e a cultura dominante, que também estão presentes — é assim convocada para processos de *branding* e, igualmente, daquilo que o antropólogo Richard Handler (1984) designou como objetificação da cultura. Trata-se de uma noção que chama a atenção para uma certa fixação materialista que torna difícil falar de cultura sem relacioná-la com qualquer coisa de tangível e apropriável para fins identitários — sejam fotografias particulares ou edifícios valorizados como património ou produtos suscetíveis de serem comercializados. Neste sentido, a captação de novos públicos implica também processos de objetificação.

A par da estilização e objetificação da multiculturalidade do Intendente, existe a clara tentativa de associar de forma direta este local à ideia de “bairro”, também por iniciativas ligadas à regeneração. Referimo-nos sobretudo ao já mencionado grupo de comerciantes (novos e antigos) Bairro Intendente. O próprio nome tenta comunicar para o exterior a existência do Intendente como um espaço físico e social específico, com uma

identidade própria e, sobretudo, uma identidade enquadrável naquela que no imaginário coletivo porventura define um bairro lisboeta — uma tentativa que está também presente no seu logótipo (imagem 11), balizado por volutas idênticas às do ferro forjado comum nas varandas de Lisboa, ou no *slogan* da mensal Feira Intendente: *A Feira Mais Bairrista de Lisboa!* (imagem 12). Mas a própria ideia de bairro pode ser menos óbvia do que à partida parece. Os etnógrafos de Alfama e da Bica (Cordeiro e Costa, 1999: 60) referem que a expressão “bairro” provém da tradição oral, já que não consta do jargão administrativo, onde a unidade espacial de menor dimensão é designada por freguesia. Curiosamente, estamos aqui perante um caso onde o uso do termo, ou pelo menos a sua revitalização, é intencionalmente originado e difundido por agentes da regeneração, que até certo ponto incorporam um lado claramente institucional, pela sua proximidade ao poder local e à requalificação da zona, não permitindo que o processo de *branding* do Intendente fuja a uma certa componente ideal-típica do imaginário lisboeta.



Imagem 11: logotipo do grupo de comerciantes Bairro Intendente em imagem de divulgação das festas de julho de 2015.



Imagem 12: um dos cartazes de divulgação da Feira Intendente.

Devemos ainda ter uma palavra para os estabelecimentos de comércio passíveis de ser enquadrados no que Costa (2011) designa por um “sistema de produção etnocultural” radicado nos fluxos migratórios associados à globalização e nos consequentes cenários multiculturais urbanos que esse sistema gera, em conjugação com a natureza cosmopolita da cidade. Na zona do Intendente, grande parte da oferta comercial é efetivamente feita por imigrantes. No entanto, em termos dos estabelecimentos com um papel mais claramente captador de novos públicos, esta oferta resume-se quase exclusivamente à restauração localizada sobretudo na Rua do Benfornoso. Ao longo desta rua existem vários restaurantes que anunciam pratos indianos e do Bangladesh, para além de um restaurante vietnamita especialmente em voga enquanto durou o nosso trabalho de campo, o *Pho-Pu*, profusamente referenciado em guias *online* de aconselhamento e dicas de turismo e lazer, onde era difícil encontrar assento. Este ramo da economia etnocultural (Costa, 2011) exhibe contornos bastante peculiares na extremidade mais perto do Martim Moniz, já que nesta zona vários apartamentos albergam restaurantes chineses ditos clandestinos – muito frequentados por grupos de jovens estudantes estrangeiros. Na rua, as entradas para estes locais não

estão de todo assinaladas de forma explícita, mas a informação passa de boca em boca com grande êxito, sendo do conhecimento geral de quem frequenta a zona (na realidade, mesmo uma pesquisa cuidadosa na *internet* revela-nos alguns destes lugares). A comida é servida em apartamentos cujas divisões estão transformadas em salas de jantar, os preços são módicos e a variedade tende a ser bem mais exótica e condimentada do que nos menus dos restaurantes chineses convencionais — remetendo portanto para uma certa ideia de autenticidade em contexto turístico e de lazer como algo que decorre duma experiência singular e relacional mais do que duma reprodução absolutamente fidedigna (cf. Bruner, 1994, ou Larsen, Urry e Axhausen, 2007).

O que nos interessa aqui sublinhar é, contudo, o facto de esta restauração étnica ser anterior à remodelação do Intendente, remetendo para uma faceta evidente de economia informal que, ao que tudo indica, tem sido tolerada pelas autoridades — ou pelo menos não foi contemplada com o mesmo tipo de abordagem transformadora com que o foram as questões ligadas ao tráfico e consumo de droga, que não tendo desaparecido diminuíram drasticamente. Avançamos nós que talvez esta prática económica informal seja vista pelas entidades envolvidas na requalificação desta zona da cidade como uma parte relativamente valiosa do sistema de captação aqui em funcionamento. Na verdade estamos perante uma peculiaridade bem-sucedida e triplamente exótica: pelo lado gastronómico, pelo lado da autenticidade e também pelo lado transgressor, que se fundem particularmente bem com o ambiente multicultural da zona, com os eventos de cariz cultural e artístico e com a visualidade da paisagem urbana onde se insere, ela própria irregular e heterogénea, tanto ao nível humano como patrimonial e urbanístico.

Por fim, ainda dentro dos elementos captadores mais obviamente associados à regeneração do Intendente devem incluir-se algumas personalidades reconhecíveis pelo público, a começar pela figura do próprio presidente da autarquia, António Costa, um político já bastante conhecido, antigo deputado, mais tarde ministro e atual primeiro-ministro, e que se tornou frequentador assíduo de alguns estabelecimentos da zona, dos restaurantes à lavandaria (TSF, 2011). Enquanto o seu gabinete ali funcionou, António Costa contribuiu igualmente, de modo mais difuso mas não menos marcante, para chamar ao local novas pessoas numa performance que visou sobretudo lançar para o exterior a ideia de que frequentar o Intendente se tornara seguro e recomendável. Com efeito, poder-se-á falar, neste caso, de uma captação personificada, na medida em que envolve pessoas específicas, dotadas de alguma notoriedade, como forma de atrair (e, numa segunda fase,

manter) um público novo. O mesmo se passará, a uma escala diferente, com a atual presidente da Junta de Freguesia de Arroios, Margarida Martins — ela própria uma antiga figura das noites do Bairro Alto, que se notabilizou a partir dos anos 1990 à frente da Abraço, uma associação de apoio a pessoas seropositivas —, ocupante das instalações do edil quando este retornou aos Paços do Concelho. A descrição etnográfica apresentada atrás refere um terceiro exemplo, este mais localizado, de captação personificada. Referimo-nos à figura identificada como “Luísa”, uma imigrante angolana residente na zona há décadas, que surge explicitamente associada, como anfitriã, ao almoço comunitário de Natal — um evento a que regressaremos com detalhe mais à frente no nosso trabalho.



*Imagens 13 e 14: placa de identificação do gabinete do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no Largo do Intendente, substituída em abril de 2014 pela identificação da sede da Junta de Freguesia de Arroios.*

Diga-se ainda que, na paisagem do Intendente, é constante a presença de elementos da polícia fardados, num número mínimo de dois agentes que podem ser vistos, a qualquer hora do dia ou da noite, especialmente na confluência da Travessa do Cidadão João Gonçalves com a Rua dos Anjos e o Largo do Intendente. É verdade que a presença da polícia se reveste sempre de alguma ambiguidade, dado que tanto pode funcionar como um elemento atrator devido à sensação de segurança que promove como pode repelir não só pela ideia de repressão que lhe está associada, mas também pelo receio do potencial perigo que motiva a sua presença. Torna-se aqui importante referir que a polícia já fazia parte integrante da paisagem do Intendente antes da regeneração, não tendo sido por si só suficientemente dissuasora da frequência dos atores que fomentaram a degradação social do Intendente, nem fonte de confiança para atrair frequentadores com intenções inócuas e normalizadas. No registo de diário de campo feito sobretudo a partir de conversas informais com moradores ou comerciantes do Intendente, a polícia surge

caracterizada de forma essencialmente negativa: devido ao excesso de zelo na fiscalização de questões tidas como menores (como o cumprimento ao minuto do horário de encerramento dos estabelecimentos ou as diligências necessárias para o funcionamento das esplanadas); à inércia relativamente a situações de grande fragilidade social (por exemplo, ignorar o consumo público e explícito de drogas, abrindo mão de uma intervenção de cariz mais pedagógico e protetor quando não existe base para acusação criminal, como acontece com o consumo de estupefacientes); ou à utilização de violência excessiva quando em atuação coletiva, nomeadamente rugas, perante prostitutas que não ofereciam resistência.



*Imagem 15: agentes policiais na convergência do Largo do Intendente com a Travessa Cidadão João Gonçalves e a Rua dos Anjos.*

Em resumo, o sistema de captação compreende um conjunto de novos estabelecimentos que também surgem como promotores de eventos de raiz cultural, cuja atividade é explicitamente reforçada por algumas pessoas conhecidas e de grande influência e, implicitamente, pela diversificação étnica e pelos méritos urbanísticos e patrimoniais do lugar. É esta a base que vai permitir a chegada e a instalação de um público novo, orientado para um consumo cultural mais alternativo e diferenciado do que massificado, bem como para um tipo de consumo revelador duma certa consciência ecológica e de responsabilidade social, patente na compra de bens em segunda mão ou de fabrico artesanal. De um modo geral, importa notar que se trata de um tipo de oferta algo distanciada do consumo turístico e de lazer massificado, passível de apelar a um público

tendente a valorizar experiências menos comuns e tidas como mais autênticas, características de um turismo criativo, como o nota por exemplo Richards (2011:1237). Como vimos, a fruição do contacto com uma atmosfera de autenticidade multiétnica estará aqui em causa como um dos recursos basilares desta zona em termos de captação de públicos, juntamente com processos de comunicação e *branding*, e daquilo a que Handler (1994) chamou a objetificação da cultura.

•

A captação de novos públicos é indissociável do projeto de regeneração que inscreveu o Intendente nos circuitos oficiais de cultura, lazer e turismo da cidade de Lisboa. Vimos como o processo de captação depende da ação combinada de um conjunto de agentes, infraestruturas, recursos e meios de divulgação. Porém, como já demos a entender, a regeneração não apagou completamente as marcas do passado, o que faz do Intendente um território multifacetado e aberto a outros usos para além dos sancionados pelos atores da regeneração. O capítulo seguinte debruça-se sobre esta pluralidade de usos simultâneos, atentando em eventuais pontos de harmonia e tensão.

## ***5. Um Intendente multiusos***

À partida, nas ruas de qualquer bairro podem fazer-se diferentes coisas: passear o cão, ir ao café ou às compras, conversar à esquina... A ideia de multiusos que subjaz a este capítulo pretende naturalmente ir um pouco mais longe, apelando a uma concentração de diversos planos da vida urbana num espaço nevrálgico — uma praça e as suas imediações — e materializando-se num amplo conjunto de práticas remetendo para diferentes mundos sociais que se sobrepõem e, por vezes, chocam entre si. Os que se deslocam até ao Intendente ao fim da tarde tanto podem fazê-lo com o propósito de espaiar numa das suas esplanadas como de comprar heroína para consumir em seguida ou de ir entretecendo, em conjunto com familiares e compatriotas imigrantes, as mil e uma redes comerciais da alter-globalização. Falaremos assim de multiusos como forma de contornar as limitações decorrentes tanto de uma visão da gentrificação demasiado centrada no paradigma da residência e propriedade imobiliária como das etnografias de bairro com enfoque prioritário nas sociabilidades e relações vicinais. Em ambos os casos, estão usos em jogo — fundamentalmente os dos residentes. Mas há mais vida no bairro para além da vida dos que lá moram...

A primeira secção deste capítulo regressa ao tema da regeneração do Intendente sob a perspectiva dos novos usos associados a mecanismos de captação. A secção seguinte introduz a questão da sobreposição, falando de outros usos — velhos e novos — que existem a par dos anteriores e assistem a reprodução de diferentes mundos sociais. A terceira e última secção discorre sobre as inevitáveis interseções e tensões decorrentes dessa mesma sobreposição.

### ***5.1 Usos renovados***

Nada melhor para introduzir a questão central deste capítulo do que um exemplo concreto de como a regeneração da zona do Intendente parece efetivamente caminhar a par de determinadas visões utilitárias do espaço urbano que põem em causa o padrão residencial dominante tanto nos estudos da gentrificação como nas etnografias urbanas. Trata-se do

concurso *Fablab in the City*, promovido em 2015 pela Câmara Municipal de Lisboa e pelo Laboratório Municipal de Prototipagem Rápida / Fablab Lisboa<sup>5</sup>. O desafio lançado por este concurso era a criação de equipamentos de mobiliário urbano a instalar no Largo do Intendente: após uma primeira triagem foram selecionadas dez propostas cuja apresentação decorreu no dia 18 de Março de 2015, uma quarta-feira, no Largo Café Estúdio. A sessão teve lugar numa sala cheia de gente e com algumas câmaras de filmar, tendo iniciado com a intervenção de uma vereadora da Câmara Municipal de Lisboa (Graça Fonseca, com o pelouro da Economia e Inovação), que enalteceu a possibilidade da ideia vencedora vir a ser materializada e instalada no largo e defendeu a premissa de os cidadãos poderem intervir diretamente nos espaços que frequentam.

Durante mais de uma hora seguiram-se as apresentações das várias ideias propostas pelos seus respetivos criadores. Cada uma destas ideias configurava um uso específico do espaço, dando a impressão de ter sido concebida e comunicada ao público como se houvesse uma necessidade premente de responder à questão: o que fazer neste largo? Nas suas intervenções, os concorrentes — todos de aspeto bastante jovem e maioritariamente provenientes das áreas de arquitetura e *design* — tentaram passar a ideia de terem feito inúmeras visitas ao local, observação das pessoas no meio e, nalguns casos, alguma pesquisa histórica. Tratando-se de um concurso de projetos de mobiliário urbano, sujeitos a votação pública, todos os intervenientes se focalizaram no lazer e no bem-estar dos frequentadores do Intendente, deixando nas mãos destes a operacionalização do mobiliário idealizado. Tal dimensão interativa está bem patente nalguns exemplos de ideias a concurso que aqui deixamos, e que se afiguram interessantes pela intenção de convocar novas formas de experimentar e viver o espaço público: a *Biblioteca para a Troca de Livros*, composta por mini estantes acopladas aos postes de iluminação já presentes no local, a preencher por livros disponibilizados por quem assim o entenda para serem trocados por outros; o *Urban Umbrella*, estruturas de aspeto algo aerodinâmico, semelhantes a guarda-sóis para serem abertos ou fechados pelas pessoas que estejam no largo, consoante a necessidade; o *Brincachão*, um jogo infantil de intenções didáticas estampado no pavimento; as *Peças de Conversação*, pequenas instalações onde é possível pendurar papéis escritos com recados ou inícios de conversas; o *Sitbike*, estruturas de

---

<sup>5</sup> O Fablab Lisboa é um projeto de iniciativa e gestão municipal, com instalações no Mercado do Forno do Tijolo, a poucos metros do Intendente. Resumidamente, trata-se de uma oficina vocacionada para a fabricação digital, equipada com recursos acessíveis a quem deles entenda necessitar (acerca desta iniciativa, consulte-se: <http://www.cm-lisboa.pt/investir/empreendedorismo/fab-lab-lisboa>).

dupla função, com serventia enquanto bancos públicos e estacionamento de bicicletas; ou a *Mesa Intendente*, implicando a instalação de várias mesas amovíveis, de cores *pop*, ornamentadas por recortes a fazer lembrar o ferro forjado das varandas lisboetas, pensadas para fazer par com os bancos de pedra do largo.

Fazendo uso de um tipo de criatividade muito ligada ao *design* e ditada por formações e formulações de cunho técnico e académico, as propostas apresentadas neste concurso foram sancionadas por instituições académicas e do poder local — o júri que selecionou as dez ideias a votação era constituído pelo diretor do Fablab, um docente da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e uma representante da Largo Residências. Escusado será dizer que todas as propostas, na medida em que apostam na valorização do largo para fins de lazer, se acomodam facilmente a diversas modalidades de turismo, ainda que não fosse esse o enfoque do concurso. As maquetas das respetivas ideias ficaram em exposição no Largo Café, sendo que os interessados puderam votar neste espaço ou no *site* Lisboa Participa. Cerca de três semanas após a apresentação, o resultado final da votação foi anunciado numa festa de entrada livre decorrida na Casa Independente, com a presença dos candidatos e da mesma vereadora. O projeto vencedor foi *Urban Umbrella*, de Pierre Perissinotto, um belga morador em Lisboa há alguns anos.

Como já vimos anteriormente, parte significativa dos usos do espaço no Intendente é da iniciativa e responsabilidade da Junta de Freguesia de Arroios e de entidades de algum modo apoiadas pelo poder público local, todas elas nascidas com e para a regeneração da zona. Uma das linhas mestras desta regeneração do Intendente incide, portanto, no modo como o espaço pode ser usado. No capítulo anterior identificámos alguns desses usos, quase todos associados a um conjunto de disposições de consumo, lazer e turismo até então pouco habituais na zona: ler ao ar livre, andar de bicicleta ou de *skate*, passear os cães, desfrutar do sol numa esplanada, assistir a um concerto, participar numa visita de estudo, etc. Neste âmbito, as propostas do FabLab representam como que uma panóplia de usos virtuais, potencialmente materializáveis e em concordância com outros usos recentemente implantados neste espaço.

Ora, esta dimensão eminentemente prática merece ser realçada, antes de mais, porque ela tende a ser de algum modo subalternizada nos estudos sobre gentrificação que atentam, sobretudo, na mudança dos padrões de residência, a partir da substituição dos moradores há mais tempo na zona por um outro conjunto de moradores recém-chegados e com poder económico bastante mais elevado (Glass, 1964; Slater, 2006; Smith, 1996; Zukin, 1982). Evidentemente, qualquer alteração nos padrões de residência que tenha

reflexos visíveis em termos de gentrificação deve implicar também a construção de novas formas de apropriação dos espaços públicos — ou aquilo a que, na esteira de Nunes (2012), poderíamos chamar novas figurações de rua associadas a uma dimensão mais relacional da sociabilidade urbana. Porém, no caso do Intendente, os novos utilizadores não representam propriamente uma nova classe de moradores do bairro, entendido aqui na sua circunscrição mais estreita. Isto não impede, no entanto, que se fale de uma gentrificação operada por intermédio de uma população mais flutuante composta por *flâneurs*, artistas, famílias e consumidores variados (parte deles residentes nas imediações), assim como por turistas instalados em *hostels* e outras opções de alojamento cada vez mais visíveis na zona. É precisamente este o ponto de vista de Pavel (2015) a propósito do Bairro Alto e, duma forma menos assumida, o de Nofre (2013) a propósito do Cais do Sodré. Consideramos que o mesmo pode ser dito a respeito do Intendente.

A adoção de um tal ponto de vista implica mesmo assim que se ressalve o carácter complementar do largo nalguns dos novos usos a que tem sido sujeito — em particular no que toca aos percursos urbanos de lazer, tanto diurnos como noturnos. Assim, o largo e as suas imediações (em especial a Rua do Benfornoso) começam a ser incluídos num ou noutro itinerário pedestre, por norma mais centrado na Mouraria. Relativamente aos roteiros noturnos, registre-se um dos percursos mais praticados por um público alternativo durante o período do trabalho de campo, e que incluía sobretudo criadores e artistas — entre os quais artistas residentes e estudantes Erasmus a viver temporariamente em Lisboa (ver mapa 4). O périplo tinha no Largo do Intendente o seu ponto de partida, com permanência na Casa Independente ou no Largo Café até cerca das duas horas da manhã, de onde se saía para uma passagem pelo bar Anos Sessenta, na Mouraria. Em seguida iniciava-se a subida até à zona da Graça, permanecendo-se no Damas — um bar com sala para concertos que alcançou uma forte notoriedade em 2015 — até às quatro da manhã e transitando-se depois para o Laboratório (também na Graça) — um espaço de funcionamento híbrido (galeria, bar, local de dança) que se mantinha aberto até ao amanhecer. Pelas oito horas da manhã, os mais resistentes podiam tomar o pequeno-almoço na pastelaria do prédio ao lado do Laboratório e, se a noitada fosse feita à sexta-feira e ainda sobrasse alguma estamina, seguir para a Feira da Ladra, ponto final de um percurso inteiramente feito a pé e onde o Intendente surge como preliminar. De resto, e não obstante os seus atrativos e elementos captadores, parece evidente, em termos de diversão noturna, o largo não dispõe de condições que lhe permitam ombrear com outras

zonas da cidade mais vocacionadas para este tipo de fruição, como o Bairro Alto ou o Cais do Sodré.



*Mapa 4: sinalização do percurso noturno entre o Intendente e a Graça.*

## **5.2 Usos sobrepostos**

Aqui chegados, importa sublinhar que os usos exclusivos ou complementares diretamente derivados da regeneração estão bem longe de ser os únicos a ocorrer no Intendente. Uma das peculiaridades desta área é justamente a coexistência de uma multiplicidade de utilizações dos espaços e recursos disponíveis, que não implicam a erradicação nem colidem de forma especialmente danosa com os usos iniciados e sustentados pela regeneração, embora remetam indiscutivelmente para outros mundos sociais. Utilizamos aqui esta expressão comum no sentido que lhe foi atribuído pelo sociólogo Anselm Strauss (1993), que via os mundos sociais como contextos polarizados por determinadas atividades emblemáticas, em torno das quais eram mobilizados lugares, pertenças, tecnologias e outros recursos, constituindo um todo que, longe de ser hermético e coerente, era sobretudo fluido e atravessado por disputas internas, embora conservasse uma certa força simbólica — a mesma aceção foi utilizada pelo antropólogo Gilberto Velho (1999) na análise à heterogeneidade dos mundos de Copacabana.

A nossa entrada de diário de campo relativa ao dia do concurso *Fablab in the City* dá conta desta multiplicidade de usos e mundos nas notas relativas ao ambiente que se notava nas ruas adjacentes ao largo logo após o evento:

*Findas as apresentações, cerca de uma hora e meia após o seu início, a sala esvaziou-se lentamente. Cá fora, filmava-se a entrevista que uma jornalista da cadeia de televisão SIC fazia a alguém.*

*Descendo a Rua do Benfornoso não há como não notar a azáfama usual: um homem de aspeto indiano descarrega apressadamente caixas de frutas e verduras numa pequena carrinha para uma mercearia; passa um outro, cheio de pressa e sorridente, equilibrando um grande tabuleiro com bolos, seguido por um compincha falador; um homem mais velho vai colocando caixotes de cartão à porta de outra loja; todos os bares estão já abertos e com alguma clientela; um dos restaurantes bangladeshianos está especialmente concorrido, cheio de imigrantes, todos homens, que seguem o jogo de futebol transmitido na televisão.*

*Na Rua dos Anjos, tanto à ida como no regresso, várias prostitutas aguardam os eventuais clientes nas imediações dos bares ou encostadas aos pilares que previnem o estacionamento naquela rua.*

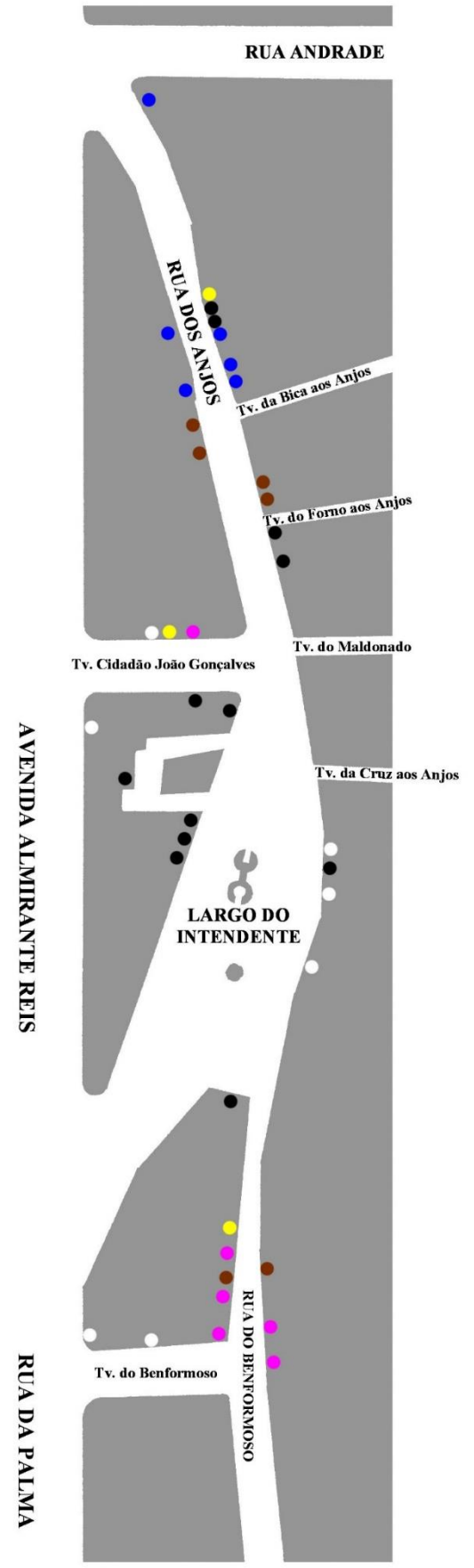
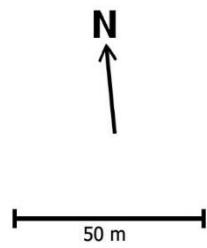
Tanto o comércio praticado por imigrantes como a prostituição remetem para dimensões do Intendente anteriores à regeneração e que se mantêm presentes nos dias de hoje. No tocante ao comércio de raiz imigrante, como vimos, ele é desde há vários anos presença constante na zona do Martim Moniz, constituindo um tema profusamente tratado em incursões académicas (Bastos, 2001; Costa, 2011; Mapril, 2010; Menezes, 2011). Com a regeneração do Intendente, a presença de uma “economia étnica” traduzida nos “negócios dos imigrantes” (nas expressões de Costa, 2011: 89) tem-se tornado cada vez mais notória, consolidando-se no troço da Rua do Benfornoso mais perto do largo, espraçando-se também de modo inequívoco pelas artérias mais a norte (Travessa Cidadão João Gonçalves, Rua Andrade) e, cada vez mais, por toda a zona dos Anjos (ver mapa 5).

Como já referimos, alguns destes estabelecimentos podem ser inscritos no comércio de embrulho etnocultural, dedicado a atrair turistas, visitantes ou quem quer que esteja interessado em desviar-se das ofertas comerciais autóctones — confluindo nesse sentido com o movimento de regeneração dos últimos anos. Por exemplo, numa loja de artigos nepaleses, em funcionamento desde antes do início do processo de regeneração, encontramos uma instrutora de ioga procurando taças tibetanas necessárias à sua prática e uma empresária de meia-idade vasculhando por artigos decorativos de tom exótico para adornar o *hostel* que estava prestes a abrir no Alentejo. Porém, a grande maioria dos espaços comerciais neste território são armazéns de revenda de produtos

chineses (bijuteria, chapéus, calçado, artigos domésticos e toda uma variedade de quinquilharias) ou aquilo a que poderemos chamar lojas de conveniência, conjugando produtos de mercearia com papelaria e tabacaria. Muitas destas lojas exibem o tom azul dos anúncios a serviços de telecomunicações e, quando uma delas fecha, logo abre outra em seu lugar com o mesmo tipo de reclame, por vezes conservando todo o visual anterior, como se a renovação do aspeto ou até a ostentação de um nome comercial visível (boa parte destas lojas não o tem...) fossem pouco importantes — ao contrário do que sucede,

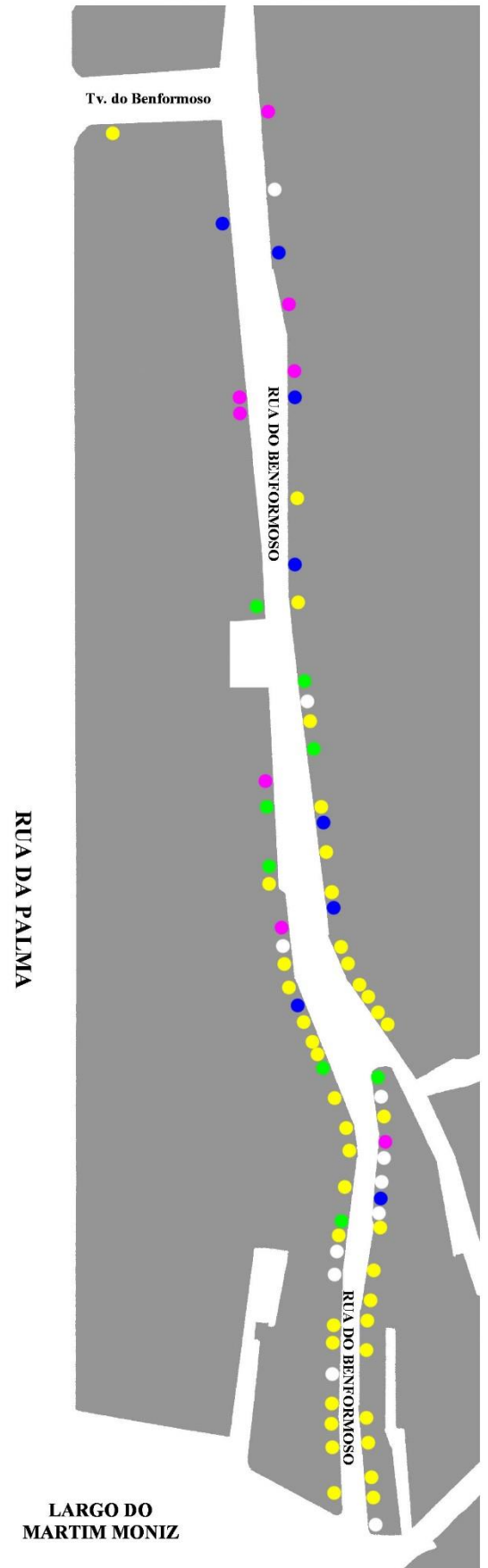
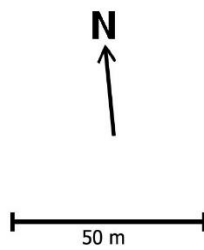
MAPA 5 — ESTABELECIMENTOS DO INTENDENTE

- ASSOCIADOS À REGENERAÇÃO — ●
- DIVERSÃO NOTURNA — ●
- GERIDOS POR IMIGRANTES:
  - Restauração — ●
  - Telecomunicações — ●
  - Mercearias e talhos *halal* — ●
- Estabelecimentos diversos (drogarias, cabeleireiros, etc.) — ●
- OUTROS ESTABELECIMENTOS — ●



**MAPA 5 — ESTABELECIMENTOS DO INTENDENTE**

- ASSOCIADOS À REGENERAÇÃO — ●
- DIVERSÃO NOTURNA — ●
- GERIDOS POR IMIGRANTES:
  - Restauração — ●
  - Telecomunicações — ●
  - Mercearias e talhos *halla* — ●
- Estabelecimentos diversos (drogarias, cabeleiros, etc.) — ●
- OUTROS ESTABELECIMENTOS — ●



evidentemente, com os lugares de mudança identificados no capítulo anterior. A clientela destas lojas de conveniência não é de todo numerosa, parecendo contudo ser mista, composta por imigrantes, turistas e portugueses, consoante a necessidade de ocasião. Há no entanto outros espaços comerciais frequentados quase exclusivamente pelas comunidades imigrantes. É o caso dos talhos *hallal*<sup>6</sup>, dos cabeleireiros bangladeshianos e de alguns restaurantes também situados na Rua do Benfornoso e perto da Calçada Agostinho Carvalho, onde na parte baixa de um prédio tem funcionado a mesquita Baitul Mukarram (da responsabilidade do Centro Islâmico do Bangladesh).



*Imagens 16 e 17: anúncios a serviços de telecomunicações em lojas na Rua do Benfornoso.*

No que toca à prostituição, ela é visível a qualquer hora do dia e naturalmente também à noite, ainda que mais circunscrita no espaço, localizando-se sobretudo no troço da Rua dos Anjos que tem início no Largo do Intendente e um pouco na Travessa do Benfornoso. A atividade das profissionais do sexo exerce-se também no interior dos vários bares de diversão noturna a que aludia a já citada crónica de Paulo Moura (2009), e que ainda funcionam na zona. O Intendente continua portanto a ser um local para onde muitos homens se dirigem em busca de prazer sexual. Saliente-se que o tráfico de droga se mantém igualmente presente na zona, embora com uma prevalência muitíssimo menor

---

<sup>6</sup> De um modo geral, *hallal* adjetiva aquilo que é permitido nos usos muçulmanos (na alimentação, vestuário, etc.). No caso dos talhos, trata-se da indicação de que a carne vendida provém de animais abatidos de acordo com os preceitos definidos pela religião muçulmana, logo o seu consumo é legítimo e seguro.

e, segundo nos foi dito por alguns interlocutores, restringindo-se quase em exclusivo a certas zonas da Rua do Benfornoso. Quanto ao consumo, tanto as informações recolhidas como a observação realizada ao longo do trabalho de campo sugerem que este parece ter migrado inicialmente para vários pontos nos arredores, sendo mais visível uma bolsa de consumidores na Calçada do Desterro, do outro lado da Avenida Almirante Reis.

A estas práticas de natureza mais ilícita há a juntar a continuidade de vários estabelecimentos ligados a associações há muito implantadas na zona, e cuja relação com o movimento da regeneração, quando existe, é pouco mais que tangencial: é o caso do Sport Clube Intendente (ainda instalado no antigo palácio do Intendente Pina Manique, em absoluta decadência) e do Grupo Excursionista e Recreativo Amigos do Minho, ambos remetendo para um universo de coletividades de bairro de índole castiça e “popular”.



*Imagem 18: fachada do imóvel onde funciona o Sport Clube Intendente.*

Temos assim todo um conjunto de usos de bairro que, de uma ou de outra forma, remetem para uma configuração do Intendente anterior à regeneração: ligar para países distantes, cortar o cabelo de acordo com os preceitos da religião muçulmana, rezar na mesquita, traficar droga, usar os serviços de prostituição, reabastecer de mercadoria para vender nas feiras, ir ao café ver videoclips de canções indianas enquanto se bebe o chá depois do jantar... A vitalidade e a resiliência destes outros modos de usar permitem pôr

em causa a tese clássica da gentrificação, assente numa alteração dos padrões de residência protagonizada por uma população oriunda da classe média ou média-alta. Ao mesmo tempo, seria errado olhar para estes modos de usar como constituindo outros tantos mundos à parte e que se ignoram mutuamente. Falar de sobreposição é também, em nosso entender, falar da necessária interseção entre estes diferentes mundos sociais, bem como da inevitável tensão que daí possa decorrer.

### ***5.3 Interseções e fricções***

As diversas facetas do comércio imigrante descritas na secção anterior constituem um ótimo ponto de entrada nesta temática, na medida em que algumas delas parecem particularmente adaptadas às disposições dos novos públicos trazidos pela regeneração do Intendente enquanto outras se impõem face a elementos menos evidentes mas, apesar de tudo, bastante arreigados à vida do bairro. Começemos pelas interseções felizes. Embora a maioria dos estabelecimentos mencionados não tenha propriamente capacidade captadora a partir dos produtos comercializados — pensamos nos talhos *hallal* ou nas lojas de revenda —, todos eles contribuem para a consolidação de uma *migrantscape* caracterizada pela visibilidade e vividez da sua presença e que, por isso mesmo, surge indiscutivelmente como elemento atrativo para uma população de cariz mais cosmopolita, de raiz lisboeta ou vinda de fora. Já demos conta, no capítulo anterior, de alguns elementos que testemunham essa atração e a vontade de integrá-la na paisagem reconvertida do largo: o jornal da Junta de Freguesia escrito em três línguas, as fotografias tiradas por estrangeiros e que visam documentar a diversidade étnica do Intendente ou a organização e promoção de semanas multiculturais. A isto se devem juntar alguns restaurantes étnicos cuja clientela é marcadamente ocidental e frequentemente turística, como o Pho-Pu, o Bismilla ou o Dhaka, e ainda diversos restaurantes clandestinos.

Um dos pontos de fricção prende-se com o aumento do número de estabelecimentos comerciais geridos por imigrantes (por exemplo, armazéns chineses de revenda ou mercearias de conveniência), os quais surgem agora em espaços anteriormente desaproveitados ou onde funcionavam lojas de comércio dito tradicional nas ruas do Benfornoso e dos Anjos. Isso mesmo pudemos constatar a partir da frequência regular do terreno durante o período do trabalho de campo e, muito particularmente, aquando da

realização de um segundo levantamento dos estabelecimentos em funcionamento na área, em Janeiro de 2016, por contraponto com um levantamento parcial efetuado um ano antes. Os dados recolhidos apontam claramente para uma consolidação da presença de estabelecimentos de imigrantes neste território que não passa despercebida a alguns agentes da regeneração e é por eles olhada com alguma apreensão. Estes agentes com presença no terreno têm a perceção das movimentações de uma classe de empresários etnicamente marcada, dotada de recursos financeiros, no topo de um funcionamento social altamente hierarquizado que, com o apoio de advogados, tem dado uso a uma parte não despidianda dos imóveis de atual Freguesia de Arroios. Trata-se de um assunto que lamentamos não poder explorar mais a fundo, sobretudo porque parece apontar claramente para um outro tipo de gentrificação, praticado por uma minoria etnicamente diferenciada e mais abastada sobre uma maioria remediada.

Face a esta polivalência do universo étnico, as interseções com os universos mais interditos e marginais da prostituição e da droga parecem pontuais, senão mesmo incompatíveis com o novo Intendente. Mencione-se, mesmo assim, a reactualização de um imaginário de raiz lúbrica através da iniciativa *Dia (i)*, dinamizada pelo ilustrador Nuno Saraiva — outra figura artística muito ligada à nova vida desta zona, tendo já colaborado com várias entidades locais — e que consiste num *workshop* de desenho erótico com modelo ao vivo. Iniciado em maio de 2013 no Securas Bar, o evento prosseguiu entretanto noutros estabelecimentos da zona.

Quanto aos atritos relacionados com os mundos da prostituição e da droga, talvez o exemplo mais óbvio seja dado por alguns estabelecimentos que abriram portas já com a regeneração do território em marcha e que, segundo nos foi dito, terão sido atraídos pela imagem de um Intendente como novo *hotspot* lisboeta. O bar *Horiginal* e a hamburgueria *Catch Up*, abertos em 2013 na Rua do Benfornoso, acabaram por fechar portas, não resistindo à pouca afluência de clientela, quase toda absorvida pelos estabelecimentos localizados no Largo do Intendente, a que se somava uma presença à época ainda muito notória e disruptiva de indivíduos alcoolizados ou toxicodependentes nas imediações. Mesmo tendo diminuído muito desde 2011, esta população heteróclita de toxicodependentes, ébrios e pedintes ostentando as marcas físicas da adição não está totalmente ausente deste território.

Como já vimos até num dos extratos de diário de campo apresentado, é bastante comum ser-se abordado em qualquer esplanada ou na rua por alguém que pede dinheiro de forma menos ou mais insistente. Numa certa manhã de domingo em que

participávamos na *Feira Intendente*, três homens nitidamente alcoolizados e com ar de terem passado a noite em claro chegaram-se junto da nossa banca. Um deles tinha uma parte da cara inchada, rematada por um olho negro, e todos riam muito, ao mesmo tempo que procuravam fazer conversa: “Olha para mim, eu sou um puto. Vou-te comprar um boneco porque sou um puto.” O mais afoito chegou a pegar nalgumas peças que tínhamos expostas, simulando malabarismos e brincadeiras. A situação tornou-se ligeiramente tensa apenas porque estávamos numa zona ainda com poucos feirantes e resguardada por um veículo que aguardava descarga, mas acabou por resolver-se rapidamente quando a atenção dos homens foi apanhada pela animação que se intensificava alguns metros à frente, sonoramente providenciada pelo *III Festival da Bicicleta Solidária*, a decorrer nesse mesmo dia.

A presença de homens alcoolizados e evidenciando um potencial para a violência, quais figuras resgatadas de um passado recente e pouco consentâneo com a ordenação e o funcionamento do novo Intendente, reflete-se igualmente nas estratégias usadas por alguns estabelecimentos para afastar clientes indesejáveis. É o caso do restaurante *Cova Funda*, a funcionar no local há vários anos, e que costuma marcar as mesas vazias com o sinal “Reservado” mesmo não tendo sido feita qualquer reserva (na verdade, raramente se aceitam reservas), devendo os clientes interessados falar primeiro com um dos empregados a fim de conseguirem um lugar. Os pontos de tensão entre os vários modos de usar o largo conduzem assim à adoção de estratégias defensivas cujo efeito, pelo menos à primeira vista, é exatamente oposto ao da captação — e que, de resto, também podem ser praticadas por estabelecimentos de outras zonas de diversão noturna. A própria constância das patrulhas policiais pela zona por vezes reforça a ideia de uma insegurança latente, com efeitos ambivalentes nos novos públicos do Intendente.

Acresce a estas tensões a aparente dinamização do mercado imobiliário que se tem refletido num aumento considerável das rendas pagas pelos estabelecimentos e que tem deixado alguns deles — nomeadamente os menos agraciados pelas benesses da regeneração e que dependem sobretudo dos gastos efetuados pela clientela — numa situação complicada. Entre estes encontram-se as coletividades mencionadas na secção anterior. Não há muito tempo, uma destas associações pagava cem euros de renda por um espaço situado num imóvel em avançado estado de degradação. Entretanto, o proprietário do imóvel subiu a renda para seiscentos e cinquenta euros, valor que a associação diz não conseguir comportar. Conjugada com isto, uma recente alteração ao horário noturno que impõe uma diminuição no número de horas de funcionamento (com fecho obrigatório à

meia-noite durante a semana e às duas horas da manhã às sextas-feiras e fins-de-semana) implicou naturalmente um menor volume de negócio. À meia-noite de uma quinta-feira, um dos responsáveis da associação veio até à sala onde nos encontrávamos, em conjunto com outras pessoas, informar-nos gentilmente mas com firmeza que tínhamos que sair daí a pouco — o mesmo se passara minutos antes na mais concorrida *Casa Independente*, de onde também tivemos de sair. Segundo nos contou o responsável pela associação, a fiscalização por parte da polícia era muito intensa, levando-o a fechar as janelas para o exterior e reduzir as luzes do salão para que as pessoas pudessem ali permanecer por mais algum tempo. Sob este aspeto, o Intendente parece estar mesmo a perder importância enquanto zona de diversão noturna que tem sido desde há décadas, primeiro decadente e perpassada pela ilicitude, mais recentemente de pendor cultural e cosmopolita.

Diga-se, por fim, que as regras e procedimentos implicados na regeneração e os novos atores que dela fazem parte também interferem negativamente, ainda que de forma parcial, nos usos mais persistentes do Intendente. Assim, os apoios financeiros por parte do poder local, feitos sobretudo via Bip/Zip, têm sido maioritariamente canalizados para os novos projetos — seja devido às dificuldades de quem está envolvido nas velhas associações em se adaptar às formas de divulgação e aos processos de candidatura, fortemente ligados ao uso do computador e da *internet*, seja inclusivamente por divergências na cor política dos intervenientes.

Em suma, o Intendente apresenta-se hoje como uma zona onde se cruzam, sobrepõem e interseitam diferentes usos de bairro, mobilizando protagonistas variados consoante as alturas do dia ou noite. Dos comércios associados à vida de comunidades imigrantes ao tráfico de droga, ambos de alcance mais restrito, passando por atividades de lazer de caráter transversal, como jogar à bola com as crianças, passear o cão, alimentar os pombos ou assistir a concertos com os amigos, muita coisa pode ser feita em torno do largo que remete para a problemática mais vasta dos modos de usar e viver a cidade. Em quase todos os casos, deparamos com atividades pedestres, as quais foram potenciadas pelos limites recentemente impostos à circulação automóvel. Para além disto, e embora o Intendente se afirme como lugar propício a diversos tipos de consumo, é importante referir que uma boa parte dos usos implica pelo menos um certo nível de gratuidade, inclusivamente como forma de atrair mais frequentadores, como no caso dos eventos de rua. Cidade em ponto pequeno, o largo é propriedade de toda a gente e não é de ninguém, permanecendo portanto aberto à experimentação.

•

A transformação do Intendente foi abordada, neste capítulo, sob a perspectiva dos novos usos associados a mecanismos de captação, aos quais se sobrepõem outros usos – uns mais velhos, outros mais novos mas distintos das atividades de cultura, lazer e turismo fomentadas pelo programa regenerador –, convocando assim a ideia da coexistência de diferentes mundos sociais. Como seria de esperar, os usos afetos a estes diferentes mundos interseccionam-se e, aqui ou ali, podem mesmo entrar em tensão. Mas é possível detetar, em torno das iniciativas diretamente ligadas à regeneração, um propósito unificador. No capítulo que se segue, olharemos com maior atenção para os pontos de ligação mais permanentes entre a diversidade que temos estado a analisar e para quem os protagoniza, avançando com o retrato de uma possível comunidade constituída em torno deste território.



*Imagem 19: alguns exemplos de usos do espaço do largo: na primeira fotografia à esquerda estão uma professora e um grupo de alunos; ao lado uma mulher com carrinho de bebé; em baixo à esquerda um homem molha pedaços de pão na Taça-bebedouro para os dar aos pombos; ao lado um palco recém-montado.*

## ***6. Unindo os pontos***

Vimos, ao longo dos dois capítulos anteriores, como um conjunto de estratégias de captação acionadas por órgãos do poder local e agentes associativos e culturais trouxeram para o Intendente um conjunto de novos públicos, os quais vieram a sobrepor-se aos atores dos mundos sociais já existentes no Intendente. De certo modo, estes mundos complementam-se, verificando-se também, aqui ou ali, alguns focos de tensão. O presente capítulo explora os possíveis pontos de agregação desta diversidade, admitindo que existem, efetivamente, ligações entre os diferentes mundos e mesmo uma proto-comunidade muito potenciada pela própria regeneração, mas que todavia não se resume aos agentes mais diretamente envolvidos nela. Trata-se de uma comunidade ainda instável e parcialmente dependente de condições externas (nomeadamente as que decorrem dos programas de financiamento), mas que conhece uma implantação e uma dinâmica locais dignas de registo. Na próxima secção olhamos o modo como a noção de “comunidade” tem sido utilizada nas ciências sociais e mais especificamente no que concerne às sociedades urbanas. A secção seguinte contém uma descrição etnográfica de um momento importante na materialização da comunidade do Intendente — o Almoço de Natal do Intendente. Por fim, na terceira e última secção, desenvolvemos uma análise do tipo peculiar de comunidade consubstanciada no Intendente atual.

### ***6.1 Ideias e ideais de comunidade***

A noção de comunidade surge nas ciências sociais muito por oposição à ideia de sociedade, de acordo com a formulação clássica de Tönnies (1887), que de alguma forma a terá empurrado para terrenos não urbanos e primitivos, até certo ponto isentos das complexidades de uma civilização moderna cada vez mais urbanizada. De facto, o conceito teve alguma expressão nas etnografias de sociedades camponesas que se fizeram em Portugal, sobretudo a partir de meados do século XX e particularmente na obra de Jorge Dias (1953), sendo que as abordagens subsequentes ao surgimento deste trabalho etnográfico o tiveram claramente como referência matricial (Fontes, 1974, 1977;

Bennema, 1978; Polanah, 1987). No entanto, a aplicação da noção de comunidade a estes contextos cedo se tornou problemática, na medida em que parecia sugerir a imagem de um coletivo estável e homogéneo, algo isolado, sem fricções, bem como pela sua associação ao ideal de comunitarismo (O'Neill, 1984). Já no que toca às etnografias urbanas — que, em Portugal, se sucedem às etnografias camponesas dos anos 1970 e 1980 —, a noção de comunidade parece ter pouca ou nenhuma relevância. As coordenadas, como já fizemos notar, são outras: trata-se, acima de tudo, de entender os bairros como espaços que servem de palco a diversos mundos sociais, ao mesmo tempo que se revelam atravessados por linhas de ligação com outras áreas da cidade. Saliente-se, ainda assim, a cuidada revisitação do tema feita por António Firmino da Costa (1999: 82-92), que merece efetivamente alguma atenção.

Começando por recordar as origens do conceito na teoria social oitocentista, o autor reconhece as limitações de uma visão ideal-típica de comunidade, assente em ideias redutoras e essencialistas de harmonia e comunhão, naturalmente repudiando a aplicação de uma tal visão à realidade social em estudo — o bairro lisboeta de Alfama. No entanto, o autor também considera que o conceito de comunidade não deve ser completamente rejeitado (Costa, [1999] 2008: 91). Com efeito, Costa parece reaproveitar a velha dicotomia entre “comunidade” e “sociedade” — embora não tomando nenhum destes dois polos como formas de organização social estanques e nitidamente demarcadas — por forma a abarcar dimensões e dinâmicas sociais do bairro que lhe parecem relevantes para a constituição de uma identidade cultural de Alfama.

Recorrendo a uma terminologia algo críptica, o autor centra-se sobretudo na noção de bairro para dizer que a dinâmica do mesmo combina aquilo a que chama de “vetores comunitários” e “vetores societários” (Costa, [1999] 2008: 91-92). Isto condiz com o que outros autores disseram acerca da pluralidade dos bairros e da sobreposição de mundos sociais que aí se verifica — ideia que recuperamos também neste estudo. A verdade é que a visão de Costa acaba por reproduzir algumas das limitações que detetamos nas etnografias urbanas mais recentes. A sua etnografia mantém-se ancorada numa visão do bairro a partir dos seus residentes, ou na qual a ideia de residência, por distinção relativamente ao que está e vem do exterior, assume um valor central. De harmonia com esta perspetiva, Costa insiste na questão das fronteiras geográficas do bairro e na nitidez da sua delimitação. Por outro lado, para além de referir a necessidade de não deixar cair o conceito de comunidade aplicado às etnografias urbanas, o autor pouco mais nos diz sobre o que fazer com ele. A perspetiva ensaiada neste estudo propõe, ao invés, que se

pense a realidade do bairro fundamentalmente a partir dos seus usos — os quais podem depender mais ou menos da residência, consoante os casos. Ora, nesta base, o que é que pode ser uma comunidade associada a um contexto de bairro relativamente demarcado e carismático?

No seu sentido mais forte, a ideia de comunidade que pretendemos ensaiar no presente capítulo constitui a chave dos diversos mundos sobrepostos de que falámos atrás. Weber definia as relações comunais como aquelas que se baseavam num sentimento subjetivo, de carácter afetivo ou tradicional, de pertença comum (Weber, [1922] 1978: 40, citado em Costa, [1999] 2008: 88). O destaque dado aos afetos e o modo como eles são associados a uma experiência comum — no caso, uma pertença comum — parece-nos ter uma relevância especial, sobretudo se resistirmos à tentação de usá-los como forma de reciclar velhas divisões entre sociedades tradicionais e sociedade modernas. Assim, admitimos que se poderá falar de comunidade a respeito de uma realidade como o Intendente para designar um conjunto de pessoas que partilham certos usos, preocupações e sensibilidades centradas precisamente no que acontece no largo e suas imediações. A referência territorial é importante, pois constitui o principal elo de ligação a partir do qual a comunidade se constitui, podendo implicar tanto residentes como não-residentes e potencialmente englobando pessoas oriundas tanto das coletividades locais como da regeneração, como da marginalidade, como da mobilidade internacional e do turismo. A par das referências espaciais, a importância das pessoas merece ser realçada, dado que a existência de qualquer comunidade também depende dos seus tipos idiossincráticos, das suas figuras carismáticas e pitorescas, cuja presença continuada permite reforçar uma certa experiência partilhada de bairro.

## ***6.2 O almoço de toda a gente***

Esta secção será essencialmente preenchida pela descrição etnográfica da quarta edição do Almoço de Natal do Intendente — evento já referenciado de passagem no quarto capítulo deste trabalho — por forma a tentarmos perceber melhor que traços desenham a comunidade constituída no Intendente. O almoço decorreu no dia 20 de dezembro de 2015, um domingo, tendo sido organizado por um dos agentes mais emblemáticos da regeneração, a Largo Residências, e beneficiado do apoio da Junta de Freguesia de

Arroios. O evento propriamente dito, de natureza gratuita e aberto a toda a gente, dá mostras de querer promover a inclusão social no Intendente, bem como reforçar uma certa imagem e sentimento de pertença local. Na edição de 2014, a divulgação foi feita com um pequeno cartaz (imagem 20) onde ainda não constava a palavra “comunitário” mas já se lia o mote “Luísa Convida...”, legendando uma foto onde Luísa surgia nítida, de perfil, acompanhada por outras figuras do Intendente, estas de imagem artisticamente difusa mas ainda assim reconhecíveis por qualquer frequentador habitual do Intendente. O cartaz da edição de 2015 mantém o mote e reforça o protagonismo de Luísa, que surge sozinha na fotografia (imagem 21).

**LARGO**  
Café Estúdio

**LUISA**  
convida....

**Almoço de Natal do Intendente**

Dom. 21 Dez. 13h  
Largo do Intendente

Almoço comunitário para todos. Vizinhos, moradores, trabalhadores, frequentadores habituais do Intendente. Cada uma contribui com o que puder: ingredientes, comida, decoração, mesas... sorrisos e apetite para partilhar.

Mais info: [cafelargo@largoresidencias.com](mailto:cafelargo@largoresidencias.com)

Uma produção: **LARGO** RESIDÊNCIAS

Parcerias: **FUNDAÇÃO Intendente**

Apoio: **ARROIOS** JUNTA DE PREGUEIRA

**LARGO**  
Café Estúdio

**LUISA** convida...

**Almoço Comunitário de Natal do Intendente**

20 Dez. Dom. 13h  
Largo do Intendente

Almoço comunitário para todos. Vizinhos, moradores, trabalhadores, frequentadores habituais do Intendente. Cada um contribui com o que puder: ingredientes, comida, decoração, mesas... apetite e sorrisos partilhar.

Mais info: [producao@largoresidencias.com](mailto:producao@largoresidencias.com)

Uma produção: **LARGO** RESIDÊNCIAS

Parcerias: **Cajunha Popular da Mouraria**, **BAIRRO Intendente**

Apoio: **ARROIOS** JUNTA DE PREGUEIRA

Imagens 20 e 21: Cartazes de divulgação do almoço de Natal do Intendente, edições de 2014 e 2015, respetivamente.

*Chego ao Largo do Intendente pelas 12 horas, o sol brilha com intensidade e não se sente vento. Há algum movimento e música gravada sai dos altifalantes. Nenhuma desta animação tem ainda a ver com o almoço mas sim com a Feira Intendente, este mês a coincidir com o dia do almoço de Natal. Ao lado da esplanada do Largo Café já estão dispostas mesas e cadeiras de plástico. O almoço não tem um preço definido a pagar por quem queira nele participar. Ao longo das últimas semanas um pequeno mealheiro esteve no balcão do Largo Café para quem quisesse lá deixar algum donativo. De acordo*

*com o anunciado pela organização quem preferisse poderia doar géneros alimentares, participar nas tarefas necessárias ou contribuir com “sorrisos”.*

*Poucos minutos depois chegam Marta Silva [da direção da Largo Residências], mesmo em fim de gravidez, e o seu companheiro — um dos elementos da dupla Irmãos Makossa, um projeto de pesquisa e divulgação de música africana através de dj sets e espetáculos ao vivo, que nos últimos anos tem sido presença assídua na dinamização cultural do Intendente regenerado. Com ar tranquilo e sorridente, Marta inteira-se do andamento dos preparativos e o seu companheiro leva garrafas de refrigerante para a banca junto à entrada do Largo Café, onde mais tarde será servido o almoço. Mas a verdade é que por agora não há muito que aqui se possa fazer: o almoço está a ser confeccionado na Cozinha Popular da Mouraria, mesas, cadeiras e até pequenos centros de mesa natalícios estão nos seus lugares graças à Junta, que disponibilizou não só este mobiliário como alguns recursos humanos para auxiliarem no que fosse necessário.*

*Face a este impasse, percorro a Feira. [...] Findo o passeio pela Feira, regresso ao Largo Café. Agora já lá está Augusto, devidamente artilhado com câmara de filmar e máquina fotográfica. Apresenta-me a Francisco Rosado, um homem que vejo muitas vezes pelo Intendente, em passeio e pelas esplanadas, sempre de máquina fotográfica pronta a disparar. Lembro-me de uma vez ter perguntado a Augusto se era seu colega, pois os equipamentos de imagem por ele usados têm um aspeto bastante robusto e profissional. Mas não, Francisco, entretanto grande amigo de Augusto, reside na zona da Penha de França e “é um reformado da Força Aérea que gosta muito de fotografar”. Hoje veio com alguns amigos seus para participar no almoço e, claro, fotografá-lo.*

*Com Augusto está Marcos, um jovem que o acompanhará ao longo do dia de trabalho que os espera. Marcos trabalha na Junta, em edição de imagem, mas hoje fará também as vezes de entrevistador, com o microfone da Arroios TV em punho, pois o jornalista que era suposto cobrir o evento não pôde vir.*

*Pouco antes do almoço se iniciar, uma rapariga aproxima-se do tripé onde Augusto pousara a sua câmara. Animada, mete-se com o fotógrafo, espreita pelo visor e acaba por me perguntar se também fotografo. Trata-se de Laurie Calvet, uma francesa com 28 anos, confessadamente seduzida pelo appeal multicultural da zona, que frequenta sempre que pode. Laurie está em Lisboa a tirar um curso de filme documental. Nem sempre é fácil perceber o que diz a jovem, que tenta falar o mais possível em português, intercalado com algumas expressões em inglês. Com óculos de sol e ar de quem há algum tempo anda a dever horas ao sono, Laurie diz-me que na noite passada terá dormido poucas horas, nesta altura do ano há muitas festas e eventos em Lisboa que não quer perder, sobretudo agora que está de viagem marcada para França, onde irá passar o Natal com a família. Lamenta ter-se esquecido da sua máquina, pois gostaria muito de ter fotografias do almoço. Por isso lhe empresto a minha e a partir desse momento Laurie passará a maior parte do tempo a fotografar. Trocamos contactos para mais tarde lhe enviar as fotos por ela tiradas.*

*Entretanto já passa das 13 horas e enfim chegam algumas mulheres carregando grandes tachos. A refeição é composta por feijoada, pão, refrigerantes, vinho, fruta, bolo-rei e outros bolinhos. Baixa-se a música, Marta anuncia o início do almoço e começa a formar-se uma fila de pessoas que esperam ser servidas. Revezando-se entre si, Marta, Marcelo e outros colaboradores do Largo Café, a coreógrafa Madalena Vitorino (que também já*

colaborou noutras iniciativas da Largo Residências) e a própria Luísa vão servindo o almoço. Inicialmente a afluência é moderada, mas no seu auge a refeição contará com perto de cem comensais.

Laurie almoça junto de duas raparigas mulatas que na noite passada tinham estado com ela no B.Leza; numa mesa perto delas estão Augusto e Marcos; aparecerão também Carina (dona da loja Cadeira Rendada, com quem já tinha estado hoje quando fui ver a Feira), o dono da Retrox, o velho homem negro que costuma ocupar uma das cadeiras da esplanada do Largo Café, a prostituta coquete e outras que reconheço da Rua dos Anjos, Francisco e os seus amigos, os colaboradores da Vida Portuguesa, Gabriel e, reunidas numa mesa, Margarida Martins, Catarina Portas, Catarina Vaz Pinto e Graça Sousa (respetivamente vereadoras da cultura e da economia e inovação da CML).

Com os lugares à mesa quase todos ocupados, Luísa senta-se numa cadeira perto de mim, ao lado da zona de servir, para descansar um pouco. Quase imediatamente é abordada de forma carinhosa por homem jovem que lhe dá um beijo, agradece o almoço e comenta como estava bom. Luísa responde-lhe que se para o ano ela não estiver cá, alguém estará para fazer o mesmo. Instalado ali perto e já terminando o almoço está um grupo de cerca de sete ou oito homens e mulheres, todos negros, particularmente animado, falando alto, agarrando-se uns aos outros, rindo muito. A certa altura, um deles aponta para Luísa e diz bem alto: “Está ali a senhora que fez isto tudo!” Uma das mulheres do grupo insiste para que Luísa se junte a eles. Luísa recusa veementemente, acabando por se levantar, algo fugidia a tantos elogios e insistências, e voltar ao trabalho (servindo mais pessoas, orientando o serviço).

Reparo num homem claramente embriagado que, com disposição pouco festiva, vai para a entrada do Largo Café, esbracejando em protesto junto de quem lhe aparece pela frente, calhando também a vez a Laurie, a quem gritou: “Qu’ é que tás a fazer? Não tens nada que andar aí a tirar fotografias!” Pouco depois, perco de vista o homem.

Ouve-se música africana e, no corredor formado entre as mesas do almoço e o prédio recém-restaurado ao lado do Largo Café, algumas mulheres do grupo mais animado começam a dançar, dando corpo a provocantes movimentos de ancas e olhando-se ostensivamente no reflexo das montras vazias. Um ou outro homem do mesmo grupo ainda se junta à dança, mas este divertimento não durará muito mais tempo. São perto das 15h30m, os convivas vão dispersando, o volume da música torna-se mais baixo, Margarida Martins, que foi registando alguns momentos do almoço de Natal com o seu I-pad, ajuda a limpar as mesas enquanto alguns funcionários da Junta começam a recolher este mobiliário. Em seguida responde às perguntas de Marcos enquanto é filmada por Augusto para a Arroios TV.

Pouco depois, junto-me a Laurie, Augusto e Marcos, que sentados na esplanada fazem uma pausa no trabalho. O fotógrafo conta que inaugurou ontem na Benfornosa Praça mais uma exposição de fotografias suas. Augusto está feliz, mas queixa-se que quando hoje lá passou já tinham arrancado doze imagens. Planeia falar com Inês, da Associação Renovar a Mouraria, responsável pela iniciativa, para saber se ela quer que ele reimprima as imagens. De repente, Augusto vê uma mulher, usando véu islâmico, e três crianças passando pelo Largo e imediatamente pede-me para as fotografar. Não o faço, mas passo-lhe a máquina a ele, que corre agilmente para se pôr à frente delas e as fotografa. Pouco depois abandonamos a mesa da esplanada.



Imagem 22: fotografia tirada por Augusto Fernandes durante o almoço de Natal do Intendente.

### ***6.3 Um certo sentido de comunidade***

A descrição acima tem vários pontos de contato com a apresentada na secção *De uma tarde no largo*, incluída no quarto capítulo deste trabalho, onde se tentou retratar uma tarde comum de fim-de-semana no Largo do Intendente, numa toada um pouco planante e digressiva — dir-se-ia que em concordância com o espírito *flâneur* que de algum modo perpassava os protagonistas da descrição. No caso do Almoço Comunitário de Natal, um evento festivo até certo ponto de exceção mas que vai criando raízes com a sua cadência anual, a informação recolhida tem um caráter mais incisivo e estruturado, condizente com a própria construção do evento. Mas ambas as situações decorreram no mesmo local — ao ar livre, entre o Kit Garden e o Largo Café —, alguns dos atores são os mesmos (Augusto, Gabriel, Marcelo), a dinâmica de sociabilidade instalada, sendo mais densa e festiva no caso do almoço, parece também ela ter a mesma natureza: descontraída, aberta e afetuosa.

Podemos perceber, pela descrição do almoço, como um certo sentimento de pertença comunal em torno do Intendente se reflete e constrói através de várias práticas e agentes. Por exemplo, através do registo de imagens — algo que, como nota Gomes (2015) e como nós próprios constatámos aquando da pesquisa para a realização do capítulo de contextualização histórica, era muitíssimo limitado nas décadas anteriores à

regeneração —, que é feito sobretudo por frequentadores habituais do Intendente (com maior ou menor pendor institucional), tanto de eventos especiais como da vida quotidiana, e contribui para fixar e valorizar quem vai ao Intendente, talvez até como uma espécie de autorretrato, no sentido em que se fotografa parcelas de um todo de que também se faz parte. A vocação visual do Intendente atual está patente, por exemplo, na exposição de retratos de autoria de Augusto Fernandes, que decorreu no Largo Café na primavera de 2015 (imagem 24). Trata-se de quarenta retratos que o autor escolheu entre várias dezenas de imagens que foi registando de outras tantas pessoas com quem se cruzava pelo Intendente. A exposição foi realizada por iniciativa do autor, nas instalações do Largo Café e para a impressão das imagens foi usado o dinheiro de um pedidório feito para o efeito no mesmo estabelecimento — terminada a exposição, as fotos foram oferecidas aos retratados. Importa aqui reter, para além da própria operacionalização do evento que contou com uma mobilização informal comunitária, a diversidade social representada nos retratos onde, como nos disse o autor, estão “comerciantes, prostitutas, traficantes, residentes, ladrões e empresários”.



*Imagem 23: exemplos do registo de imagens feito por frequentadores e participantes do Intendente em diferentes eventos.*



**GENTE LINDA DO INTENDENTE**

Exposição de  
**Augusto Fernandes**  
 14 de Março a 5 de Abril  
 Inauguração 14 Março . 18h00  
 LARGO Café Estúdio . Lg. Intendente nº 17

O fotógrafo residente Augusto Fernandes, durante o último ano, tem mantido uma proximidade junto de moradores e comerciantes do Bairro do Intendente. O resultado desta interação poderá ser visualizado através de 40 fotografias em formato 30X40, as quais mostram não só o rosto das pessoas fotografadas mas também a sua alma.

Para que tal fosse possível, tivemos a contribuição financeira coletiva, para a impressão das fotografias que, no final da exposição, serão oferecidas a todos aqueles que se deixaram fotografar pela retina esquerda de Augusto Fernandes.

Uma Produção:  
**LARGO**  
 RESIDÊNCIAS

*Imagem 24: cartaz de divulgação da exposição Gente linda do Intendente.*

A ausência de um preço definido para o almoço é, a nosso ver, um outro indicador da existência de um espírito comunitário em construção entre os frequentadores do Intendente — residentes ou não na zona — e também da intencionalidade por parte das instituições da regeneração de provocar e consolidar esse mesmo espírito. Parece-nos claro que há, nas atividades promovidas por estes agentes, uma estratégia de inclusão, de que o almoço de Natal será porventura o exemplo mais emblemático, que tem contribuído decisivamente para uma prática de contacto entre pessoas de algum modo pertencentes a diferentes mundos sociais — resultando em parte nas sobreposições de que temos vindo a falar. A possibilidade de contribuir para o almoço com alimentos, dinheiro, tarefas, simpatia ou coisa alguma, traduz um enfoque claro na questão da entreatajuda, subjacente na premissa de que paga apenas quem puder e da maneira como puder, remetendo também para um sentido de partilha e afetividade que, de resto, está presente na própria publicitação do evento, com a fotografia de Luísa e o convite que ela nos faz. De modo mais ou menos intencional, a verdade é que, a nosso ver, o papel da afetividade não é

totalmente despiçando no processo de regeneração do Intendente. A imagem endurecida mas cativante de Luísa, o acolhimento e cuidado que todos acabam por ter relativamente ao excêntrico perambulante Gabriel, a forma tolerante e até enlevada como pessoas provenientes de países muito diferentes convivem e coabitam diariamente (veja-se o entusiasmo do baiano Augusto ante a possibilidade de fotografar a família muçulmana que passava no largo) são realidades que acabam por construir a imagem de um lugar humanizado — algo que pode servir ao lado mais emocional do consumo, ligado exatamente a sentimentos de afetividade e ideias como a justiça social de que nos fala Cochoy (2007: 208), e que também conjuga com a noção clássica de comunidade proposta por Weber ([1922] 1978) enquanto sentimento de caráter afetivo de pertença comum.



*Imagem 25: dois frequentadores habituais do Intendente andando de bicicleta no largo.*

Um terceiro ponto-chave que nos leva a falar da existência de uma comunidade no Intendente diz respeito à omnipresença de algumas figuras-tipo, personagens de bairro que rapidamente se tornam identificáveis pelos frequentadores mais atentos. O que cria estas figuras-tipo é, por um lado, a sua presença recorrente que as torna numa referência do local e, por outro, a sua faceta relacional que as torna em pontos de entrada para o bairro e os seus mundos.

Na descrição atrás apresentada surgem referenciadas várias destas figuras, a que agora regressamos. No evento observado, Luísa é tornada figura de proa. Trata-se efetivamente de uma mulher bastante conhecida no Intendente. Luísa nasceu em Luanda há 53 anos mas veio para Lisboa pouco tempo depois, sendo moradora na zona há várias décadas — primeiro na Rua de São Lázaro e mais recentemente no Benfornoso. Tida por toda a gente como excelente cozinheira, atualmente Luísa trabalha na Cozinha Comunitária da Mouraria e também no Largo Café, tendo anteriormente trabalhado no bar Istanbul, encerrado, tal como muitos outros, nos anos noventa. Esta mulher tem uma memória vívida do velho Intendente, que conheceu bem, e uma história de vida plena de agruras, vitórias e muitos combates. Luísa tem uma relação próxima e por vezes até vigilante e algo tutelar com Augusto, no sentido de se certificar do seu bem-estar. A sua imagem de mulher vivida, de modos por vezes rudes mas sorriso aberto e temperamento maternal, que se traduz para o coletivo quando Luísa cozinha em eventos como o almoço de Natal ou outras colaborações com o Largo Café, tem sido apropriada e reforçada pelos agentes da regeneração, fazendo de Luísa um elemento aglutinador, um símbolo do Intendente revalorizado que não renegou sua história e a soube incorporar na sua nova vida.

O já mencionado Augusto Fernandes, nosso interlocutor privilegiado, dedica-se às artes da fotografia, colabora com várias associações locais de dinamização cultural e é fotógrafo na Junta de Freguesia de Arroios. Augusto é um negro baiano de 46 anos que veio para Portugal há cerca de dez anos por razões do coração, acompanhando aquela que na altura era sua mulher, uma portuguesa. Pouco mais de um ano antes de arrancar a regeneração, Augusto mudou-se para a Rua Andrade, bem junto à Rua dos Anjos, acabando por estar presente no Intendente atual como uma figura um pouco híbrida, no sentido em que embora simbolize sobretudo o Intendente contemporâneo, o fotógrafo vivenciou ainda o velho Intendente. Augusto é extrovertido, conversador e sorridente, atento aos que o rodeiam (nem que seja pela sua sensibilidade de fotógrafo) e grande defensor da multiculturalidade harmoniosa que diz apreciar no Intendente, onde é atualmente um dos agentes mais referenciáveis e ativos. Pode ser visto quase diariamente pelo largo, muitas vezes em companhia da sua jovem filha.

Marta Silva tem 37 anos, esteve ligada à dança como bailarina e está envolvida na direção da Largo Residências desde o início do projeto, que arrancou a par com o processo de regeneração e acabou por se tornar parte dele. Mora na zona dos Anjos, trabalha num dos escritórios do edifício da Largo Residências e é presença diária no Largo Café, o

estabelecimento propositadamente mais exposto e aberto ao Largo, que congrega entre os seus frequentadores turistas, artistas (alguns em residência, outros como clientes ocasionais), prostitutas e moradores nas imediações — refira-se que a própria reabilitação do imóvel foi pensada por forma a ligar o mais possível o exterior ao interior<sup>7</sup>. A intenção de inclusão de quem estava antes no Intendente na nova vida do local esteve presente desde o início do projeto, a par do contato direto com a comunidade local, que envolveu, segundo Marta nos declarou em entrevista, “ir para os bares, cafés, bancos da rua e as casas das pessoas”<sup>8</sup>.

Carina é outra das figuras mencionadas na nossa descrição. Nasceu perto de Castelo Branco, está em Lisboa há nove anos e abriu a loja Cadeira Rendada em 2014. Nunca ponderou vir ao Intendente devido à má fama da zona, até que um dia um amigo comentou que era para ali que ela deveria mudar a sua loja (à época a funcionar na Estefânia). Num domingo de manhã, Carina ganhou coragem e veio com o marido tomar um café ao Intendente e, segundo a própria conta, três dias depois já tinha a loja alugada, tal a empatia que sentiu com o lugar<sup>9</sup>. Carina participa em muitas das atividades que decorrem no Intendente, tendo referido em entrevista, em tom de agradável surpresa, a facilidade com que foi acolhida e fez amizades com as pessoas do bairro — as da regeneração e particularmente as prostitutas (recordemos que a loja de Carina fica na Rua dos Anjos, onde está atualmente concentrada a prostituição do Intendente).

Como em todos os outros dias, também no dia do almoço de Natal Gabriel foi até ao Largo Café. Gabriel é magro, trigueiro, está sempre a falar e sempre sozinho, exceto quando em companhia dos funcionários e frequentadores dos cafés do Largo do Intendente, de onde entra e sai todo o dia, onde lhe perguntam pela medicação e pelas refeições — especialmente no Largo Café. Não é fácil perceber qual o passado do Gabriel, ou mesmo o seu presente. Lembro-me de uma tarde de verão na esplanada d’O das Joanas em que Gabriel abandonou por algum tempo o seu caminhar inquieto e apressado para se sentar numa mesa junto a um jovem casal que lá estava com um bebé. O casal já o conhecia, Gabriel brincou um pouco com a criança e conversou com o homem, num tom pausado que nunca lhe ouvira antes nem voltei a ouvir após essa ocasião, sobre fábricas e a sua vida passada no Barreiro. Certo é que atualmente Gabriel é alvo das atenções e

---

<sup>7</sup> Comunicação de Marta Silva na conferência *Re:Kreators Lisbon* (17 de novembro de 2015).

<sup>8</sup> Entrevista a 24 de novembro de 2015, Largo Residências, Lisboa.

<sup>9</sup> Entrevista a 5 de março de 2015, Cadeira Rendada, Lisboa.

cuidados, ainda que por vezes um pouco impacientes, dos que assiduamente estão no Intendente.

A descrição atrás apresentada inclui ainda outras figuras que compõem a comunidade que se une em torno do Intendente, como o dono da loja Retrox e sobretudo a sua companheira, Josiane (brasileira nascida em Belo Horizonte) ou a presidente da Junta de Freguesia de Arroios (cujas instalações, como já mencionámos, transitaram para o Largo do Intendente após a saída do gabinete do Presidente da Câmara). No almoço esteve também o frequentador habitual Francisco, um homem de classe média com amizades e interesses visuais pelos eventos, passantes e residentes do Intendente; e a jovem estudante francesa Laurie, representando um tipo de frequentador mais cosmopolita, boémio e artístico inerente a grande parte do novo público da zona (ainda que completamente integrada num dos quatro tipos de mobilidade turística identificados no início deste trabalho, Laurie era vista quase diariamente no Intendente durante a realização do trabalho de campo). Por fim, representando um Intendente talvez menos eufórico e higienizado, mas ainda assim bem entrosado na comunidade em construção, temos o negro idoso que quase diariamente se senta, aparentemente sem consumir, na esplanada no Largo Café, ou no pronto-a-comer ao cimo da Travessa Cidadão João Gonçalves, ou então nos bancos públicos, ou nos degraus das portas da Rua dos Anjos, cumprimentando e sendo cumprimentado por quem passa. No mesmo rol se poderão incluir as costumeiras prostitutas da Rua dos Anjos.

Em suma, no Almoço Comunitário de Natal do Intendente podemos encontrar tanto figuras mais diretamente ligadas à regeneração (seja através das lojas, do poder local, ou dos novos frequentadores, incluindo jovens estudantes estrangeiros e artistas residentes) como figuras que remetem para o velho Intendente, como as prostitutas, o homem embriagado e várias outras personagens que, pela sua aparência menos cuidada e até pouco saudável, dão testemunho de um tipo de vivência eventualmente conotado com a marginalidade e o vício. O almoço congrega, portanto, participantes oriundos de mundos diferentes, sendo importante acrescentar que o sentimento de pertença e de partilha de algo comum (que, à falta de melhor, só podemos designar como sendo o próprio Intendente enquanto lugar multiusos) se manifesta também quotidianamente, dado que muitos dos que estiveram no almoço se cruzam e interagem no largo, dando corpo a um sentido de comunidade cuja pertença não se prende com questões de residência ou não-residência.

Diga-se, para finalizar, que a comunidade que aqui delineámos não é tão consistente nem oferece garantias de perenidade como as comunidades ditas tradicionais ou, sobretudo, as comunidades étnicas, cuja resiliência, mesmo em condições socioeconómicas adversas, é proverbial. Por outro lado, esta também não será exatamente uma comunidade de prática unida em torno de uma determinada atividade profissional e decorrendo num contexto organizacional delimitado (cf. Wenger, 1998). É, como dissemos, uma comunidade ainda em formação, adaptada a um contexto ele próprio transitório e que tem a característica de juntar algumas pessoas provenientes dos diversos mundos sociais que atravessam o Largo, provisoriamente unidas em torno da regeneração. Em todo o caso, é uma comunidade que parece estar a funcionar. Tem as suas figuras-tipo, que dão um pitoresco ao largo; as suas figuras organizadoras, que pensam o largo; as suas materializações simbólicas sob a forma de eventos culturais, fotografias, rituais de convívio, etc.

Neste sentido, pensamos que a ideia de comunidade que aqui avançamos é mais um elemento que permite contrariar ou questionar a ideia de gentrificação aplicada ao Intendente — se entendermos que a gentrificação implica uma substituição de um conjunto de habitantes por outro e não uma tentativa de congregação, como aquela que está aqui em causa, com o propósito de unir residentes e frequentadores. De resto, esta intenção é muito clara nalguns dos agentes de que aqui temos vindo a falar, como é o caso dos envolvidos no projeto Largo Residências, cuja atividade tem procurado trazer novos utilizadores ao bairro e, ao mesmo tempo, criar as condições necessárias para assegurar a presença dos antigos. É certamente possível que comunidades deste tipo existam também noutras zonas de Lisboa — Bairro Alto, Alfama, Bica, etc. Mas trata-se de um aspeto pouco explorado nas etnografias urbanas existentes, onde a questão da residência continua a ser um referente central e, em nosso entender, algo sobrevalorizado. Evidentemente, o facto de se tratar de uma comunidade incipiente implica também que se considere a possibilidade da sua dissolução a curto ou médio prazo, tendo em conta aspetos como uma eventual diminuição dos apoios públicos que têm sustentado alguns projetos aliados à regeneração e, sobretudo, a desmobilização dos seus próprios agentes, mercê duma redução da afluência de clientes, da incapacidade para fixar clientes suficientes numa base regular, da redução dos horários de funcionamento noturno ou da incapacidade de prosseguir negócios numa base autossustentada.

## *Considerações finais*

Esta tese tomou por objeto o processo de transformação da zona lisboeta do Intendente, identificado aqui como um processo de regeneração, o qual ocorreu após muitas décadas de progressiva degradação e alguns impulsos de reconversão prévios que acabaram por não surtir grande efeito. Em primeiro lugar, é indubitável que a regeneração iniciada em 2009 existiu e teve consequências notórias, nomeadamente ao nível da captação de novos públicos para fins de lazer e turismo. Mas a captação – que mobilizou diversos agentes, atividades, recursos e meios de comunicação – não ditou o desaparecimento absoluto do velho Intendente marginal e multiétnico. Daí a ideia de um Intendente multiusos, decorrente da sobreposição de vários mundos sociais em torno do largo. Ao mesmo tempo, percebemos também que o esforço regenerador procurou unificar os diferentes mundos do Intendente em torno de uma noção de bairro personificada num conjunto específico e facilmente identificável de frequentadores – conjunto esse que pode ser entendido como constituindo uma comunidade. Este é, muito sucintamente, o argumento central do presente trabalho.

Embora o objeto que escolhemos se destaque sobretudo pelas suas valências em termos de consumo e lazer para um público de frequentadores que se diria, primeiro que tudo, lisboeta, não restam dúvidas de que as características *sui generis* do Intendente fazem com que o mesmo se assuma igualmente como um produto turístico. A zona dispõe efetivamente de recursos histórico-patrimoniais e de lazer que estimulam atividades de passeio (a pé ou de bicicleta), fotografia, gastronomia e diversão noturna perfeitamente integráveis em diversas modalidades de turismo: turismo cultural e de fruição de eventos, turismo gastronómico, turismo motivado pela procura da diferença e, inclusivamente, de uma certa transgressão. Neste âmbito – e tendo em conta que o turismo deve ser entendido como uma experiência híbrida, que muitas vezes aparece misturada com outras –, identificámos quatro tipos de frequentadores do Intendente: jovens estudantes Erasmus, de proveniência europeia; pessoas de diversas nacionalidades e que passam por Lisboa para visitar amigos ou familiares (cf. Larsen, Urry, Axhausen, 2007); viajantes em trabalho (nomeadamente conferencistas ou criadores envolvidos em residências

artísticas); e pessoas em férias, algumas das quais enquadráveis nos estereótipos do turismo de massas.

Chegados ao fim deste trabalho, temos noção de que muito do que aqui foi dito se refere a uma realidade que se encontra ainda em forte transição. Se a imagem negativa do Intendente, que perdurou durante meio século nas ruas e no imaginário partilhado, é um dado relativamente seguro da história de Lisboa, a imagem compósita que começou a desenhar-se a partir da regeneração não oferece, por enquanto, muitas garantias quanto à sua consistência e durabilidade. A nossa pretensão foi a de retratar etnograficamente, e analisar, uma realidade urbana que atravessa momentos de acelerada mudança, tendo em conta que se trata de uma fase singular, quiçá de duração fugaz, da história da zona. É bem possível que, daqui a poucos anos, alguns dos usos e mecanismos de captação aqui retratados tenham abandonado o largo e as suas imediações, mercê de um desinvestimento por parte das entidades públicas que, até aqui, sustentaram a regeneração, sendo substituídos por novos modos de usar referentes a outros mundos sociais e económicos. Importa por isso deixar uma nota quanto às limitações mais evidentes deste trabalho e, ao mesmo tempo, apontar possíveis linhas de desenvolvimento que, a serem seguidas, contribuirão para uma imagem mais robusta dos fenómenos urbanos que atravessam o presente e o futuro do Intendente.

Pusemos a tónica nos utilizadores e frequentadores do Intendente, mais do que nos seus residentes, procurando contrariar o que nos pareceu uma tendência marcante e algo condicionante das etnografias urbanas e, por outro lado, obedecendo a uma imposição do próprio largo, dado que nenhum dos seus imóveis tem atualmente moradores permanentes. Em boa verdade, seria importante dispor de um levantamento e caracterização social, ainda que genérica, da população residente na área em estudo. Contudo, os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística afiguram-se de fraca utilidade para este propósito, em primeiro lugar porque nos dão a informação dos censos 2011, uma recolha efetuada antes da regeneração, quando os edifícios que hoje protagonizam esta regeneração se encontravam devolutos ou em funções pouco formalizáveis — segundo nos foi dito, as instalações do Largo Café / Residências eram “a pensão das mulheres” — sendo, portanto, dúbia a sua capacidade de espelhar uma realidade que em poucos anos aparentemente se alterou significativamente. Em segundo lugar, os dados do Instituto Nacional de Estatística concernem à totalidade da população residente na área da Junta de Freguesia de Arroios, sendo impossível isolar os dados referentes aos moradores na pequena dimensão geográfica do Largo do Intendente e suas

imediações. Por último, esta é uma zona onde há uma fortíssima circulação de pessoas, que a habitam por períodos mais ou menos demorados, e onde pulula o subaluguer de imóveis, realidades marcantes e definidoras do território que aqui abordámos e que escapam ao radar quantitativo das estatísticas. Cabe, no entanto, reconhecer que a cartografia dos residentes na zona do Intendente está por fazer, e só nesta base se poderá averiguar verdadeiramente a importância da dimensão residencial no processo de regeneração em curso. Mantemos, ainda assim, que essa importância será relativa.

Outro aspeto que foi apenas levemente afluído diz respeito aos circuitos económicos etnicamente centrados, nomeadamente os que são acionados por minorias de imigrantes provenientes da China e, sobretudo, do Bangladesh. Os dados recolhidos e a observação realizada durante o trabalho de campo apontam para um crescimento significativo e acelerado destas atividades, com reflexos cada vez mais nítidos no campo da ocupação de imobiliário. Ficaram ainda assim por explorar as motivações e mecanismos que sustentam esta realidade tão específica, permanecendo em aberto os efeitos que a sua presença pode vir a ter na estruturação da zona — dentro de um Intendente em nítida mudança, este aspeto em concreto é dos que atravessa um processo de expansão mais evidente.

De um modo geral, a própria questão da propriedade imobiliária mereceria um olhar mais profundo e demorado. Existem, neste âmbito, uma série de processos em curso e cujo desenlace ainda é incerto: por exemplo, o projeto de uma residência para estudantes a concretizar num edifício no Largo do Intendente, detido pela Estamo (imobiliária de capitais públicos), o qual está em dúvida pois desde o verão de 2015 que se sabe que a intenção dos proprietários é afinal a de proceder à venda do prédio, não havendo garantias quanto ao ramo de utilização futura; no terreno, fala-se igualmente no interesse por parte de empresas de capital estrangeiro em adquirir alguns imóveis, designadamente dois edifícios com andares normalmente utilizados para fins de prostituição, o que jogará no sentido de uma certa higienização da zona, apontando assim numa direção diferente da tomada até aqui. Parece-nos portanto claro que este é um terceiro ponto a merecer atenção futura.

Por fim, devemos reiterar a ideia de que a realidade atual, feita de sobreposições e multiusos, tem sido sobretudo assegurada pelos poderes municipais, em primeiro lugar através do projeto de requalificação *Mouraria – As Cidades Dentro da Cidade*, financiado pelos fundos comunitários do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) e, mais recentemente, através de linhas autárquicas de apoio financeiro mais direcionado,

de que é exemplo o programa de parcerias locais Bip/Zip. Evidentemente, a sustentabilidade desta regeneração de cariz integrador e englobante, alavancada por financiamentos públicos, permanece uma questão em aberto, diante da qual todos os cenários são possíveis.

## ***Bibliografia***

- AAVV (2005) Políticas públicas de revitalização urbana. Reflexão para a formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN. ISCTE/CET, Observatório do QCA III. [Acedido em 16 de fevereiro de 2016]. [http://www.qren.pt/np4/file/1427/12\\_Pol\\_ticas\\_P\\_blicas\\_de\\_Revitaliza\\_o\\_U.p\\_d\\_f](http://www.qren.pt/np4/file/1427/12_Pol_ticas_P_blicas_de_Revitaliza_o_U.p_d_f)
- Araújo N (1938) *Peregrinações em Lisboa*, Vol. IV. A. M. Pereira Editora, Lisboa.
- Araújo N (1993) [1939] *Peregrinações em Lisboa*, Vol. VIII. Vega, Lisboa.
- Bastos C (2001) Omulu em Lisboa: etnografias para uma teoria da globalização. *Etnográfica*, V (2): 303-324.
- Bennema J (1978) Traditions of communal co-operation among Portuguese peasants. *Papers on European and Mediterranean Societies*, 11.
- Bourdieu P (1972) *Esquisse d'une Théorie de la Pratique, Précédé de Trois Études d'Ethnologie Kabyle*. Librairie Droz, Genebra e Paris.
- Brown-Saracino J (2009) *A Neighborhood that Never Changes: Gentrification, Social Preservation and the Search for Authenticity*. Chicago University Press, Chicago.
- Brown-Saracino J (2010) *The Gentrification Debates: a Reader*. Routledge, Nova Iorque.
- Bruner E (1994) Abraham Lincoln as authentic reproduction: A critique of postmodernism. *American Anthropologist*, 96: 397-415.
- Butler T (2007) For gentification? *Environment and Planning*, 39: 162-181.
- Câmara Municipal de Lisboa (2010) *Obras na Mouraria e no Bairro Padre Cruz – QREN*. [Acedido em 19 de Julho de 2015] <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/projetos-e-obras/obras-na-mouraria-e-no-bairro-padre-cruz-qren>
- Caria T (2005) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Afrontamento, Porto.
- Carvalho P (1991) [1898] *Lisboa d'Outros Tempos. Figuras e Cenas Antigas*, Vol. I. Fenda, Lisboa.
- Carvalho P (1991) [1899] *Lisboa d'Outros Tempos. Os Cafés*, Vol. II. Fenda, Lisboa.
- Carvalho P (1994) [1903] *História do Fado*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Castilho J (1935) [1885] *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, Vol. III. S. Industriais da C.M.L., Lisboa.

- Castilho J (1937) *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, Vol. IX. S. Industriais da C.M.L., Lisboa.
- Catungal J, Leslie D, Hi Y (2009) Geographies of displacement in the creative city: the case of Liberty Village, Toronto. *Urban Studies*, 46 (5/6): 1095-1114.
- Caulfield J (1994) *City Form and Everyday Life: Toronto's Gentrification and Critical Social Practice*. University of Toronto Press, Toronto.
- Chambers E (2010) *Native Tours. The Anthropology of Travel and Tourism*. Waveland Presse, Illinois.
- Chaves M (1999) *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- Cochoy F (2007) A brief theory of the 'captation' of publics: understanding the market with Little Red Riding Hood. *Theory, Culture & Society*, 24: 203-223.
- Cordeiro G (1997) *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Costa F (1984) Entre o Cais e o Castelo: identidade cultural num tecido social inigualitário. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 14: 77-108.
- Costa F (2008) [1999] *Sociedade de Bairro. Dinâmicas da Identidade Cultural*. Celta Editora, Lisboa.
- Costa F (2011) Globalização, diversidade e "novas" classes criativas em Lisboa: economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 67: 85-106.
- Costa F, Guerreiro M (1984) *O trágico e o Contraste: o Fado no Bairro de Alfama*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Cruz F (1984) [1841] *Da Prostituição na Cidade de Lisboa*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Dantas J (1942) [1903] *A Severa*. Domingos Barreira Editor, Porto.
- Dias J (1981) [1953] *Rio de Onor: Comunitarismo Agro-Pastoril*. Editorial Presença, Lisboa.
- Dias M (1987) *Lisboa Desaparecida*, Vol. I. Quimera Editores, Lisboa.
- Dias M (2001) *Lisboa Desaparecida*, Vol. VII. Quimera Editores, Lisboa.
- Dias M (2003) *Lisboa Desaparecida*, Vol. VIII. Quimera Editores, Lisboa.
- Fernandes L (2002) [1999] *O Sítio das Drogas*. Editorial Notícias, Lisboa.

- Fernandes L, Neves T, Chaves M (2001) Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário. *Educação, Sociedade e Cultura*, 16: 171-201.
- Florida R (2002) *The Rise of the Creative Class: and How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. Basic Books, Nova Iorque.
- Florida R (2008) *Who's Your City? How the Creative Economy is Making Where to Live the Most Important Decision of Your Life*. Basic Books, Nova Iorque.
- Fontes A (1974) *Etnografia Transmontana I: Crenças e Tradições do Barroso*. Edição do autor, Montalegre.
- Fontes A (1977) *Etnografia Transmontana II: O Comunitarismo de Barroso*. Edição do autor, Montalegre.
- Gato M (2014) *Viver no Parque das Nações. Espaços, Consumos e Identidades*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- Gemmiti R (2008) Creative cities, culture, tourism: the experience of Rome. In Malíkoná L e Sirák M (eds.) *Regional and Urban Regeneration in European Peripheries: What Role for Culture?* Institute of Public Policy, Bratislava: 10-20.
- Gésero P (2014) *Configuração da Paisagem Urbana pelos Grupos Migrantes. O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*. Alto Comissariado para as Migrações, Lisboa.
- Glass R, et al (1964) *London: Aspects of Change*. Macgibbon & Kee, Londres.
- Gomes H (2015) Des images dans la ville: une chronotopie de la place d'Intendente à Lisbonne. *Construction Politique et Sociale des Territoires — Cahiers*, 4: 45-67.
- Gusmão N (2004) *Os filhos de África em Portugal*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- Handler, R. (1984) On sociocultural discontinuity: nationalism and cultural objectification in Quebec. *Current Anthropology*, 25/1: 55-71.
- Hannerz U (1969) *Soulside: Inquiries into Ghetto Culture and Community*. Columbia University Press, Nova Iorque e Londres.
- Herzfeld M (2010) Engagement, gentrification, and the neoliberal hijacking of history. *Current Anthropology*. 51 (2): S259-S267.
- Hwang J, Sampson R (2014), Divergent pathways of gentrification: racial inequality and the social order of renewal in Chicago neighbourhoods. *American Sociological Review*, 79 (4): 726-751.
- Judt T (2007) [2005] *Pós-Guerra, História da Europa desde 1945*. Edições 70, Lisboa.
- Junta de Freguesia de Arroios (2014), *Marca*. [Acedido em 17 de fevereiro de 2016] <http://www.jfarroios.pt/marca>

- Junta de Freguesia de Arroios (s/d) *Identidade / Marca*. [Acedido em 10 de Dezembro] <http://www.jfarroios.pt/marca>
- Kirchberg V, Kagan S (2013) The role of artists in the emergence of creative sustainable cities: theoretical clues and empirical illustrations. *City, Culture and Society*. (4): 137-152.
- Landy C (2000) *The Creative City. A Toolkit for Creative Innovators*. Earthscan: Londres.
- Larsen J, Urry J, Axhausen K (2007), Networks and Tourism. Mobile Social Life. *Annals of Tourism Research*. 34/1: 244-262.
- Larsen J, Urry J, Axhausen K (2007). Networks and Tourism. Mobile Social Life. *Annals of Tourism Research*, 34/1: 244-262.
- Lawton P, Murphy E, Redmond D (2013), Residential preferences of the “creative class”? *Cities*, 31: 47-56.
- Leal J (2010) Usos da cultura popular. In Neves J (ed.) *Como se Faz um Povo. Ensaios de História Contemporânea de Portugal*. Fundação EDP e Tinta-da-China, Lisboa: 125-137.
- Lees L (2008) Gentrification and social mixing: towards an inclusive urban renaissance? *Urban Studies*, 45 (12): 2449-2470.
- Lees L, Slater T, Wyly E (2008) *Gentrification*. Routledge, Londres e Nova Iorque.
- Lees L, Slater T, Wyly E (eds.) (2010) *The gentrification reader*. Routledge, Londres e Nova Iorque.
- Ley D (1996) *The New Middle Class and the Remaking of the Central City*. Oxford University Press, Oxford e Nova Iorque.
- Ley D (2003) Artists, aestheticisation, and the field of gentrification. *Urban Studies*, 40: 2525-2542.
- Lisboa Livre Blogspot (2014) *21 de Dezembro, 2014: Festa – Almoço de Natal do Intendente*. [Acedido em 19 de outubro de 2015] <http://lisboa-livre.blogspot.pt/2014/12/21-de-dezembro-2014-festa-almoco-de.html>
- Lopes D (2006) Mercados encobertos: os ciganos de Lisboa e a venda ambulante. *Etnográfica*, (X) 2: 319-335.
- Lopes D (2008) *Deriva Cigana: um Estudo Etnográfico Sobre os Ciganos de Lisboa*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- Mapril J (2010) *Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa*. *Etnográfica*, 14 (2): 243-263.

- Mendes L (2013) A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 5 (1): 33-45.
- Mendes L (2013) Da gentrificação marginal enquanto movimento urbano crítico: evidências empíricas de um bairro histórico de Lisboa, Bairro Alto. *Revista Iberoamericana de Urbanismo*, 9: 29-46.
- Mendes M, Padilla B (2013), Bairro da Mouraria em Lisboa. *Arquitecto Bairro*, 4. [Acedido em 3 de Julho de 2015]. <http://www.estudoprevio.net/artigos/22/maria-manuela-mendes-beatriz-padilla-.-bairro-da-mouraria-em-lisboa>
- Meneses M (2011) 'Todos' na Mouraria? Diversidades, desigualdades, e diferenças entre os que vêm ver o bairro, nele vivem e nele querem viver. XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. [Acedido em 28 de Maio de 2015]. [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306516109\\_ARQ\\_UIVO\\_MARLUCIMENEZES\\_TEXTO\\_CONLAB\\_2011.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306516109_ARQ_UIVO_MARLUCIMENEZES_TEXTO_CONLAB_2011.pdf)
- Menezes M (2004) *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: Significados Urbanos de um Bairro de Lisboa*. Celta Editora, Oeiras.
- Menezes M (2012) Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural: 69-95.
- Moura P (2006) Também sou um ilegal. *Público*, 2 de Abril. [Acedido em 20 de Junho de 2015]. <http://www.publico.pt/espaco-publico/jornal/tambem--sou-um-ilegal-71520>
- Moura P (2009) Zona perigosa. *Público*, 12 de Junho. [Acedido em 20 de Junho 2015]. <http://blogues.publico.pt/reporterasolta/zona-perigosa/>
- Nofre J (2013) “Vintage nightlife”: gentrifying Lisbon downtown. *Fennia*, 191 (2): 106-121.
- Nunes J (2012) “Jouer son atout”: figuration et sociabilité de rue dans une banlieue de Lisbonne. *Espaces et Sociétés*, 148-149. [Acedido em 4 de Janeiro de 2016]. <http://www.cairn.info/revue-espaces-et-societes-2012-1-page-159.htm>
- O’Neil B (1984) *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Okano H e Samson D (2010) Cultural urban branding and creative cities: a theoretical framework for promoting creativity in public spaces. *Cities*, 27: S10-S15.

- Pappalepore I, Maitland R e Smith A (2014) Prosuming creative urban áreas. Evidence from East London. *Annals of Tourism Research*, 44: 227-240.
- Pavel F (2015) *Transformação urbana de uma área histórica: o Bairro Alto. Reabilitação, Identidade, Gentrification*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Peck J (2005) Struggling with the creative class. *International Journal of Urban and Regional Affairs*, 29 (4): 740-770.
- Pelouro da Habitação e Desenvolvimento Local da Câmara Municipal de Lisboa (2014), *Programa BIP/ZIP — Parcerias Locais*. [Acedido em 30 de Outubro de 2015] <http://habitacao.cm-lisboa.pt/index.htm?no=2730001>
- Polanah L (1987) *Comunidades Camponesas no Parque Nacional da Peneda-Gerês*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Prandi C (1997) [1980] Popular. *Enciclopédia Einaudi*, 36: 198-228.
- Pratt A (2011) The cultural contradictions of the creative city. *City, Culture and Society*, 2: 123-130.
- Proença R (ed.) (1982) [1924] *Guia de Portugal. Lisboa e arredores*, Vol. I. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Quintela M (2001) Turismo e reumatismo: etnografia de uma prática terapêutica nas termas de S. Pedro do Sul. *Etnográfica*, V(2): 359-374.
- Rato V (2014) Intendente a mudança em marcha. Público, 30 de Maio. [Acedido em 8 de Agosto de 2015]. <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/intendente-a-mudanca-em-marcha-335095?page=-1>
- Ribeiro G (2006) Economic globalization from below. *Etnográfica*, X (2): 233-249.
- Ribeiro M (2000) As vésperas da modernidade: do Intendente à Rua dos Anjos (1898-1908). *Cadernos do Arquivo Municipal*, 1ª série, nº 4. [Acedido em 5 de Maio de 2015]. <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/cad4/cad04.pdf>
- Richards G (2011) Creativity and tourism: the state of the art. *Annals of Tourism Research*, 38 (4): 1225-1253.
- Richards G, Wilson J (eds.) (2008) *From Cultural Tourism to Creative Tourism: Changing Places – The Spatial Challenge of Creativity*. Atlas, Arnhem.
- Simmel G, (1989) [1903] Les grandes villes et la vie de l'esprit. In Simmel G, *Philosophie de la Modernité*. Payot, Paris: 233-264.

- Slater T (2006) The eviction of critical perspectives from gentrification research. *International Journal of Urban and Regional Research*, 30.4: 737-757.
- Smith N (1996) *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. Routledge, Londres e Nova Iorque.
- Smith N, Williams P (eds.) (1986) *Gentrification of the City*. George, Allen and Unwin, Londres.
- Smith V (1989) *Hosts and Guest. The Anthropology of Tourism*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- Strauss A (1993) *Continual Permutation of Action*. Aldine de Guyter, Nova Iorque.
- Tönnies F (2001) [1887] *Community and Civil Society*. Cambridge University Press, Cambridge. [Acedido em 8 de janeiro de 2016] [http://assets.cambridge.org/97805215/61198/frontmatter/9780521561198\\_frontmatter.pdf](http://assets.cambridge.org/97805215/61198/frontmatter/9780521561198_frontmatter.pdf)
- TSF (2011) *António Costa já mudou gabinete para o Intendente*. [Acedido em 12 de dezembro de 2015] <http://www.tsf.pt/portugal/politica/interior/antonio-costa-ja-mudou-gabinete-para-o-intendente-1831147.html>
- Umbelino J (1999) *Lazer e Território – Contributo Geográfico para a Análise do Uso do Tempo*. Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional, Lisboa.
- Unidade de Projecto da Mouraria / Câmara Municipal de Lisboa (2010) *Programa de Acção Mouraria — As cidades dentro da cidade*, projeto apresentado Programa Operacional Regional de Lisboa / Quadro de Referência Estratégico Nacional, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- Urry J (2007) *Mobilities*. Polity Press, Cambridge.
- Velho G (1989) [1973] *A Utopia Urbana: um Estudo de Antropologia Social*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- Velho G (1999) Os mundos de Copacabana. In Velho G (ed.) *Antropologia Urbana. Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 11-23.
- Wearing S (2001) *Volunteer Tourism: Experiences that Make a Difference*. Cabi Publishing, New York.
- Weber M (1978) [1922] *Economy and Society* (2 vols). University of California Press, Berkeley.
- Wenger E (1998) *Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity*. Cambridge University Presse, Cambridge.

- Whyte W (1993) [1943] *Street Corner Society: Social Structure of an Italian Slum*.  
University of Chicago Press, Chicago.
- Zukin S (1982) *Loft Living: Culture and Capital in Urban Change*. The Johns Hopkins  
University Press, Baltimore, Londres.

### ***Discografia***

- Da Waesel, 2007, *Amor, Escárnio e Mal Dizer*. Parlophone, Portugal.
- Luís Cília, 1981, *Marginal*. Diapasão, Portugal.

### ***Créditos das imagens***

- Imagem 1 (p.28) — Machado & Souza, entre 1898 e 1908. Arquivo Municipal de Lisboa  
/ Fotográfico.
- Imagem 2 (p. 28) — Joshua Benoliel, 191-?. Arquivo Municipal de Lisboa / Fotográfico.
- Imagem 3 (p. 36) — Ana Magalhães, abril de 2015.
- Imagem 4 (p. 42) — Ana Magalhães, outubro de 2015.
- Imagem 5 (p. 44) — Ana Magalhães, julho de 2015.
- Imagem 6 (p. 50) — Ana Magalhães, junho de 2015.
- Imagem 7 (p. 51) — Ana Magalhães, outubro de 2015.
- Imagem 8 (p. 52) — Junta de Freguesia de Arroios. [Acedido em abril de 2016]  
[http://www.jfarroios.pt/image/layout\\_set\\_logo?img\\_id=11399&t=1460389324365](http://www.jfarroios.pt/image/layout_set_logo?img_id=11399&t=1460389324365)
- Imagem 9 (p. 53) — Augusto Fernandes, 2014.
- Imagem 10 (p. 54) — Laurie Calvet, dezembro de 2015.
- Imagem 11 (p. 55) — Câmara Municipal de Lisboa. [Acedido em abril de 2016]  
<http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/bairro-intendente-em-festa-4-a-27-julho>
- Imagem 12 (p. 56) — All Events in Lisbon. [Acedido em abril de 2016]  
<http://allevents.in/lisbon/feira-intendente-edi%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%A9-natal/1714210012140118>

Imagem 13 (p. 58) — Eva Maria Blum, julho de 2013.  
Imagem 14 (p. 58) — Eva Maria Blum, maio de 2015.  
Imagem 15 (p. 59) — Ana Magalhães, julho de 2015.  
Imagem 16 (p. 70) — Ana Magalhães, janeiro de 2016.  
Imagem 17 (p. 70) — Ana Magalhães, janeiro de 2016.  
Imagem 18 (p. 71) — Ana Magalhães, fevereiro de 2016.  
Imagem 19 (p. 76) — Ana Magalhães, entre junho e novembro de 2015.  
Imagem 20 (p. 80) — Lisboa Livre. [Acedido em abril de 2016] [http://lisboa-livre.blogspot.pt/2014\\_12\\_01\\_archive.html](http://lisboa-livre.blogspot.pt/2014_12_01_archive.html)  
Imagem 21 (p. 80) — Augusto Fernandes, dezembro de 2015.  
Imagem 22 (p. 83) — Augusto Fernandes, dezembro de 2015.  
Imagem 23 (p. 84) — Ana Magalhães, entre junho e dezembro de 2015.  
Imagem 24 (p. 85) — Augusto Fernandes, março de 2015.  
Imagem 25 (p. 86) — Augusto Fernandes, maio de 2015.

### ***Créditos dos mapas***

Mapa 1 (p. 25) — Filipe Folque, 1856-1858. Gabinete de Estudos Olissiponenses.  
Mapa 2 (p. 26) — Filipe Folque, 1856-1858. Gabinete de Estudos Olissiponenses.  
Mapa 3 (p. 46) — Regeneração do Intendente, mapa feito com base nas plantas disponibilizadas no *site* Lisboa Interativa, <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.  
Mapa 4 (p. 65) — Percorso noturno, mapa feito a partir do *Google Maps*, <https://www.google.pt/maps>.  
Mapa 5 (pp. 68-69) — Estabelecimentos do Intendente, mapa feito com base nas plantas disponibilizadas no *site* Lisboa Interativa, <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

